

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
CURSO DE MESTRADO

**PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NA COMUNHÃO  
EPISCOPAL INTERNACIONAL NA CIDADE DE RECIFE NO SÉCULO XXI: um  
estudo à luz do movimento de Jesus do Primeiro Século**

MARCOS PAULO FONSECA DA COSTA

Recife – Pernambuco  
2022

**MARCOS PAULO FONSECA DA COSTA**

**PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NA COMUNHÃO  
EPISCOPAL INTERNACIONAL NA CIDADE DE RECIFE NO SÉCULO XXI: um  
estudo à luz do movimento de Jesus do Primeiro Século**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na linha de pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade, sob orientação do Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior.

Recife – Pernambuco  
2022

C837p Costa, Marcos Paulo Fonseca da.

Participação e protagonismo de mulheres na comunhão  
episcopal internacional na cidade de Recife no século XXI :  
estudo à luz do movimento de Jesus do primeiro século /  
Marcos Paulo Fonseca da Costa, 2022.

110 f. : il.

Orientador: João Luiz Correia Júnior

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

Mestrado em Ciências da Religião, 2022.

1. Mulheres e religião. 2. Sociologia cristã. 3. Cristianismo.
4. Mulheres no cristianismo. I. Título.

CDU 2:301

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**MARCOS PAULO FONSECA DA COSTA**

**PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NA COMUNHÃO  
EPISCOPAL INTERNACIONAL NA CIDADE DE RECIFE NO SÉCULO XXI: um  
estudo à luz do movimento de Jesus do Primeiro Século**

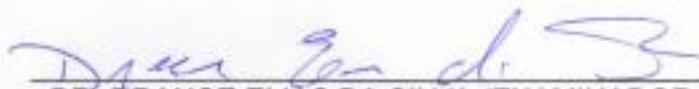
Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Data de aprovação: 19/10/2022.

### BANCA EXAMINADORA



DR. JOÃO LUIZ CORREIA JÚNIOR (ORIENTADOR E PRESIDENTE DA BANCA)  
UNICAP



DR. DRANCE ELIAS DA SILVA (EXAMINADOR INTERNO)  
UNICAP



DR. JOSÉ ROBERTO DE SOUZA (EXAMINADOR EXTERNO)  
FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA

RECIFE, 2022

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos e financiamento da pesquisa por meio do Programa de Suporte a Pós-graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP).

Ao orientador, Prof Dr. João Luiz Correia Júnior.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP.

À funcionária Danielle do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP.

À Comunhão Episcopal Internacional.

À Hanna, Gui, Juanito e Justinho.

“Seu nome [o de Jesus] tem sido usado e abusado para justificar crimes, para assustar crianças e para inspirar uma insensatez heroica a homens e mulheres.”  
(ALBERT NOLAN).

## **PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NA COMUNHÃO EPISCOPAL INTERNACIONAL NA CIDADE DE RECIFE NO SÉCULO XXI: um estudo à luz do movimento de Jesus do Primeiro Século**

### **RESUMO**

É de conhecimento geral que muitas mulheres no Brasil padecem de violência doméstica, chefiam lares sozinhas e percebem salários menores do que homens, mesmo possuindo igual qualificação e experiência que aqueles. Os objetivos deste trabalho foram, em função dos óbices listados, estudar a participação e o protagonismo de mulheres em comunidades de fé da Comunhão Episcopal Internacional na cidade de Recife (CEI/Recife) do Século XXI, investigar que tipo de relação o movimento de Jesus inaugurou com as mulheres que dele participaram e analisar em que medida a compreensão da presença de mulheres no movimento de Jesus no Primeiro Século pode contribuir para um olhar crítico sobre a condição das mulheres da CEI/Recife nos dias de hoje. Para tanto, onze voluntárias responderam, entre abril de 2020 a dezembro de 2021, um questionário sobre assuntos relacionados a protagonismo de mulheres na CEI/Recife, investigamos a atuação das mulheres na CEI/Recife, apresentando aspectos que demonstraram a real situação e condição delas nessas comunidades de fé. Estudamos também traços da valorização da mulher no movimento de Jesus, que demonstram sua perspectiva acolhedora e, além disso, aprofundamos elementos que contribuíram para o protagonismo das mulheres na CEI/Recife, à luz da compreensão do movimento de Jesus. Os autores e autoras escolhidos para a fundamentação teórica foram: Gerd Theissen, Wolfgang Stegemann, Ekkehard Stegemann e Elisabeth Fiorenza. Constatamos, como principal resultado da pesquisa, uma tensão existente entre certas respostas dadas pelas onze colaboradoras e a realidade vivida por elas: algumas responderam que a CEI/Recife incentiva o exercício de liderança por parte das mulheres, porém apenas uma delas ocupa cargo de protagonismo na Igreja – participação em Junta Eclesial. Ou seja, embora as mulheres atuem em várias frentes nas comunidades de fé, no escopo desta pesquisa não foi possível constatar protagonismo efetivo das mulheres na CEI/Recife.

**PALAVRAS-CHAVES:** Comunidade Episcopal Internacional. Movimento de Jesus. Mulheres e religião.

## **ABSTRACT**

It is common knowledge that many women in Brazil suffer from domestic violence, head households alone and earn lower wages than men, even though they have the same qualifications and experience. The objectives of this work were, depending on the obstacles listed, to study the participation and protagonism of women in faith communities of the International Episcopal Communion in the city of Recife (CEI/Recife) in the 21st century, to investigate what kind of relationship the Jesus movement inaugurated with the women who participated in it and to analyze to what extent the understanding of the presence of women in the Jesus movement in the First Century can contribute to a critical look at the condition of women in the CEI/Recife today. To this end, eleven volunteers answered, between April 2020 and December 2021, a questionnaire on issues related to the role of women in the CEI/Recife, we investigated the performance of women in the CEI/Recife, presenting aspects that demonstrated their real situation and condition in these faith communities. We also study traits of the valorization of women in the Jesus movement, which demonstrate their welcoming perspective and, in addition, we deepen elements that contributed to the protagonism of women in the CEI/Recife, in the light of the understanding of the Jesus movement. The authors chosen for the theoretical foundation were: Gerd Theissen, Wolfgang Stegemann, Ekkehard Stegemann and Elisabeth Fiorenza. As the main result of the research, we found a tension between certain answers given by the eleven collaborators and the reality experienced by them: some responded that the CEI/Recife encourages the exercise of leadership by women, but only one of them occupies a leading role. in the Church – participation in the Ecclesial Board. In other words, although women act on several fronts in faith communities, within the scope of this research it was not possible to verify the effective role of women in the CEI/Recife.

**KEYWORDS:** International Episcopal Community. Jesus Movement. Women and religion.

## LISTA DE SIGLAS

CEI - Comunhão Episcopal Internacional

CF - Cursilho Feminino

CIIEC -Comunhão Internacional da Igreja Episcopal Carismática

CR - Catedral da Reconciliação

CST - Catedral da Santíssima Trindade

EBD - Escola Bíblica Dominical

ECC - Encontro de Casais com Cristo

IECB - Igreja Episcopal Carismática do Brasil

IEC - Igreja Episcopal Carismática

HL - *Holy Trinity*

JE - Junta Eclesial

NT - Novo Testamento

PDC - Paróquia Deus Conosco

PR - Paróquia Ressurreição

SETEC - Seminário Teológico Episcopal Carismático

## SUMÁRIO

|                        |           |
|------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b> | <b>10</b> |
|------------------------|-----------|

### **CAPÍTULO 1**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO.....</b> | <b>20</b> |
|--|-----------|

|  |    |
|--|----|
| 1.1 ANTECEDENTES SOCIORRELIGIOSOS DO MOVIMENTO DE JESUS..... | 20 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.2. CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO DE JESUS..... | 30 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.3 PROTAGONISMO DE MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS..... | 42 |
|---|----|

### **CAPÍTULO 2**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES EM COMUNIDADES DE FÉ DA COMUNHÃO EPISCOPAL INTERNACIONAL NA CIDADE DE RECIFE DO SÉCULO XXI.....</b> | <b>50</b> |
|--|-----------|

|   |    |
|---|----|
| 2.1 A CEI COMO INSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE ANGLICANA..... | 50 |
|---|----|

|  |    |
|--|----|
| 2.2 CÂNONES DA CEI QUE TOCAM NA QUESTÃO DE GÊNERO..... | 57 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS ECONÔMICO-SOCIAIS A RESPEITO DAS MULHERES BRASILEIRAS..... | 58 |
|---|----|

### **CAPÍTULO 3**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO E DO PROTAGONISMO DE MULHERES NA CEI/RECIFE DO SÉCULO XXI À LUZ DO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO.....</b> | <b>62</b> |
|--|-----------|

|   |    |
|---|----|
| 3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO..... | 62 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 3.2 A IMPORTÂNCIA DE UM AHERMENEUTICA ANTIANDROCÊNTRICA E ANTIPATRIARCAL..... | 76 |
|---|----|

|  |            |
|--|------------|
| 3.3 CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS DO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO PARA O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CEI/RECIFE DO SÉCULO XXI..... | 83         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>88</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>95</b>  |
| <b>ANEXO I (QUESTIONÁRIO APLICADO).....</b>  | <b>98</b>  |
| <b>ANEXO II (CÂNONES 5, 6 E 7 DA CEI).....</b>   | <b>101</b> |

## INTRODUÇÃO

A Folha de São Paulo (2020) noticiou que “A cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra”. Isso escancara uma porta para estudos que envolvam os chamados problemas de intersecção acerca das mulheres – questões envolvendo o ser mulher e o ser negra. No caso deste trabalho, o recorte está focado apenas na participação e no protagonismo delas, sem levar em conta o lado racial.

De um lado, abordaremos a participação e o protagonismo<sup>1</sup> de mulheres no movimento de Jesus, no primeiro século. De outro, esse binômio será também enfocado em relação a mulheres na Comunhão Episcopal Internacional (CEI) na Recife do Século XXI.

Quanto a Jesus de Nazaré e o movimento que ele inspirou, sabemos que Jesus é objeto de muita controvérsia até hoje. Desde os inícios do Cristianismo, sempre houve grandes discussões e debates acalorados sobre ele. Muitos o enxergaram como o messias judaico divino, crença que se popularizou e atingiu o mundo greco-romano. Na língua grega, esse messias tornou-se cristo.

Há, porém, certa compreensão que volta seu olhar para o aspecto comum de Jesus, atendo-se mais às características humanas dele; é o campo de estudo conhecido como a “busca pelo Jesus histórico”. Deixa-se de lado a intenção teológica e volta-se o interesse para o estudo de elementos históricos que o cercam.

Dando outro passo, é de conhecimento comum entre estudantes e estudiosos do assunto o fato segundo o qual a condição da mulher na sociedade judaica dos tempos de Jesus não era nada aprazível (GASS, 2011, p. 178). Dentre os que se dedicam ao estudo do Jesus histórico, fica bem estabelecido que houve um movimento liderado por Jesus de Nazaré e que, nesse ambiente, a mulher gozou de melhor status que suas contemporâneas. “Jesus...: enfrenta a estrutura patriarcal; resgata a radical igualdade entre homens e mulheres; admite-as em sua companhia como discípulas; tem amigas; aprende delas...” (GASS, 2011, p.179).

---

<sup>1</sup> A ideia de protagonismo das mulheres neste trabalho envolve: liderança nos espaços eclesiásticos, capacidade de iniciativa para tomar decisões relevantes no âmbito do grupo, possibilidade de compor núcleos que estabelecem os rumos estratégicos da comunidade de fé de que faz parte e também o potencial de serem ordenadas pastoras (Nota do Autor).

Embora distantes temporal e geograficamente, é inegável também o caminho de conquistas trilhado por mulheres brasileiras. Áreas antes restritas ao trânsito masculino, hoje tornaram-se palco de muitas mulheres - repórteres, apresentadoras, âncoras; secretárias municipais e estaduais, ministras de Estado e, inclusive, a primeira mulher presidente da República. Além disso, até as Forças Armadas promoveram uma mulher ao almirantado.

Apesar de todo esse avanço, algo não anda tão bem quando se fala de mulheres evangélicas<sup>2</sup>. O outro lado da moeda é que se tem visto, nos dias de hoje: mulheres evangélicas figurando no polo negativo de estatísticas surpreendentes – no quesito de violência doméstica, essa “mulher de Deus” aparece com frequência e com intensidade, o que pode causar grande estranheza ao leitor (CORREIO, 2017; HYPENESS, 2018).

Além disso, como informações gerais sobre mulheres, aparecem fatores que impedem o protagonismo feminino na sociedade como um todo: mulheres sozinhas chefiando famílias (OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR, 2019) e a questão por demais conhecida do salário de mulheres mais baixo do que o de homens que exercem o mesmo trabalho e possuem as mesmas qualificações que elas (PORTAL R7, 2019). Contudo, antes de prosseguir, é preciso estabelecer que, neste trabalho, movimento de Jesus (ou cristianismo primitivo, cristianismo das origens, protocristianismo, etc.) não é sinônimo de igreja evangélica<sup>3</sup>.

A partir desse ponto, com a pesquisa cujo título é “Participação e protagonismo de mulheres na Comunhão Episcopal Internacional na Recife do Século XXI: um estudo à luz do movimento de Jesus no Primeiro Século”, surgiram algumas perguntas: face aos diversos obstáculos enfrentados pelas mulheres

---

<sup>2</sup> A fim de delimitar o termo evangélico, opta-se por seguir a definição dos próprios evangélicos, retirada do site da Aliança Evangélica Mundial (Word Evangelical Alliance, WEA). O site pode ser lido em inglês ou espanhol. A opção pelo espanhol deu-se por ser de melhor entendimento para a maioria dos leitores: “¿Qué queremos decir con ‘evangélico’? Los evangélicos enfatizan la importancia de una relación individual y personal con Dios que no está definida por ninguna asociación política, cultural o social, ni se da automáticamente a través de la membresía nominal de una denominación específica. En cambio, los evangélicos son reconocidos por su alta estima por la Biblia como la Palabra de Dios que guía su vida diaria; la convicción de que la salvación solo se recibe por fe através de Jesucristo, quien murió en la cruz y resucitó a la vida; que Dios es trino como Padre, Hijo y Espíritu Santo; y algunas otras creencias centrales como se encuentran en la Declaración de Fe de WEA.” (WEA, 2020)

<sup>3</sup> “Quando vêem a palavra *cristianismo*, muitas pessoas imaginam uma religião completamente diferente do judaísmo. Essa é uma descrição correta da situação na época presente, mas é erradíssima em relação ao início do século I. (...) Sempre que uso as palavras *cristão* e *cristianismo*, neste livro, refiro-me a uma seita dentro do judaísmo.” (CROSSAN, 2004, p.38). Assim, movimento do Jesus histórico, cristianismo das origens e cristianismo primitivo são sinônimos e significam um tipo de judaísmo, uma seita dentro do espectro religioso judaico do Primeiro Século.

brasileiras como um todo e face à maneira acolhedora como a mulher foi recebida no movimento de Jesus, há protagonismo de mulheres em comunidades de fé da CEI/Recife nos dias atuais? Como o estudo da participação de mulheres no movimento de Jesus do Primeiro Século pode contribuir para se estabelecer um olhar crítico sobre a atuação de mulheres na CEI/Recife nos dias de hoje<sup>4</sup>?

Para tentar responder a essas questões, foram propostos os seguintes objetivos: o objetivo geral do estudo foi analisar a participação e o protagonismo das mulheres na CEI/Recife, no início do século XXI, à luz de estudos sobre o movimento de Jesus (Séc. I).

Já os objetivos específicos foram os seguintes: 1) apresentar historicamente estudos sobre a valorização e o protagonismo da mulher no movimento de Jesus, demonstrando sua perspectiva acolhedora face à condição de desvantagem em que viviam as mulheres no judaísmo majoritário do primeiro século; 2) Investigar a atuação da mulher na CEI/Recife, apresentando aspectos relevantes que demonstrem a real situação e condição da mulher nessa comunidade cristã; e 3) identificar e aprofundar elementos que contribuam para o protagonismo das mulheres na CEI/Recife, à luz da compreensão do movimento de Jesus.

A importância do estudo justifica-se, pois, como noticia a Folha de São Paulo (2020), os evangélicos vêm crescendo no Brasil e as mulheres são maioria nesse segmento. Somado a isso, abre-se com esta investigação a possibilidade de que sejam colhidos os bons frutos plantados pelo movimento de Jesus para com as mulheres daquela época e que, *mutatis mutandis*, tais frutos possam ser trazidos para a mesa das mulheres que congregam em diferentes comunidades de fé da CEI/Recife de nossos dias.

O pressuposto central desta pesquisa é o fato de que o ser humano pode, mediante práxis inteligente e transformadora, modificar o meio em que vive e por onde se move. No âmbito social não há fixismo, não existe naturalidade; existem, sim, costumes e normatizações (BERGER, 1985, p. 61; BOURDIEU, 2017, p. 8). Entendida a realidade social como modificável, é encorajador o estudo do movimento de Jesus e é palpável a possibilidade de inspiração nele para melhorar o mundo de hoje. Gerd Theissen, Wolfgang Stegemann, Ekkehard Stegemann e

---

<sup>4</sup> Embora haja perfeito entendimento de que os contextos sociais sejam bem diversos, é possível traçar o paralelo, pois, de alguma forma, os evangélicos de hoje possuem pontos de contato com o antigo movimento de Jesus.

Elisabeth Fiorenza são os pilares teóricos sobre os quais esta pesquisa foi construída.

Por último, a respeito da metodologia utilizada, a aplicação de questionário a mulheres voluntárias das comunidades de fé da CEI/Recife foi um dos caminhos adotados. O outro percurso seguido foi o já consagrado nas pesquisas sobre religião – a revisão bibliográfica. Consoante Greschat (2005), nem toda pergunta é um problema científico; às vezes, a pergunta até configura um problema, porém este não está no radar das ciências das religiões: seja por não ser questão empírica, seja porque é indagação que não pode ser respondida dentro do escopo das ciências das religiões.

Nem tudo que parece novo ou interessante é um problema científico. Por isso, deve-se avaliar sua qualidade e verificar o seguinte: trata-se de uma pergunta? Essa pergunta é relevante no contexto da ciência da religião? Ela pode ser respondida do ponto de vista da ciência da religião (GRESCHAT, 2005, p. 31)?

Embora este trabalho não possua inspiração nos autores centrados na fenomenologia da religião - Chantepie de la Saussaye, E. Lehmann, A. Bertholet, Gerardus van der Leeuw, Rudolf Otto, Ugo Bianchi, etc (RIES, 2019, p. 39-41) -, adota-se aqui a postura metodológica segundo a qual, em Ciências das religiões<sup>5</sup>, a fala do “nativo” é valiosa na pesquisa científica sobre o fato religioso.

É importante destacar que tal partido metodológico não é exclusivo dos fenomenólogos da religião; a antropologia social já lista em suas fileiras a chamada “perspectiva antropológica”<sup>6</sup>, segundo a qual o elemento comparativo e relativo na abordagem da religião aparece com muita força. As limitações da fenomenologia da religião<sup>7</sup> a afastam das pressuposições deste trabalho, que adota uma aproximação ao método das ciências sociais na pesquisa religiosa.

---

<sup>5</sup> Ambos os termos no plural, cujo sentido básico é “ciências” – múltiplos olhares científicos sobre o fenômeno religioso, neste caso, uma religião singular, existente no tempo e no espaço – e “religiões” – não existe “a religião” em abstrato, há, sim, manifestações no tempo e no espaço de religiosidade, ou seja, religiões.

<sup>6</sup> “Esta orientação básica leva a três aspectos da ‘perspectiva antropológica’. Em primeiro lugar, a antropologia procede através da descrição comparativa ou intercultural... Em segundo lugar, a antropologia adota uma posição de holismo... Em terceiro lugar, a antropologia defende o princípio do relativismo cultural.” (ELLER, 2018, p. 24 e 25).

<sup>7</sup> “Segundo ele [Michel Meslin] a pretensão da fenomenologia de reduzir o contexto histórico, colocando-o simplesmente entre parênteses em vista de evidenciar o sentido universal, é insustentável; com efeito, todos os fenômenos religiosos são, antes de tudo, realidades históricas vividas em determinada cultura.” (RIES, 2019, p. 41).

Na esteira da via aberta por Greschat, pretende-se responder às seguintes perguntas: diante de tantos obstáculos enfrentados pelas mulheres brasileiras - violência doméstica, salários menores, chefiar famílias sozinhas -, existe atualmente protagonismo das mulheres que congregam em comunidades da CEI/Recife? Que tipo de relação o movimento de Jesus inaugurou com as mulheres que dele participaram?

Em que medida a compreensão da presença de mulheres no movimento de Jesus pode contribuir para um olhar crítico sobre a condição das mulheres que congregam na CEI/Recife hoje? E mais: como mulheres de hoje, em comunidades de fé da CEI/Recife, tem equacionado, em movimento dialético, o pertencimento evangélico com o enfrentamento dos desafios que a sociedade brasileira impõe a elas?

Em outras palavras, fica delineado, nesta pesquisa, traço de contraponto a respeito das práticas acolhedoras da mulher desenvolvidas pelo grupo de Jesus e as variadas muralhas operadas em desfavor da mulher por uma sociedade brasileira, cuja maioria apurada em censo religioso, declara-se cristã (CAMURÇA, Marcelo Ayres In: TEIXEIRA e MENEZES, 2013, p. 70).

No que diz respeito à participação das mulheres, houve aplicação de questionário via “formulários *google*”. Contudo, apenas onze delas o preencheram, a despeito do esforço deste pesquisador em divulgar o estudo<sup>8</sup> e solicitar que elas respondessem aos quesitos propostos. De acordo com Pires (2014, p. 89), a sondagem por questionário pode servir como instrumento de investigação na pesquisa qualitativa. *Deslauriers* (2014, p. 140) é de mesma opinião.

O critério adotado para a escolha das mulheres foi nenhum. Foram solicitados aos reitores das Paróquias Deus Conosco, Ressurreição e foram realizados contatos com mulheres das Catedrais da Santíssima Trindade e da Reconciliação. Solicitou-se, a partir do aplicativo Formulários Google chamado A MULHER NA IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA, aberto em abril de 2020. Entretanto, apenas onze responderam o questionário. A pista explicativa para um número tão baixo de respondentes é a incidência da Pandemia de COVID-19, apesar de o meio de resposta ter sido eletrônico.

---

<sup>8</sup> Chegou-se mesmo a visitar a Comunidade “Deus Conosco”, no bairro da Madalena, e expor as razões da pesquisa no culto público dominical.

Embora contenha números, esta investigação pretende dedicar atenção aos aspectos de significado dos números obtidos, em comparação com a realidade concreta das mulheres pesquisadas no contexto das comunidades de fé da CEI/Recife. O questionário aplicado foi de tipo semiestruturado, ou seja, apresenta perguntas fechadas e abertas. Isso habilita a análise qualitativa e se empresta a um exame das respostas de forma a que se busque “um sentido para os dados coletados” (DESLAURIERS, 2014, p. 140).

Além disso, o questionário semiestruturado possibilita maior margem para respostas espontâneas, o que acaba contribuindo para a veracidade da situação real das respondentes. Por fim, não há pretensão alguma, neste trabalho, de formulação de teorias gerais<sup>9</sup> sobre mulheres e igrejas, a partir de números tão pequenos como os coletados aqui, afinal, trata-se de pesquisa qualitativa.

Para justificar este tipo de investigação acadêmica, pensamos que vale à pena exprimir motivações pessoais e outras de caráter mais geral. No âmbito pessoal, e aqui peço licença para fazer uso da primeira pessoa do singular, sempre verifiquei certa opressão sofrida pela mulher: desvantagens evidentes por não exercer atividade remunerada e tornar-se dependente financeira do parceiro; tratamento de assuntos sexuais e amorosos em quase “segredo de Estado”, sob pena de ser estigmatizada como devassa, vadia etc; muitas vezes ter que suportar, com evidências de sobra, deslealdade e infidelidade do companheiro sem poder fazer nada de efetivo para demover o marido da traição amorosa e nem fazer com que ele se retire de casa.

Vi muito disso no seio de meu grupo familiar estendido. Somado a isso, com as leituras do Novo Testamento (NT) e estudos posteriores sobre o chamado Cristianismo das origens, passei a entender que muito do que ocorreu na seita judaica de Jesus poderia contribuir para trazer uma lufada de ar fresco às mulheres como um todo e, em específico, para impulsionar o protagonismo da mulher nas diversas comunidades de fé da CEI/Recife.

---

<sup>9</sup> “Para contrabalançar essa tendência [de teorias gerais, ‘a grande teoria’], a pesquisa qualitativa põe ênfase nos atores e no contato direto com o campo de pesquisa; paralelamente, ela recorre, sobretudo, à teoria de alcance restrito.” (DESLAURIERS, 2014, p. 136).

Além disso, convém salientar que minha condição de pastor da CEI/ Recife por um lado me confere um bom conhecimento sobre as práticas efetivas das comunidades de fé e, por outro, me deixa pouco à vontade para criticar minha própria denominação. Deixo, claro, porém, que minha intenção nesta pesquisa é a busca por conhecimento sobre Jesus de Nazaré, abalizado por estudiosos da área<sup>10</sup>, o que pode contribuir para práticas mais aproximadas ao pensamento dele em relação às mulheres.

As considerações gerais que justificam este estudo aparecem agora. É de saber comum entre os que se dedicam ao estudo do chamado movimento de Jesus que a acolhida da mulher nessa microssociedade foi inovadora para a época. O movimento de Jesus colocou a mulher em posição de destaque e de liderança. Gass (2011) expõe com clareza em que lugar estava a mulher na Galileia e na Judeia, bem como nas adjacências de ambas as localidades:

A sociedade e a família eram patriarcais...A mulher, enquanto estava na casa paterna, pertencia ao pai. Depois, ao marido...Era excluída da vida pública na cidade e nas aldeias...Jamais poderia ser juíza e seu testemunho era colocado em dúvida... Jesus inaugura um novo modo de se relacionar com as mulheres (GASS, 2011, p.178).

Hoje, a presença evangélica experimenta forte crescimento no Brasil (TEIXEIRA, Faustino In: TEIXEIRA e MENEZES, 2013, p. 24). Além disso, em recorte de gênero, a maioria dos evangélicos é formada por mulheres (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Contudo, de forma surpreendente e até paradoxal, muitas mulheres evangélicas aparecem em estatísticas perniciosas. Elas estão fortemente associadas, como vítimas, à violência doméstica, além de muitas delas também sofrerem o peso dos salários relativos menores e das chefias solitárias dos lares.

A partir da polaridade que se estabelece entre a práxis do movimento de Jesus e a práxis da sociedade brasileira hoje, surge o interesse de se investigar em que medida os tais obstáculos às mulheres brasileiras embaraçam o protagonismo das mulheres em comunidades de fé da CEI/Recife e em que a reflexão sobre a presença de mulheres no movimento de Jesus pode iluminar a condição dessas

---

<sup>10</sup> Embora o foco bibliográfico desta pesquisa sejam os estudiosos Stegemann (2012), Stegemann & Stegemann (2004), Theissen (2008), Theissen & Merz (2002) e Fiorenza (1992), as fontes históricas sobre o movimento de Jesus por excelência são as encontradas no NT. Todavia, em razão da metodologia seguida neste estudo, lança-se mão desses eruditos (as) porque eles (as) usam as fontes neotestamentárias sempre comparando-as com o conhecimento histórico e sociológico disponível sobre o movimento de Jesus.

mulheres hoje. Nesse sentido, Theissen e Mertz (2002, p.15) resumem o efeito principal de se investigar sobre o Jesus histórico e que também contribui como justificativa para esta investigação: "...uma reflexão sobre sua mensagem aguça a consciência social." Pretende-se olhar o passado, o cristianismo das origens, também conhecido como protocristianismo, com uma visão contemporânea<sup>11</sup>.

No que diz respeito aos estudos acerca do Jesus histórico e do movimento por ele iniciado, muito já foi escrito. Tanto que a investigação sobre o Jesus histórico é comumente dividida em cinco fases, como bem expressam Theissen e Merz (2002, p. 21 a 30). A matriz intelectual desta pesquisa seguirá os passos da quinta fase, a "Third Quest", a partir de quatro pilares: Gerd Theissen, Wolfgang Stegemann, Ekkehard Stegemann e Elisabeth Fiorenza.

Nessa fase da pesquisa sobre o Jesus histórico, busca-se o resgate da gênese judaica de Jesus e sua relação com a cultura da Galileia, da Judeia e do ambiente greco-romano mais amplo (VERMES, 2015, p. 7). Sobre essa fase da pesquisa, Stegemann (2012, p. 144) esclarece

Que Jesus foi um judeu e não queria ser outra coisa que judeu, e que essa percepção entrementes é amplamente aceita já também na pesquisa cristã sobre Jesus, precisa valer como a inovação decisiva da terceira procura por Jesus.

Ainda sobre a "Third Quest", e como ponto nevrálgico para esta pesquisa, está o fato de a Quinta Fase da pesquisa sobre o Jesus histórico ser aberta para reflexão sobre gênero. "A teologia feminista e as perguntas da pesquisa de gênero pertencem às peculiaridades da Third Quest." (STEGEMANN, 2012, p. 151).

Nesse sentido, a contribuição de Fiorenza (1992) é peça chave para o desenvolvimento deste trabalho. A fim de desnudar a interpretação majoritária que nunca deu às mulheres o devido crédito e nem o devido lugar na história do cristianismo primitivo, Fiorenza (1992, p. 11) entende que a investigação sobre o assunto "pressupõe análise crítica histórica e teológica e também o desenvolvimento de uma hermenêutica histórico-bíblica feminista."

Como prelúdio à abordagem, deve-se atentar para o fato de que, como toda atividade humana, o movimento de Jesus também foi complexo e possuiu elementos de contradição. Theissen e Mertz (2002, p. 243) lembram com honestidade e

<sup>11</sup> Por óbvio, não se trata de refundar o cristianismo nem a igreja evangélica, muito menos de lançar mão de anacronismo histórico. Trata-se, com efeito, de tentar resgatar aspectos do movimento de Jesus que podem ser úteis para nossos dias e que estejam aptos a iluminar a trajetória de busca por protagonismo das mulheres na CEI/Recife de hoje.

coragem que a linguagem das fontes escritas sobre o Jesus histórico era androcêntrica em geral, porém que a práxis do movimento trouxe, sim, a chamada revolução de valores (THEISSEN, 2008, p. 9). Não é preciso romantizar o movimento de Jesus.

Feitas as ressalvas, dá-se prosseguimento agora com o diferencial trazido à baila pelo movimento do Jesus histórico no que diz respeito às mulheres. Gass (2011, p. 179) aponta novo paradigma traçado por Jesus na relação com as mulheres de seu movimento: amizade, dação de oportunidades, escuta, dignidade, entre outras características.

Adentrando em solo metodológico, preliminarmente, as Ciências das Religiões, como qualquer saber que se pretende científico, devem se cercar de cautelas das quais não pode prescindir, sob pena de tornar-se um solo por demais movediço.

...no caso particular das CR [Ciências das Religiões], qualquer que seja a definição proposta, ela não poderá deixar de corresponder àqueles caracteres de 'hipoteticidade', arbitrariedade, verificabilidade e, conseqüentemente, de falsificabilidade, que marcam em geral a maneira de agir do método científico (FILORAMO e PRANDI, 1999, p. 16 e 17).

Uma vez aceita a nomenclatura de “ciências das religiões” proposta por Filoramo e Prandi (1999), fica pressuposto aqui neste trabalho que as sociedades são mutáveis e que não é adequado falar-se em “religião” no singular, mas sempre em “religiões” no plural. Disso decorre que as pesquisas podem gerar efeitos benéficos a determinados grupos sociais, no caso aqui das mulheres, pois fica tida como pressuposto a possibilidade de mudar para melhor a realidade sócio-histórica mediante práxis humana transformadora.

Ao mesmo tempo, para investigação de campo, mulheres voluntárias que congregam em comunidades de fé da IECB responderam questionários com perguntas sobre aspectos sociais, econômicos e religiosos. Foram aplicados questionários a onze mulheres de comunidades de fé da CEI em bairros do Recife com diferentes indicadores sociais e econômicos.

Nesse sentido, é tranquilo depreender que Greschat (2005) entende o objeto da pesquisa do cientista da religião como certa religião existente no tempo e no espaço. Leciona Greschat (2005, p. 33): “Como qualquer outro objeto de estudo, a religião tem uma dimensão visível”.

Além disso, para ele “a origem de fontes para a Ciência da Religião são seres humanos.” (GRESCHAT, 2005, p. 36). Os questionários emprestam materialidade e empiricidade à pesquisa. O tipo de tratamento conferido ao material coletado foi de tipo semântico, com viés qualitativo, a fim de tentar apreender aspectos sociais, econômicos e subjetivos da mulher evangélica nas comunidades de fé da CEI/Recife nos dias de hoje. Contudo, em se tratando de ciência, o próprio Greschat (2005, p. 39) adverte para o imponderável da atividade científica:

Primeiro, faz-se uma pergunta. Depois, procura-se material para respondê-la. Muitas vezes, o material modifica a pergunta original, uma vez que os fatos descobertos não correspondem àquilo que se esperava no início.

Dessa forma, a fim de serem alcançados os objetivos propostos, esta dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro, realizamos investigação do movimento histórico de Jesus do primeiro século e como as mulheres foram recepcionadas ali; no segundo, historiamos brevemente os passos do anglicanismo no Brasil, de onde a CEI deriva e fizemos exposição de aspectos legais e doutrinários da CEI/Recife. Por fim, no terceiro capítulo, investigamos, mediante análise do questionário aplicado, a condição das mulheres em comunidades de fé dessa igreja: que tipos de ministérios (ou pastorais) exercem, como elas se sentem em relação ao ambiente na CEI/Recife, entre outros aspectos; além disso, buscamos descrever como e em que medida o tratamento dispensado às mulheres pelo movimento de Jesus pode contribuir, hoje, para as mulheres das comunidades de fé da CEI/Recife.

## CAPÍTULO 1

### PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO

Na tentativa de abordar sem reducionismos e com rigor acadêmico a participação e o protagonismo de mulheres no movimento de Jesus do Primeiro Século, é de importância lapidar fazer antes alguns esclarecimentos sobre aspectos importantes desse movimento. Feito isso, pode-se discorrer com alguma profundidade acerca da questão das mulheres no movimento de Jesus e do protagonismo delas ali naquele meio.

Dessa forma, neste capítulo, são contemplados os temas adiante: (a) “antecedentes sociorreligiosos<sup>12</sup> do movimento de Jesus”, (b) “Características do movimento de Jesus” e (c) “Protagonismo de mulheres no movimento de Jesus”.

#### 1.1 ANTECEDENTES SOCIORRELIGIOSOS DO MOVIMENTO DE JESUS

Não sendo as concepções abordadas à frente (tendências apocalípticas, grupos e partidos religiosos, movimentos profético-carismáticos, bandidos sociais e antirreais) objeto central deste estudo, o que será descrito aqui limita-se ao julgado mínimo indispensável para compreensão de fatores que influenciaram o movimento de Jesus como exposto ao longo deste trabalho e sua repercussão sobre a vida das mulheres.

A chamada apocalíptica judaica é importante para a compreensão do movimento de Jesus e da práxis que esse movimento possuía em relação às mulheres. Vários de seus postulados estão dados no NT ou simplesmente pressupostos ali. Tempo final, sofrimento dos justos, aparecimento de um messias, emergência de um novo tempo, são preocupações presentes nos escritos conhecidos sobre o movimento de Jesus. Daí a importância da apocalíptica judaica para esta pesquisa.

---

<sup>12</sup> “Não havia um limite claro entre setores religiosos e não-religiosos da vida” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 164) e “Os judeus não faziam nenhuma distinção entre política e religião...Um problema puramente secular teria sido inconcebível.” (NOLAN, 1987, p. 136).

O conjunto de motivos apocalípticos é pluriforme. Fazem parte dele concepções sobre a presença do tempo final e o aumento do mal ou de tempos de tribulação e catástrofes cósmicas, a expectativa da ressurreição, de um juízo final sobre todas as pessoas e de um novo éon; desenvolvem-se também concepções mitológicas de uma figura de juiz celestial como a do “Filho do Homem” e, mais tarde, também de figuras messiânicas de um Salvador (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 171 e 172).

Na formação do apocalipsismo é crucial a análise do contexto histórico em que a comunidade religiosa geradora da literatura estava inserida. Essa interpretação da realidade é a típica resposta dada por setores da intelectualidade judaica às situações de fato enfrentadas. O *sitz in lebem*<sup>13</sup> vivido pela sociedade judaica a partir do Século II AEC<sup>14</sup> concorreu fortemente para a gênese da apocalíptica.

Mesmo que ele não decorra diretamente da intensa helenização forçada da Judeia sob o selêucida Antíoco IV Epifanes, por serem suas origens anteriores, ainda assim, desde a Batalha de Magnésia (190 a.C), as medidas de coerção política, econômica e religiosa, cada vez mais militantes, contribuíram decisivamente para a formação do apocalipsismo (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 173).

Demarcação importante deve ser feita entre apocalipse como fenômeno literário e apocalipse como movimento de cunho milenarista (quiliástico), como bem assinalam Stegemann & Stegemann (2004, p. 175):

Diferenciamos, porém, entre o apocalipsismo como fenômeno literário-elitista... e os fenômenos proféticos milenaristas ou quiliastas como, por exemplo, o movimento de penitência de João Batista e o seguimento de Jesus, originários predominantemente do estrato inferior e conformados como autênticos movimentos de figuras carismáticas... Mas estes igualmente se comunicam...

Ou seja, embora a literatura apocalíptica seja produto da elite sacerdotal judaica, ela abriu espaço para a revolução de valores propugnada por Theissen (2008) e, em consequência do suporte que deu à ardente expectativa de inversão social iminente, o apocalipsismo foi um dos sustentáculos para a mudança de tratamento dado às mulheres e para a inversão da posição social delas levada a cabo pelo movimento de Jesus. Essa tônica popular do apocalipsismo ajuda a compreender o tratamento dado às mulheres que ali estavam, bem como auxilia no

<sup>13</sup> Do alemão, situação de vida, ou seja, contexto concreto de existência humana.

<sup>14</sup> Antes da Era Comum.

entendimento da inversão de valores que esse movimento promoveu em relação a elas.

Por fim, vale destacar que as revelações das últimas coisas (escaton) envolvem tensão política, clamor social e grande expectativa por parte da comunidade religiosa envolvida. Esses escritos dão saciedade ao grupo que deles se alimentam e concorrem também para compor uma atmosfera de pertença social e de liga diante das adversidades da vida e das hostilidades externas de pessoas e de governantes. Contudo, como já dito, as interpretações da Torá eram diversas, embora houvesse o chamado “núcleo duro” (origem sobrenatural da Torá, eleição de Israel, etc) interpretativo, que permanecia intacto entre as variadas correntes existentes na época.

Para Stegemann & Stegemann (2004, p. 177) as correntes do Judaísmo do Século I foram fenômenos sociológicos de desviância<sup>15</sup>, que é um tipo de chave interpretativa sociológica. Como dito antes, temas como monoteísmo, eleição e lei judaica garantiam certa unidade às diversas correntes judaicas da época de Jesus de Nazaré, embora os aludidos autores prefiram falar de judaísmos no plural, em vez de judaísmo no singular (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 177).

A desviância reflete certa inconformidade com as condições concretas com que se deparam as pessoas em dado contexto de vida. A ideia de desviância é dizer não a algo; é não se curvar ante as adversidades postas pela sociedade ou por governos. Stegemann & Stegemann (2004, p. 179) entendem, dessa forma, que

Decisivos são antes os fatores que provocam a crise ou a mudança da sociedade e, em seu todo, forçam uma nova orientação e, ao mesmo tempo, uma delimitação que marca a identidade (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 179).

Diante disso, os grupos mais conhecidos e discutidos na literatura especializada sobre judaísmo do tempo de Jesus - essênios, fariseus e saduceus - serão abordados sob a ótica da teoria sociológica da desviância, como foi exposta brevemente aqui. Outro aspecto importante é que se procurou trazer informações relevantes no terreno científico sobre esses grupos, de modo a evitar falsas generalizações e conhecimentos ligeiros nesse quesito. Vale ressaltar que as

---

<sup>15</sup> “As teorias da desviância são tão fecundas para a descrição da formação de grupos no judaísmo do período helenístico-romano, porque permitem entendê-la como reação à crise deste e, ao mesmo tempo, explicar as suas diferentes conformações...” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 179).

implicações decorrentes dessas interpretações sociorreligiosas para o protagonismo das mulheres serão também apontadas.

Se se pudesse lançar mão de uma única palavra para caracterizar os essênios, poder-se-ia usar o vocábulo isolamento, mesmo entendendo que uma única palavra não dá conta de explicar um segmento tão complexo da sociedade judaica antiga.

A desviância é óbvia no caso dos essênios. Ela se mostra, por exemplo, em sua retirada da sociedade majoritária e na consolidação, depois de algum tempo, em uma colônia comunitária perto do Mar Morto com estrutura social, literatura religiosa e regras próprias que regulavam a vida comunitária, assim como na admissão no grupo e na exclusão dele (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 180).

Os essênios entendiam, desde pelo menos o Século II AEC, que a religião do Templo estava contaminada e comprometida. Contaminada cerimonialmente pela tentativa de helenização levada a cabo principalmente pelos selêucidas (combatida pelos macabeus); comprometida por alianças indevidas de líderes judaicos com políticos gregos e a posteriori com políticos romanos. “Já na origem da separação decerto está basicamente um conflito sobre a legitimidade do sumo sacerdote e do calendário cultual, bem como do culto em Jerusalém como um todo.” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 182).

A resposta dada pelos essênios, cuja palavra em hebraico remete ao termo unidade, ao que eles concebiam como erro, foi a separação voluntária da sociedade judaica maior e a criação para si, digamos, de uma pequena Jerusalém particular. Esse corte social acabou influenciando algumas comunidades de Jesus em direção ao isolamento doutrinário. A autocompreensão paulina – Israel de Deus, eleitos, etc...é um sinal disso.

Além disso, a consciência da separação reflete-se também na autodesignação dos essênios como ‘unidade’ (em hebraico, *iahad*) e em metáforas...como, por exemplo, as da ‘plantação santa’, da ‘plantação da justiça’, ‘aliança da graça’, ‘aliança de Deus’ e do ‘resto’; a Comunidade de Qumrã entende-se, em última análise, como uma edificação nova, perfeita (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 180).

Como o sacerdócio oficial estivesse contaminado, resolveram eles mesmos separar seus sacerdotes e sua linhagem: o autodenominado “mestre de justiça” é o emblema do essenismo; esse líder sacerdotal era o único que encarnava a verdadeira justiça, visto que esta se perdera nos caminhos do comprometimento

com o mal e, em consequência, da contaminação. Assim, os essênios procuraram se desviar dos caminhos que eles reputavam errados e em cujo fosso a sociedade judaica caíra.

...essa reivindicação exclusiva de interpretação normativa da Torá implica um elemento carismático, como evidencia a concentração da mesma no “Mestre de Justiça”. Isso se expressa também nas outras designações dadas a ele como ‘o único mestre’ e ‘o intérprete da Torá’ (propriamente dito) (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 182).

Somente eles representariam, como ‘aliança de Deus’ e ‘templo’, o ‘povo de Deus’ ou ‘a comunidade de Israel’, enquanto todos os demais integram a *massa perditionis*, que se desviou do caminho certo. Aqui se reflete a inversão da própria desviância na projeção sobre a sociedade majoritária (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 182).

A respeito do pertencimento social dos essênios, a pesquisa atual aponta para o fato de que seriam um grupo cujos líderes eram majoritariamente oriundos da elite sacerdotal, até porque o movimento tinha por motivação de centro manter a linhagem sacerdotal e do culto de Israel, ainda que por um caminho transversal.

Mas é duvidoso que os essênios alguma vez tenham recrutado uma parte relevante de seu grupo de adeptos dentre o estrato inferior ou até tenham sido um movimento inteiramente do estrato inferior. Contra isso depõe não só a evidência arqueológica...mas também a estrutura organizacional da comunidade, permanentemente dominada por sacerdotes (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 188 e 189).

Na esteira da análise dos grupos interpretativos da época em relação ao trato com as mulheres, passa-se agora à seguinte pergunta: em que medida os fariseus contribuíram para o movimento de Jesus no que diz respeito ao protagonismo das mulheres.

À semelhança dos essênios, os fariseus também procuravam exercitar algum tipo de isolamento. À diferença daqueles, porém, estes não estavam separados literalmente da grande sociedade. A expressão fariseu parece não ser utilizada por eles mesmos para se autodesignarem.

...essa separação do *mainstream* do povo é caracterizada como uma forma do verbo hebraico *parash*, pois da mesma raiz ou do seu equivalente aramaico deriva-se também a designação do grupo dos fariseus... (em hebraico: *perushim*, aramaico: *perishaia*), uma designação que originalmente decerto lhes foi atribuída por outros na acepção depreciativa de separatistas ou sectários (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 180).

Os fariseus estavam lado a lado com as pessoas; viviam a vida comum dos seus contemporâneos. O que separava os fariseus era sua interpretação da Torá ligada sobretudo à chamada pureza cerimonial e à entrega de dízimos. Essa característica concorre também para a desviância farisaica (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 183).

No quesito interpretativo, eles se valiam da chamada Torá oral, recurso que teria sido transmitido oralmente por Moisés aos sábios e anciãos e veiculado esotericamente ao longo dos tempos somente a quem poderia ter acesso a esse conhecimento. Sobre isso, dizem Stegemann & Stegemann (2004, p. 182 e 183): “...os fariseus eram conhecidos por sua interpretação acurada da Torá em termos gerais e, em particular, por seu recurso a tradições orais especiais, não-constantes na própria Torá de Moisés em sua forma escrita...”.

Ao contrário do que muitos pensam, os fariseus não eram um grupo conservador; a interpretação farisaica da Torá era aberta a novas crenças religiosas, tais como anjos em sentido espiritual, vida após a morte, ressurreição, etc. Nesse sentido, o farisaísmo estava mais próximo de um movimento reformista do que de uma postura religiosa conservadora, condição mais apropriada à dos saduceus, pois, como ensinam Stegemann & Stegemann (2004, p. 184):

No que se refere a certas convicções religiosas dos fariseus como, por exemplo, a fé na ressurreição, no juízo e em anjos, é possível ver nelas não só a influência apocalíptica, mas também a abertura dos fariseus para correntes religiosas novas. Isso indica que os fariseus foram antes um movimento reformista do que conservador (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 184).

Os fariseus, apesar de serem também considerados parte da categoria de desviância, não estavam separados fisicamente da sociedade em cujo seio viviam. Conforme Stegemann & Stegemann (2004, p. 180) o fato de os fariseus não cumprirem afastamento radical como os essênios, não os exclui da condição de desviantes.

Quanto à posição social dos fariseus, tudo indica que estavam inseridos tanto no estrato superior quanto no estrato inferior da sociedade. Isso torna o movimento complexo em seu interior, fato que exige do pesquisador cautela na aproximação desse objeto de estudo. Ou seja, não se pode enquadrar o farisaísmo em determinado estrato social, porque “É questionável se...os fariseus devam ser incluídos no estrato superior. Em todo caso, é difícil que apenas tenham pertencido ao estrato inferior, embora encontrassem adeptos nele.” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 184).

Essa presença de pessoas dos estratos inferiores possibilitou aos fariseus a capacidade de influenciar, ainda que indiretamente, o movimento de Jesus em questões sobre a vida após a morte, fator decisivo na formação da teologia cristã e no apoio aos fracos, que seriam redimidos na vida futura. Se a desviância dos fariseus já não é patente como a dos essênios, com os saduceus a atitude dissonante perante a sociedade fica ainda mais difícil de ser apontada.

Concorrendo tematicamente com os essênios – sobre o conceito de sacerdócio legítimo de Israel -, os saduceus entendiam que eram a continuação legítima da linhagem do sumo sacerdote Zadoque, daí o nome saduceu. A facção dos saduceus está mais próxima do que se pode considerar uma tendência conservadora na sociedade, uma vez que este grupo não cria nem em anjos como seres espirituais, nem em vida após a morte nem em ressurreição, por exemplo. Ou seja, nesse quesito, possuem entendimentos de interpretação de Torá bem distintos da compreensão dos fariseus.

No que tange aos saduceus, a sua desviância pode ser percebida apenas indiretamente. portam um nome próprio de partido ('saduceus' refere-se supostamente aos 'partidários de Zadoque', ou seja, do sacerdote maior de Davi, a quem se reportava também a linhagem legítima dos sumos sacerdotes, emigrada para o Egito sob Onias IV) e são caracterizados em vista de interesses políticos e concepções religiosas que conflitavam com os dos fariseus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 181).

É de valor acadêmico frisar a possibilidade de que os saduceus não se confundissem exclusivamente com a casta sacerdotal dominante, mas que fossem apenas uma parte dela (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 181). Isso é importante porque a pesquisa traz elementos que procuram elucidar os aspectos históricos disponíveis e afastar simplificações disfuncionais da realidade.

Vale destacar o surgimento do movimento dos saduceus como movimento de desviância indireta. Os saduceus têm sua gênese num contraponto: oposição às influências sociais dos fariseus e à sua interpretação específica da Torá. Para os saduceus não há que se falar em Torá oral – a Torá escrita é a que foi dada e a que se tem de fato; Torá oral é apenas uma ficção interpretativa dos fariseus para legitimarem suas posições.

A sua desviância constitui, portanto, primeiramente, digamos, uma decorrência de sua reação aos fariseus e à influência destes sobre as classes dominantes. Isso significa que os saduceus surgiram como movimento de reação antifarisaico a partir do estrato superior;

sua concentração na Torá escrita e sua rejeição das tradições farisaicas...sugerem que os saduceus advogavam uma certa posição conservadora frente à predominantemente reformista dos fariseus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 184).

O partido dos saduceus é um partido de classe dominante; os supostos herdeiros religiosos do sumo sacerdote Zadoque faziam parte da elite, pois, como assinalam Stegemann & Stegemann (2004, p. 185) “...tanto os testemunhos de Josefo como do Novo Testamento sugerem que os saduceus pertenciam ao estrato superior dominante de Jerusalém.”

Como característica que permeava algumas das correntes aqui expostas, está o carisma de líderes muito populares entre o povo da Palestina daqueles dias. Os ditos movimentos carismáticos eram fortes e seus traços estiveram presentes no movimento de Jesus e na contribuição desse carisma para o favorecimento do protagonismo das mulheres na sociedade da época.

Como seguidor de João Batista, Jesus de Nazaré fez parte de um movimento profético-carismático. Nesse sentido, o estudo desse fenômeno sociológico da época de Jesus traz elementos para a elucidação de muitos aspectos do movimento por ele liderado. Utilizando-se do conceito de carisma<sup>16</sup> como algo inerente à liderança de uma pessoa, tanto o Batista como Jesus apresentam traços do profetismo carismático.

Temos em mente neste ponto, por um lado, os vultos isolados de taumaturgos ou profetas e, por outro, os movimentos dos assim chamados ‘profetas dos sinais’ e, por fim, também o de João Batista (e de Jesus), que, desde Weber, foram descritos, na perspectiva da sociologia da religião, como ‘movimentos carismáticos’... considerados típicos para a situação de povos colonizados com estrutura de tradição tribal ou de grupos menos privilegiados à margem de sociedades majoritárias estrangeiras (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 191).

Interessante notar como os fariseus construíram um muro ante a inovação carismática; os fariseus preferiram a estabilidade da “tradição dos pais” em vez de se sujeitarem à voz de um único profeta, pois “Iguamente seu recurso [dos fariseus] às ‘tradições dos pais’ e não a uma autoridade carismática ressalta o programa orientado no institucional” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 184). Os fariseus rejeitam os carismáticos individuais mas não são os típicos conservadores; inovam na doutrina mas a partir de uma “ficção conceitual” – a tradição oral.

---

<sup>16</sup> Os estudiosos se valem do esquema conceitual weberiano.

As demandas das pessoas eram grandes no tempo de Jesus. Necessidades materiais e de reconhecimento social eram as principais; o desejo de pertencimento social a determinado grupo, com vínculos fortes, face às agruras da Palestina sob o Império romano, era grande. Nisso, profetas e carismáticos eram efetivos. Inclusive porque eram autênticos movimentos de massas pobres marginalizadas.

...há uma série de fenômenos religiosos no período herodiano-romano que, como o apocalipsismo, podem ser interpretados como reações indiretas de protesto frente ao caos econômico-social e político-religioso na terra de Israel, mas que, diferentemente do apocalipsismo e seus grupos religiosos principais, não possuíam os seus grupos promotores na elite, mas no estrato inferior e entre os menos privilegiados (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 191).

Uma curiosidade interessante nesse tema de movimentos profético-carismáticos, é sobre dois nomes existentes na terra de Israel dos dias de Jesus de Nazaré e com o qual guarda-se muita semelhança: trata-se de Onias, o circunvagante e de Hanina Ben Dosa. Aspectos de muita similitude aparecem entre as façanhas atribuídas a eles e os milagres da tradição sinótica atribuídos a Jesus de Nazaré.

Na terra de Israel, conhecem-se por nome e sobrenome dois milagreiros, a saber, Onias, o Circunvagante, e Hanina Ben Dosa. Eles se caracterizam por milagres mágicos através da oração na tradição de Elias. Isso corresponde a diversos aspectos da descrição de Jesus na tradição sinótica (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 192).

Por fim, e antecipando o subitem que trata do banditismo social e dos aspirantes a antirreais (candidatos a messias), é de se assinalar a diferença entre os movimentos messiânicos violentos de estrutura militarizada e os movimentos mais espontâneos, com maior proximidade das pessoas, com envolvimento direto de discípulos e de discípulas, como eram os de caráter profético e carismático.

Os bandidos sociais surgem em reação a situações de opressão envolvendo as sociedades agrárias da região de Israel. Esse termo tem origem no historiador marxista Eric *Hobsbawn*. “O conceito de ‘banditismo social’ foi cunhado por Hobsbawm num estudo comparativo sobre formas de resistência social nos séculos 19 e 20...” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 202). Inicialmente não designa nem grupos com programa político definido e nem com contorno ideológico claro. Essa reação à classe dominante era de certo modo espontânea e com algum grau de imprevisto.

O conceito designa *outlaws* (foras-da-lei) camponeses que 'podem ser encontrados em sociedades de estrutura agrária como reação à tradicional desestabilização, opressão e exploração social motivadas por pesadas cargas tributárias, assim como por carestias ou crises semelhantes (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 203).

Cabe frisar a diferença entre os bandidos sociais e os movimentos profético-carismáticos no quesito recrutamento e forma de lidar com os adeptos. Enquanto os grupos de bandidos possuíam estrutura de rígida hierarquia, os movimentos carismáticos já tendiam para uma relação de cunho mais próxima de uma associação civil dos dias de hoje. Esse fator também contribui para atração de mulheres às fileiras do movimento de Jesus.

É possível distinguir os movimentos carismático-proféticos, por um lado, dos antirreais messiânicos e sua resistência armada, portadora de traços sociais revolucionários bem mais nítidos, e, por outro lado, de movimentos carismáticos-quiliastas ou proféticos como os do João Batista e de Jesus, que se destacavam, por exemplo, pela formação de um círculo mais estreito de adeptos e adeptas (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 194).

Como dito antes, insiste-se que esses bandidos sociais não eram um grupo com programa ideológico definido. A importância da repetição neste caso está em destacar a realidade histórica fruto do conhecimento atual da área, a fim de evitar o sequestro ideológico desses grupos revoltosos e o uso anacrônico desses movimentos belicosos antigos. Reforçando:

Portanto, não se trata, em primeiro lugar, de combatentes da libertação com consciência de classe ou de nação, comprometidos com programas religiosos, econômicos ou políticos específicos. O ladrão social aparece sempre antes de os pobres terem alcançado consciência política ou métodos mais efetivos de agitação social (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 203).

Com Jesus, a ênfase no aspecto social supera a dos rabinos. É o cerne de sua autêntica mensagem, mas Jesus não era um revolucionário social no sentido usual da palavra (FLUSSER, 2010, p. 69).

Uma relação existente entre banditismo social e messianismo político é possível de ser estabelecida. Não uma relação de causa e efeito, porém uma relação de contiguidade. Muitos bandidos sociais engrossavam as fileiras dos movimentos dos antirreais, que, segundo Stegemann & Stegemann (2004), eram em número de cinco.

Na transição do banditismo social pré-político e pré-ideológico para um movimento nacional ou religioso mais consciente situam-se os fenômenos do antirreinado. Segundo Josefo, isso era um procedimento praticamente automático no banditismo social (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 207).

...Josefo distingue cinco diferentes grupos rebeldes: os sicários...os zelotes...os grupos rebeldes galileus...os grupos rebeldes judaítas...e um grupo de idumeus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 208).

Finalizando esta seção e preparando a abordagem restrita ao movimento de Jesus, pode-se dizer que, entre os grupos de estrato inferior descritos por Stegemann & Stegemann (2004, p. 216), estão essênios (embora estes também tivessem gente de estrato superior em seu meio), bandidos sociais, adeptos de João Batista e adeptos de Jesus. Fez-se questão de abordar todos esses antecedentes porque o movimento de Jesus sofreu influência da cada corrente/movimento descrito anteriormente, cuja importância para os estudos sobre Jesus é difícil de aquilatar.

## 1.2 CARACTERÍSTICAS DO MOVIMENTO DE JESUS

Para dar mais precisão a esta pesquisa, importa definir o que se entende por movimento de Jesus. Trata-se na verdade do ajuntamento de pessoas em torno da pessoa física de Jesus Nazaré enquanto este era vivo. “Designamos como movimento de Jesus os primórdios intrajudaicos do cristianismo primitivo, cunhados pelo Jesus histórico.” (THEISSEN, 2008, p. 14). “Para denominar o grupo de adeptos e adeptas ligado a Jesus durante o seu tempo de vida, utilizamos o conceito ‘movimento de Jesus’...” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 217).

Movimento de Jesus, portanto, é uma expressão conceitual que remete aos primórdios daquela realização social na Palestina do Primeiro Século. Contudo, a natureza desse ajuntamento de pessoas em torno da liderança de Jesus de Nazaré, foi se tornando complexa com o passar dos anos, a ponto de Stegemann & Stegemann (2004) lançarem mão da expressão “seguimento de Jesus” para designar o gênero do qual “movimento de Jesus” é espécie. “Como conceito mais amplo para designar todos os três fenômenos religiosos e sociais que abordaremos aqui escolhemos ‘seguimento de Jesus’ (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 217).

Para os autores, “seguimento de Jesus” é conceito que abarca três

fenômenos religiosos e que se presta bem como designação mais ampla cujas subdivisões seriam “movimento de Jesus”, “Igrejas de Deus na Judeia” e “movimentos messiânicos após o ano 70 EC”:

Distinguimos aqui três fases do seguimento de Jesus na terra de Israel, as quais, segundo a nossa opinião, possuíam um perfil próprio não somente por razões histórico-temporais, mas também sociológicas:

1. O ‘movimento de Jesus’ propriamente dito, isto é, o grupo ligado a Jesus em seu tempo de vida, para cujos membros geralmente se emprega, nos evangelhos, o conceito ‘discípulo’ (mathetês), o que, todavia, é errôneo, pois também era composto por mulheres.
2. ‘A protocomunidade de Jerusalém’ surgida após a morte de Jesus ou as ‘comunidades de Deus na Judeia’ – como Paulo as designa (Gl 1.22; 1Ts 2.14), distinguindo-as expressamente das ‘comunidades dos povos’ (Rm 16.4).
3. As comunidades messiânicas, no período após o ano 70, da forma como estão representadas, em nossa opinião, nos Evangelhos de Mateus e de João (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 217).

Ou seja, neste trabalho, a expressão movimento de Jesus é utilizada em sentido técnico e com significado estrito: trata-se das primeiras comunidades que se formaram em torno de Jesus de Nazaré real, a pessoa que viveu em carne e osso na história. Traçando um panorama causal para o seguimento de Jesus, Stegemann & Stegemann (2004) tocam na questão do conceito de movimento de Jesus, uma vez que:

Em termos da história religiosa e social, o seguimento de Jesus deve ser compreendido no contexto do pluralismo religioso e do antagonismo econômico e social do povo judaico na terra de Israel. Isso vale para o seguimento de Jesus no sentido estrito, ou seja, para o assim chamado movimento de Jesus, e para as comunidades da Judeia (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 218).

Na pesquisa histórica, o uso dos Evangelhos como fonte deve ser sempre acompanhada da desejável cautela acadêmica visto que, entre os eventos protagonizados por Jesus de Nazaré enquanto esteve vivo e o aparecimento dos escritos, existe um hiato considerável. Ou seja, os evangelhos não devem ser deixados de lado como fonte, entretanto convém ser examinados com espírito cético por parte do pesquisador, uma vez que:

Quanto à situação das fontes, isso significa que a questão histórico-social do seguimento de Jesus – assim como a

tradicional pergunta pelo Jesus histórico – precisa ater-se basicamente aos evangelhos. Mas estes receberam a sua forma final pelo menos uma geração depois da morte de Jesus, como um todo provavelmente só após o ano 70 d.C. e, em parte, fora da Palestina... Da perspectiva histórico-social é necessário considerar, portanto, que nossas fontes – os evangelhos – já se alteraram consideravelmente a sua composição e forma sociais, mas em que se tornou diferente sobretudo também em sua relação com o judaísmo, de onde surgira. Pois os evangelhos, assim como Atos dos Apóstolos, estão marcados por uma crescente e em parte bem definida experiência de desviância dos grupos messiânicos na terra de Israel, que obviamente foi retroprojetada sobretudo pelos evangelhos na sua descrição do genuíno seguimento de Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 219 e 220).

Avançando um pouco mais, uma perspectiva original nos estudos sobre o movimento de Jesus diz respeito à concepção elaborada por Gerd Theissen que enxergou naquele movimento uma inovação judaica que propôs uma mudança radical para aquela sociedade; Theissen interpretou o movimento de Jesus como uma revolução de valores.

A interpretação sociológica de Theissen (2008) possui traços originais quando aborda o movimento de Jesus. Ele mesmo resume com precisão as características mais importantes do movimento de Jesus: eram judeus e judias que percorreram a Galileia e a Judeia, procurando viver uma ética diferente em diversos aspectos da ética pública da época, uma vez que a sociedade ali estava em crise social e econômica de grande proporção. Theissen (2008) expõe quatro aspectos de sua compreensão sobre o movimento de Jesus de forma bem didática:

- No começo do cristianismo primitivo havia carismáticos itinerantes sem pátria, vivenciando uma ética radical.
- Faziam parte de um movimento intrajudaico de renovação.
- Seu surgimento foi condicionada por uma crise da sociedade judaico-palestina.
- Sua resposta a essa crise era uma visão de amor e reconciliação (THEISSEN, 2008, p. 7).

Para Theissen, o movimento de Jesus foi um movimento de renovação surgido dentro do judaísmo e não fora dele, pois “O movimento de Jesus é portanto, um movimento intrajudaico de renovação desencadeado por Jesus no âmbito sírio-palestino, que floresceu entre 30 e 70 d.C” (THEISSEN, 2008, p. 15).

Em Theissen (2008), os primeiros seguidores de Jesus eram carismáticos itinerantes (homens e mulheres) e que propuseram uma vida diferente da que se vivia naqueles dias, dentro da possibilidade histórica concreta deles. Essa “vida diferente” era o que Theissen chama de “revolução de valores” – uma prática dialética cuja essência era: a classe dominante assimilava valores das classes baixas e estas apreendiam valores daquela.

No tocante à ‘visão’ com que o movimento de Jesus respondeu a essa crise, dei-lhe nova interpretação como uma revolução de valores: no movimento de Jesus valores da classe dominante, referentes ao procedimento com bens (com poder, propriedade e educação), são apropriados por pessoas humildes, e valores da classe dominada, referentes ao procedimento com seres humanos, são valorizados por uma consciência ‘aristocrática’ (THEISSEN, 2008, p. 9).

À época de Jesus, as massas pobres da Judeia e da Galileia viviam um difícil momento econômico e social e isso pressionava a válvula de movimentos que tendiam a querer resolver isso à base da violência – a crise a que Theissen (2008) se refere. A resposta de Jesus e de seu movimento, segundo Theissen, foi de renúncia à violência.

Esboçemos preliminarmente a ideia básica, a ser desdobrada abaixo: no século I d.C. se desenvolveu na Palestina uma situação revolucionária, que como tal pressionava em direção de uma revolução de poder movida pela violência (como na subsequente Guerra Judaica). O movimento de Jesus, porém, lhe respondeu através de uma transformação revolucionária de valores e atitudes que se subtraíam ao poder de armas e legiões (THEISSEN, 2008, p. 20).

Para Theissen (2008), a presença de mulheres nos grupos itinerantes é posta fora de dúvida, embora haja poucos textos dos evangelhos que versem expressamente sobre isso. É preciso, então, um trabalho de inferência legítima a ser realizado a esse respeito. A partir de uma sutileza linguística, o sociólogo analisa os vocábulos referentes aos destinatários do discurso de Jesus e observa que “tecer” era atividade relacionada às mulheres. Isso leva à inferência segundo a qual havia, sim, mulheres carismáticas itinerantes.

Em Mateus 6,25ss. não se percebe nada do cuidado assistencial. As pessoas interpeladas não se preocupam com os filhos, cônjuges ou família. Fala-se tão somente da preocupação com a vida pessoal. Isso se coaduna bem com carismáticos itinerantes sem pátria, que se separam da família. Ademais, o que podemos depreender desse dito é a existência de mulheres carismáticas itinerantes: semear e colher

são citados como exemplo de trabalho masculino, tecer como exemplo de trabalho feminino (THEISSEN, 2008, p. 102).

Dessa forma, o lado carismático do movimento de Jesus a ser explorado no próximo tópico é um fator relevante para a compreensão da presença de mulheres naquele movimento e como se deu a assunção de papéis de liderança que elas desempenharam naqueles dias.

Definido o conceito de movimento de Jesus, chega-se agora ao aspecto carismático apresentado por esse movimento. A ideia de carisma utilizada por Stegemann & Stegemann (2004, p. 223) está ancorada no bem conhecido conceito weberiano acerca do assunto. Os carismáticos eram aqueles que realizavam sinais e milagres; não eram simplesmente pregadores. O chamado rompimento da ordem natural dava prestígio ao líder carismático e contribuía decisivamente para a grande quantidade de seguidores desses líderes.

A autoridade carismática de Jesus baseava-se nas forças extracotidianas que se manifestavam em curas e exorcismos (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 235).

Trata-se da caracterização de situações em que determinadas qualidades (capacidades, competências) de pessoas obtêm reconhecimento social. Essas situações foram determinadas pela 'necessidade interior', por crises da tradição, provocadas sobretudo pela 'necessidade exterior', ou seja, por crises políticas e econômico-sociais, e pela 'busca por pessoas com qualidades, ou seja, capacidades ou competências sobrenaturais ou sobre-humanas...' (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 224).

Para Jesus e o círculo mais estreito de seguidores vale o critério da extracotidianeidade, típico para movimentos carismáticos que se evidencia, por um lado, no alheamento econômico e familiar e na dedicação ao carismático e, por outro, em determinadas experiências miraculosas de cura. O alheamento econômico é obviamente compensado pelo entorno mecênico dos adeptos e das adeptas que oferecem apoio (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 229).

Vale apontar também que o aspecto carismático do movimento de Jesus tem como eixo a ideia que Stegemann & Stegemann (2004, p. 225) chamam de "antimundos": "...uma certa desviância genuína é própria dos movimentos carismáticos. Eles projetam 'antimundos' nos quais é pregada a inversão da situação social." Antimundo nesse contexto significa basicamente a sociedade colocada de ponta-cabeça do ponto de vista da compreensão carismática, o que marca bem a desviância desse movimento. Nesse contexto, fica patente que o movimento de Jesus operou um "antimundo" na vida das mulheres que nele

estavam.

Mas o fato de movimentos carismáticos, desde o seus primórdios, projetarem um 'antimundo' para a superação da crises das comunidades em que eles surgem já implica para o primeiro seguimento de Jesus uma certa posição genuinamente desviante (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 221).

Já que a realidade se mostra hostil àquelas pessoas do estrato inferior, o viés carismático, ao propor tal inversão, traz uma interpretação da realidade que acaba levando esperança e consolo para os marginais do movimento de Jesus. Essa dimensão carismática, é importante que se diga, possui pontos de contato com o apocalipsismo, fato que robustece e acaba encorpendo o movimento de Jesus. O entendimento de Stegemann & Stegemann é que:

Embora sejam experimentados em curas e exorcismos isolados, esses poderes milagrosos são interpretados como eventos escatológicos, ou seja, como o despontar da vitória sobre o reino dos demônios ou dos espíritos impuros e, com isto, a presença parcial do reino de Deus que se aproximou (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 236).

Um outro traço importante do carismatismo é o chamado "alheamento econômico", por meio do qual o líder e os seguidores mais próximos não trabalhavam<sup>17</sup>. Antes, os carismáticos tinham suas necessidades básicas e demais anseios materiais providos por outras pessoas. Os grupos carismáticos possuíam um modo de funcionamento binário no que tange ao sustento - de um lado, havia os itinerantes missionários, de outro, os sedentários que conferiam apoio econômico a esses itinerantes. Assim:

Da estrutura dos fenômenos carismáticos que rompe com a rotina diária faz parte também o 'alheamento econômico', ou seja, a renúncia ao suprimento econômico próprio por parte do círculo mais estreito do movimento carismático, o que não raro está ligado ao 'alheamento familiar' e à renúncia da *stabilitas loci*. O modo de vida economicamente desvinculado é compensado pelo apoio mecênico por parte do grupo mais amplo de adeptos (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 224 e 225).

A caracterização de Jesus como carismático guarda relação importante com o movimento de João Batista. O Batista, como é chamado, também foi um líder carismático que possuía seguidores próprios. Entre seus seguidores estava, ao que tudo indica, Jesus de Nazaré. Essa relação aparece nos quatro evangelhos

---

<sup>17</sup> Usado aqui no sentido estrito do termo; aqueles que são provedores do próprio sustento.

canônicos de maneira insinuada.

Seguimos aqui a interpretação do seguimento genuíno de Jesus como início de um movimento carismático...Assim, apresentaremos, em primeiro lugar, o começo da 'carreira carismática' de Jesus no círculo do Batista e a fundação de um movimento carismático próprio por Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 226).

De interesse também é o registro feito por Stegemann & Stegemann do provável significado da alcunha "nazareno" de Jesus. O termo aparece vinculado à ideia de "observantes" da Torá à maneira do Batista.

...é historicamente provável que Jesus não apenas se tenha submetido ao batismo de João, mas também tenha ingressado no círculo de seguidores do Batista. É possível que isso se reflita também na designação 'o Nazoreu' ou 'o Nazareno', que se tornou indicador de origem e originalmente aludiria à pertença de Jesus à 'seita batista' dos 'observantes' (aramaico: nazren) (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 226).

Nessa seita dos observantes, da qual Jesus retira grande parte de sua inspiração e *modus operandi*, constata-se uma ligação profunda entre Jesus e os participantes de sua comunidade, a ponto de Stegemann & Stegemann (2004) falarem em destino conjunto, em função da noção de Reino iminente de Deus e, ao mesmo tempo, em prol dela.

...fica claro que se trata aí 'da incumbência da participação na atuação de Jesus em favor do reinado iminente de Deus e, assim, do ingresso *numa comunhão de vida e de destino* com Jesus, marcada pelo reinado de Deus' (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 228).

Por fim, nesse contexto do seguimento de Jesus, as mulheres aparecem como integrantes também desse ajuntamento carismático. É muito importante, no seio desta pesquisa, frisar desde logo essa participação de mulheres no movimento de Jesus, cuja atuação, como observa Fiorenza (1992, p. 25), tornou-se invisível ou ao menos ofuscada pela hermenêutica patriarcal e androcêntrica aplicada ao texto neotestamentário. Essa hermenêutica será aprofundada no Capítulo Três.

Também de mulheres se diz que seguiam a Jesus ou o acompanhavam, citando-se nominalmente dois grupos de três, a saber, Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, o Menor, e de José, e Salomé...bem como Maria Madalena, Joana, a mulher do funcionário herodiano Cuza, e Susana. Mas isso é assunto para mais tarde (p. 422ss). (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 229).

Se, por um lado, o carisma do movimento iniciado por Jesus é de

importância capital para um entendimento mínimo desse fenômeno social, por outro lado, deve-se antecipar uma outra relevância para esta pesquisa - o fato de Jesus ter sido um galileu. A Galileia, conforme os estudiosos, possuía, à época dele, características que fizeram dela um local propício para a gênese de um ajuntamento de pessoas tão singular como o movimento de Jesus.

Aqui é relevante destacar o título da obra de Giuseppe Barbaglio, “Jesus, hebreu da Galieia”, a qual traz à lume o que se propõe neste subitem, a saber: que o movimento de Jesus era de origem galilaica e que a essa região deve ser dado grande destaque analítico, a fim de que se melhore a compreensão desse fenômeno sócio-religioso. A esse respeito Stegemann & Stegemann (2004, p. 230) são do seguinte entendimento: “Em termos geográficos, o seguimento de Jesus estava restrito primeiramente à Galileia, de modo especial à margem norte do Lago Genesaré (Cafarnaum/Betsaida). Ali residia a maioria dos discípulos e das discípulas.”

A indicação histórica de que Jesus fora um “*tékton*” é um traço decisivo sobre ele que merece ser explorado, posto que lança luz sobre sua origem social e sobre sua aproximação com os absolutamente pobres (*ptochói*), embora ele mesmo não fosse um deles. Essa característica galilaica de Jesus e de seus primeiros seguidores e seguidoras possui grande importância. O xis da questão está em que os pobres e muito pobres na Galileia eram abundantes e isso abriu portas de empatia para a entrada de mulheres no movimento.

Nessa perspectiva, a noção maciçamente difundida de que Jesus seria um carpinteiro revela-se, na verdade, incompleta. A expressão grega usada para a profissão de Jesus é “*tékton*”, que, segundo Stegemann & Stegemann (2004), abrange a ocupação de carpinteiro mas não apenas, pois:

De acordo com Mc 6.3, Jesus mesmo era *tékton* e, de acordo com Mt 13.55, o ‘filho de um *tékton*’...A designação profissional *tékton* pode assinalar que ele era um artífice do setor de construção, sendo, ‘ao mesmo tempo, pedreiro, carpinteiro, carreteiro e marceneiro’. Em todo caso, essa profissão indica que Jesus deve ser enquadrado no estrato inferior (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 230).

Ou seja, para os autores, Jesus pertencia ao estrato inferior, não o mais baixo, porém, ele mesmo fazia parte dessas classes inferiores. Jesus, assim, possuía ponto de contato com os absolutamente pobres, contudo, ele conseguia servir de meio de crescimento para os seguidores absolutamente pobres.

“Fundamentalmente, um trabalhador da construção deve ser classificado entre os relativamente pobres (*pénetes*), ainda que não *eo ipso* entre os absolutamente pobres (*ptochoí*).” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 230).

No caminho de enfatizar a impotência da Galileia para o movimento de Jesus está também Theissen (2008). Para ele, evidências arqueológicas apontam para ocupação judaica na Galileia.

Sabemos que a Galileia tinha um cunho judaico muito mais forte do que muitas vezes se pensou. O achado de balneários rituais, de jarros de pedras e pinturas não-icônicas (três indícios de cultura judaica) fala uma linguagem clara (THEISSEN, 2008, p. 39).

Além disso, em diálogo com Frayne (1996), o mesmo autor desfaz a desconfiança acadêmica que havia sobre o aspecto insurgente e inconformista dos galileus. Ou seja, as pesquisas tendem a corroborar a ideia difundida pela maioria dos estudiosos segundo a qual a Galileia era um tipo de “barril de pólvora”.

S. Freyne iniciou seus estudos sobre a Galileia com a tese de que a Galileia era política e socialmente bem mais pacificada que a Judeia. Em vista de estudos mais recentes, mudou de opinião: fundando cidades, os príncipes herodianos trouxeram poder político e uma nova economia de mercado para a Galileia, contra os quais se dirigiu o protesto profético de Jesus (THEISSEN, 2008, p. 39).

De grande valia também é destacar o traço social marcante do movimento de Jesus: o fato de que ele foi um movimento de despossuídos e despossuídas. Esse movimento era composto por pessoas “pobres” e por gente “muito pobre”, conforme o item a seguir detalha. É de se considerar também a relação da perspectiva apocalíptica e a renúncia a bens materiais e como tudo isso aponta igualmente para a inclusão e o protagonismo das mulheres no movimento.

Sendo um movimento encabeçado por um pobre liderando pessoas mais pobres ainda, o seguimento de Jesus acaba sendo radical em diversos pontos. O primeiro deles é o chamado alheamento econômico e o abandono inclusive dos locais de trabalho, o que envolve uma noção ampla de família. Como se diria hoje: o seguimento de Jesus não era para amadores, pois a rigidez religiosa e comportamental apontava para algo de destaque, pois “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna.”<sup>18</sup>

...em conexão com os exercícios de renúncia dos adeptos e das adeptas de Jesus, é melhor falar de renúncia social. Ou seja, em

---

<sup>18</sup> Mateus 5,37.

decorrência do seguimento, os discípulos e as discípulas abandonam a sua grande família (o que inclui o abandono do seu local de trabalho)...De resto, Marcos descreve-nos discípulos que são antes pobres (pobres no sentido *ptochós*) (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 232).

Alguns episódios neotestamentários adquirem caráter elucidativo quando interpretados a partir da chave proposta por Stegemann & Stegemann (2004, p. 240), segundo a qual o movimento de Jesus era um ajuntamento de pessoas muito pobres. “Em todos os casos, parece-nos que a autocompreensão carismática do seguimento de Jesus como movimento de pobres em Israel constitui, por assim dizer, a chave para sua interpretação.”

Tomados isoladamente, esses trechos parecem mais uma interpretação exótica de Jesus e de birra contra a Torá do que uma discussão legítima sobre mitigação da *halachá*<sup>19</sup> do sábado. São elas:

A amarga pobreza dos membros do seguimento de Jesus transparece igualmente numa história de conflito em torno do sábado (Mc 2.23ss). Nela, Jesus defende um grupo de adeptos que colhia espigas contra a acusação de transgredir o sábado, apontando para a sua situação de necessidade material (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 233).

A prece pelo ‘pão de cada dia’, ou seja, que já se tenha hoje o necessário para comer amanhã...evidencia de forma impressionante essa perspectiva de miséria. Disso fazem parte igualmente as exigências éticas de Jesus: auxiliar os pobres...acolher os órfãos...não pressionar os devedores (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 237).

Em outras palavras, a compreensão de que o movimento de Jesus foi um movimento de banidos socialmente - “Aplicando nosso modelo de estratificação social das sociedades antigas, fica claro que a esmagadora maioria dos membros do seguimento de Jesus é oriunda do estrato inferior rural.” (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 234) - aclara bastante a leitura do NT<sup>20</sup> e ajuda a explicar trechos e passagens que não poucas vezes são tomadas como antijudaísmo de Jesus.

Imagine-se que a noção de previdência social era inexistente, pois, como diz Nolan (1987, p. 40 e 41), “Evidentemente, não havia hospitais, nem instituições de assistência social, nem pensões por invalidez.” Ou seja, os muito pobres viviam

<sup>19</sup> Expressão utilizada aqui como aplicação casuística da Torá.

<sup>20</sup> Novo Testamento versus Antigo Testamento é uma dicotomia que nem Jesus e nem seus primeiros seguidores utilizavam; o termo aparece aqui apenas por ser consagrado no contexto do estudo.

literalmente abandonados à própria sorte ou sob os auspícios da caridade. A necessidade de reconhecimento e de acolhimento no tempo de Jesus era um anseio social até mesmo maior do que o valor monetário. “O que sentiam [os pecadores] mais precisar era prestígio e estima social, e isso lhes era negado.” (NOLAN, 1987, p. 43).

Dentro desse contexto de movimento feito de pobres para muito pobres, vale destacar a integração que a prática de refeições comunitárias propiciavam aos que se sentiam acolhidos por Jesus de Nazaré:

Talvez ele tenha entrado em contato com pecadores notórios, mas que já estavam praticando a conversão, por exemplo, em refeições comunitárias...Isso, por seu turno, aponta para o caráter integrador do seguimento de Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 238).

Seria impossível superestimar o impacto que essas refeições devem ter tido entre os pobres e os pecadores. Aceitando-os como amigos e como iguais, Jesus afastara deles a vergonha, a humilhação e a culpa (NOLAN, 1987, p. 63).

Tudo o que se viu até aqui sobre o movimento de Jesus visou a aprofundar a feição histórica e social em que ele e seus discípulos viveram. Contudo, algo mais deve ser dito sobre o contexto judaico em que Jesus estava inserido.

A estreita relação estabelecida entre a ideia do advento do Reino de Deus e a benfeitoria a pobres e pecadores é uma marca distintiva do movimento de Jesus em relação às demais correntes e tendências presentes no judaísmo daquele período. Isso não significa necessariamente que não houvesse elementos comuns entre as postulações do seguimento de Jesus e as demais perspectivas religiosas daquela época.

Sobretudo esse vínculo social expresso entre a irrupção do reino de Deus e os pobres e os pecadores (convertidos) é o que diferencia o seguimento de Jesus de diversas correntes do judaísmo, ainda que, em sua mensagem, ele possa perfeitamente apresentar pontos de contato com outras tendências e grupos ... (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 238).

Embora houvesse diferenças entre os primeiros seguidores de Jesus e os perfilados nos outros movimentos sociorreligiosos judaicos, cumpre destacar que a judaicidade do primeiro seguimento de Jesus não deve ser posta em dúvida, uma vez que não havia que se falar em identidade específica frente nem a judeus

e nem muito menos a gentios<sup>21</sup>. Nesse sentido, depõem Stegemann & Stegemann (2004, p. 239):

Só então [no contexto da expansão cristã para o mundo greco-romano] se desenvolve...a consciência de uma identidade autônoma frente a judeus e gentios...Mas não é lícito pressupor isso para o primeiro seguimento de Jesus, por mais definido que tenha sido o seu posicionamento em relação às instituições do judaísmo e, especialmente, em relação à Torá.

Dentro dessa identidade judaica do movimento de Jesus, aparecem para confirmá-la a frequência semanal às sinagogas - "...a tradição afirma com toda naturalidade que Jesus e seu séquito frequentavam as sinagogas aos sábados..." (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 239) - e o aspecto já mencionado nesta pesquisa de que a crítica do movimento de Jesus era pontual a algumas características da tradição e da *halachá* e não à sociedade judaica como um todo.

...não é possível constatar, em nossa opinião, um questionamento fundamental da instituição do templo e do culto sacrificial; existe, no máximo, a crítica a situações erradas e o anúncio de uma ação punitiva de Deus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 239).

Em lugar algum se questionam os elementos básicos da fé judaica..., o monoteísmo e a eleição do povo (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 240).

...chama a atenção que, para Jesus, como mestre, de modo algum estava em discussão a superação da Torá. Controvertida era, isso sim, a explicação da Torá...A desviância concernia...sobretudo à *halacá* do sábado, à lei do divórcio e às prescrições de pureza e, segundo a 'Fonte dos ditos', sobretudo ao mandamento do amor ao próximo no contexto da renúncia à violência e do amor ao inimigo (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 240).

A pesquisa erudita de Stegemann & Stegemann (2004) aponta com precisão e clareza os elementos em comum existentes entre as correntes principais do judaísmo do Século I EC e o movimento de Jesus. Os autores elencam pontos de contato com essênios, fariseus, taumaturgos e profetas e até com os bandidos sociais.

Com os essênios – e em certa medida com os saduceus -, o movimento de Jesus guarda traços de crítica à pureza do templo e a busca pela também pureza sacerdotal. Com os fariseus, o domínio de Deus e a sua realeza incomparável são

---

<sup>21</sup> Isso só passa a ocorrer no contexto da expansão do movimento de Jesus para o mundo helênico, cujas engrenagens deram origem ao que ficou conhecido como "movimentos messiânicos após o ano 70 EC".

pontos em comum. Já com os taumaturgos e profetas de sinais, a noção da presença divina por meio de milagres, torna-se o ponto de intersecção entre carismáticos e o movimento de Jesus.

Ele se aproxima dos essênios no afunilamento das tradições bíblico-apocalípticas em direção à expectativa iminente, bem como na exigência da pureza escatológica do templo. Aqui também existem pontos de contato com grupos rebeldes. Com os fariseus, o seguimento de Jesus compartilha basicamente o traço integrador e a confissão da singularidade de Deus e seu domínio, esta última também com os sicários e zelotes. Quanto à relevância das experiências carismáticas, sobremaneira por meio de milagres, Jesus está próximo, por um lado, dos vultos taumatúrgicos isolados e, por outro, dos carismáticos profetas dos sinais e seus movimentos... (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 244).

Vale à pena destacar uma citação longa de Stegemann & Stegemann (2004) relacionando também o movimento de Jesus com o seguimento dos bandidos sociais, porque lança uma forte luz histórica sobre a morte de Jesus e deixa para interpretação posterior (pós-pascal) as consequências salvíficas desse óbito.

Há, porém, sobretudo paralelos marcantes também em relação aos bandidos sociais... Antes, a projeção de um 'antimundo' e o modo de vida errante do seguimento de Jesus, alheio à economia e à família e, simultaneamente, apoiado por círculos sedentários e simpatizantes, assemelhava-o em muito ao dos bandidos sociais. Por isso, na nossa opinião, não é nenhum acaso que Jesus tenha sido executado pelos romanos como um bandido social e tivesse de ser distinguido na tradição expressamente dos profetas dos sinais e do anti-reinado do banditismo social... (STEGEMANN & STEGEMANN, p. 244).

Toda essa descrição e análise dos antecedentes sociorreligiosos do movimento de Jesus são fundamentais para o entendimento da revolução de valores proposta pelo movimento em relação às mulheres. O protagonismo delas nesse movimento só pode ser minimamente compreendido se houver um saber ao menos sumário dos temas que foram abordados anteriormente.

### 1.3 PROTAGONISMO DE MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS

A fim de poder bem contextualizar a condição das mulheres no interior do movimento de Jesus e realçar certo protagonismo delas é importante exhibir alguns pormenores da participação das mulheres naquele movimento. Para tanto, serão abordados os seguintes tópicos: (a) "Dificuldades interpretativas e base textual

estreita”, uma vez que são poucos textos que tratam explicitamente de protagonismo de mulheres no movimento de Jesus; (b) “O ‘serviço’ das mulheres”, cujo significado acaba se tornando polêmico, pois levanta a questão se serviço se referia a atividades subalternas conferidas às mulheres ou se era uma forma contínua e duradoura de seguimento; (c) “Achados de participação de mulheres e de protagonismo delas no movimento de Jesus”, pois a ausência de textos dos evangelhos que tratem direto do assunto ocasiona a dificuldade de encontrar protagonismo das mulheres nas narrativas e, por fim, (d) “Mulheres e o pertencimento aos estratos sociais inferiores”, cuja importância está exatamente em realçar o significado que o movimento de Jesus teve na vida delas.

Em Elizabeth S. Fiorenza, encontra-se uma chave hermenêutica instigante, que é a do antiandrocentrismo e do antipatriarcalismo (COSTA, 2020). Fiorenza entende que, para aprofundar o conhecimento acerca da participação e do protagonismo das mulheres no movimento de Jesus é preciso levar em conta que a linguagem dos evangelhos é, apesar do avanço do movimento de Jesus para aquele tempo, androcêntrica e que, por outro lado, a sociedade era também patriarcal. Dessa perspectiva de estudos feministas, muito veio à luz sobre o protagonismo das mulheres no movimento de Jesus, numa abordagem científica a partir de parâmetros históricos. Como bem reconhecem Stegemann & Stegemann (2004, p. 422):

À teologia e exegese feministas cabe o mérito de terem tornado a reconstrução da história protocristã das mulheres num objeto de pesquisa científica. Desde o começo, a análise dos textos foi guiada também por um interesse histórico-social, ao qual recorreremos aqui de modo especial.

Nessa direção apontam os mesmos autores quando expõem que, em geral, os textos neotestamentários participam da característica androcêntrica que permeava a Antiguidade e que, por isso, o estudo sobre as mulheres no movimento de Jesus depende de base pequena de textos que colocaram as mulheres em destaque ou lhes deram papel parecido com os que elas tinham naquele movimento:

Porém, como os escritos neotestamentários são textos que compartilham, em princípio, a convenção androcêntrica da tradição da Antiguidade, qualquer tentativa de reconstruir historicamente a participação de mulheres no movimento carismático de Jesus depende de uma base textual estreita (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 422).

A despeito da base textual estreita e da interpretação secundária relativizante por parte do evangelista [Marcos], a pertença de mulheres ao seguimento de Jesus dificilmente poderá ser contestada do ponto de vista histórico. A relativização de seu seguimento (acompanhamento) e seu afinilamento num papel tipicamente feminino ('servir') remonta, na nossa opinião, à interpretação secundária da parte do evangelista. A essa redução do seguimento das mulheres contrapõe-se também o fato de mulheres galileias serem descritas expressamente pela tradição como testemunhas da crucificação, do sepultamento e da ressurreição de Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 428 e 429).

Embora tenha havido avanços significativos na pesquisa sobre a participação das mulheres no movimento de Jesus, ainda que com poucos textos explícitos sobre o assunto, o mesmo não se pode dizer da investigação sobre o protagonismo delas nesse movimento. Para conseguir um conhecimento aproximado sobre a condição das mulheres no seguimento mais antigo de Jesus, é preciso lançar mão de certa criatividade acadêmica e muitas vezes realizar exercícios de inferência. Isso tudo a partir dos poucos textos explícitos existentes sobre o tema e do que se sabe sobre a matriz histórica da época.

Como única afirmação direta resta, portanto, apenas o texto de Mc 15.40s. Essa base textual periférica por si só já é significativa e recomenda cautela nas deduções referentes a uma história social de mulheres no seguimento de Jesus. *Ross Kraemer* escreve, com razão, que a pesquisa feminista teria demonstrado a presença de mulheres como seguidoras de Jesus, mas que o caráter preciso do seu envolvimento no movimento de Jesus seria passível de discussão (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 422).

A questão central é, portanto, a natureza do seguimento dessas mulheres. Que elas seguiam Jesus de forma permanente parece não haver mais dúvida entre acadêmicos e pesquisadores do assunto. Depoimento marcante traz Meier apud Perroni (2017, p. 10): "...não obstante os problemas de vocabulário, a conclusão mais provável é que Jesus considerava e tratava essas mulheres como discípulas".

De Mc 15.40s., porém, decorre claramente, que as mulheres que seguem a Jesus desde a Galileia estão numa relação contínua de seguimento a ele. Portanto, apesar de uma base textual estreita, podemos, num primeiro momento, registrar também que mulheres fizeram parte do seguimento de Jesus. Mas, diferentemente, do que acontece em relação aos discípulos masculinos, Marcos atribui expressamente às mulheres um comportamento especial frente a Jesus: elas o serviam (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 423).

Que tipo de “serviço” essas mulheres prestavam a Jesus, segundo os evangelhos? Havia relação de submissão servil ou esse trabalho era encarado de forma diferenciada, com alcance espiritual dessa prática? Esse fazer chegava a oprimir as mulheres e lhes negar protagonismo? Eis alguns questionamentos que serão examinados adiante.

Dessa participação das mulheres no movimento de Jesus, surge a expressão “servir”, cuja repercussão no idioma português pode ser depreciativa mas que, no grego neotestamentário, não possui tal peso de negatividade. Em todo caso, “servir” se reveste de semântica de assimilação complexa e que precisa ser problematizada, como bem ensinam Stegemann & Stegemann (2004):

Por um lado, no contexto da crucificação de Jesus, pela primeira vez em todo o Evangelho de Marcos, mulheres são expressamente mencionadas como seguidoras de Jesus, mas, ao mesmo tempo, a sua relação com Jesus é circunscrita pela palavra-chave ‘servir’, cujo teor semântico é controvertido (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 423).

Por um lado, “servir” pode significar estritamente servir à mesa, tarefa tipicamente atribuída a mulheres e a escravos e escravas; por outro, “servir” pode ser também empregada como expressão de cuidado com pessoas e de como tratá-las socialmente. Stegemann & Stegemann (2004), contudo, insistem sempre no caráter controverso e de difícil interpretação do vocábulo:

A interpretação do verbo ‘servir’ em Mc 15.41 é fortemente controvertida. A palavra (*diakoneîn*) circunscribe amiúde a tarefa de servir à mesa designada às mulheres (e aos escravos e escravas, mais raramente também aos homens jovens). Mas ela também pode se referir de forma mais abrangente ao cuidado com pessoas (quanto à subsistência ou no sentido geral de ‘servir’) (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 423).

De maneira bem evidenciada por estudiosos do assunto e exegetas, o termo servir no contexto estudado aqui possui conotação positiva e, no âmbito do movimento de Jesus, é muito bem-visto, uma vez que, por seu aspecto carismático e apocalíptico, a inversão de papéis sociais é anunciada e posta em prática em alguma medida pelos que seguiam Jesus. Os menores serão os maiores, a dor do pobre será aplacada, a fome e a sede serão saciadas e, por implicações desse sentido inverso, as mulheres terão um melhor lugar na sociedade desde já.

O emprego do verbo no Evangelho de Marcos abrange este espectro: ele é empregado claramente no sentido de servir à mesa em Mc

1.13.31. Mas um serviço no sentido mais amplo é circunscrito com *diakoneîn* em Mc 10.45. de Mc 9.35 e 10,45 decorre, aliás, que o 'servir' caracteriza um comportamento exemplar para os discípulos de Jesus – como imitação do comportamento de Jesus - tendo, portanto, uma conotação perfeitamente positiva no contexto do seguimento. A hierarquia convencional – dominar/servir – deve ser invertida no movimento de Jesus, isto é, as funções 'dominantes' ou de liderança são exercidas como serviço a todos (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 423).

Um último ponto sobre o assunto pontuado por Stegemann & Stegemann (2004) é sobre o caráter androcêntrico e patriarcal das narrativas evangélicas e que, em função dessa evidência, os autores evitam utilizar o termo “servir” como palavra-chave interligada à atuação feminina no interior do movimento de Jesus.

Um cenário estereotipado é esboçado pela história da cura da *sogra de Pedro*. A narrativa está associada ao âmbito tipicamente feminino da 'casa' e à atividade tipicamente feminina do servir à mesa. De resto, ela é identificada por seu parentesco com um homem, fato que igualmente evidencia a perspectiva androcêntrica convencional (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 427).

Portanto, na nossa opinião, deve-se contar seriamente com a possibilidade de que já em Mc essa tendência da tradição para a relativização do seguimento das mulheres e que ela provém do próprio evangelista Marcos. Por isso, não recorreremos aqui ao conceito 'servir' para caracterizar o papel de mulheres como seguidoras do Jesus histórico (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 424 e 425).

Embora poucos, alguns sinais do protagonismo das mulheres no seguimento de Jesus podem ser indicados com alguma segurança. Elas, segundo os evangelhos canônicos, estão entre as principais testemunhas da crucifixão e do sepultamento de Jesus, além de serem apontadas como as primeiras testemunhas da ressurreição, como dispõem Stegemann & Stegemann (2004):

De importância fundamental são as afirmações indiretas sobre mulheres como seguidoras de Jesus em conexão com sua crucificação, seu sepultamento e a história do túmulo vazio (Mc 15.47; 16.1ss.) ...Ela mostra em todo caso, que a origem da proclamação da ressurreição é associada às mulheres, pois elas são as primeiras que descobrem o túmulo vazio e às quais um *angelus interpre*s proclama a ressurreição de Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 426).

Somado a isso, encontram-se os aspectos ligados a escassas informações sobre a vida dessas mulheres (prosopografia<sup>22</sup>), bem como ao chamado abandono

---

<sup>22</sup> Conhecimento levantado sobre a carreira de uma pessoa a partir de fontes históricas.

das grandes famílias também por elas, em função da característica itinerante do movimento.

O único texto expressivo nesse sentido pressupõe, na sua versão marquina (Mc 10.29s; Mt 19.29 segue-a), o abandono da grande família (casa), mas não menciona na listagem das pessoas abandonadas (irmãos, irmãs, mãe, pai, crianças) justamente as esposas. O texto argumenta implicitamente a partir da perspectiva de homens e mulheres adultos – ou da de casais. Ele constitui primeiramente uma prova indireta da pertença de mulheres ao seguimento de Jesus (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 425).

Para Stegemann & Stegemann (2004) há “rastros” deixados nos evangelhos canônicos sobre a presença feminina no seguimento mais remoto de Jesus. Isso entra em harmonia com a dialética presente neste estudo: de um lado, a dificuldade de encontrar nas fontes evangélicas indicações diretas do protagonismo das mulheres no movimento de Jesus; de outro, inferências legítimas desse protagonismo realizadas pelos estudiosos a partir de uma hermenêutica criativa (feminista; libertadora etc).

Excetuando o Evangelho de João, a mãe de Jesus não aparece nos evangelhos sinóticos como sua acompanhante. E das três mulheres citadas nominalmente em Lc 8.2s. só Maria Madalena é mencionada também nos demais evangelhos. Portanto, três mulheres citadas pelo nome, podem ser identificadas, com grande probabilidade, como seguidoras de Jesus já na Galileia: Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago e José, e Salomé (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 425 e 426).

Entre elas, Maria Madalena (=Magdalena) é a única seguidora de Jesus a ser associada a um determinado local da Galileia, mas não é caracterizada mediante sua relação com algum homem (esposo, pai, filho). Isso talvez indique que ela tenha aderido ao movimento de Jesus como mulher não-casada...não possuímos outras indicações prosopográficas sobre as três discípulas (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 426).

Cumprem [as mulheres] funções de protagonismo na sua comunidade...Mas não podemos esquecer que também havia mulheres ‘enviadas’, isto é, ‘apóstolas’ (GASS, 2011, p. 180).

A partir da citação acima de Stegemann & Stegemann (2004), salta aos olhos o problema da situação social das mulheres que aderiram ao movimento de Jesus – elas eram pertencentes às camadas mais inferiores da sociedade da época. É isso que será abordado a seguir.

Assim como os integrantes do movimento de Jesus eram em sua esmagadora maioria pertencentes aos estratos inferiores da sociedade, a condição social das mulheres também não era diferente. Essas seguidoras de Jesus eram tidas não raras vezes como “mulheres sexualmente disponíveis”, prostitutas, etc. Como “boas seguidoras” de Jesus de Nazaré, a fama não era o seu melhor ativo.

De resto, a esse enquadramento social baixo corresponde que nenhuma das mulheres é caracterizada como filha ou esposa ou mãe de algum homem socialmente respeitado (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 429).

Enquadra-se aqui a comunhão de mesa do movimento de Jesus com mulheres consideradas sexualmente disponíveis, como se evidencia exemplarmente na história da unção e decorre decerto também de Mc 2.15s. Com uma certa probabilidade pode-se concluir de todas essas afirmações que também as mulheres no seguimento de Jesus eram consideradas de reputação duvidosa. Sua participação em ceias sociais ou sobretudo o fato de pertencerem a um grupo de homens com os quais se demoravam em público e junto com os quais percorreram a Galileia ou foram até Jerusalém fizeram com que parecessem mulheres ‘públicas’, com as quais se associava principalmente também a promiscuidade (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 429).

Por fim, algo deve ser dito sobre o aspecto, digamos, progressista do movimento de Jesus. Muita gente “romantizou” esse movimento tomando-o como protótipo de feminismo ou de movimento moderno de libertação. O movimento de Jesus foi um movimento que acolheu os chamados “muitos pobres” e que fez diferença em seu tempo, contudo, levando em conta parâmetros atuais, ele não foi um ajuntamento com propósitos de libertação de mulheres.

Mas o fato de mulheres (e homens) no movimento de Jesus não serem associados a papéis tradicionais ainda não as transforma num movimento emancipatório cujo objetivo consciente era a igualdade entre homens e mulheres (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 430).

Na tradição sinótica, não encontramos indicação alguma de que as mulheres do movimento de Jesus se tivessem voltado conscientemente contra as prescrições específicas para mulheres do judaísmo (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 431).

De tudo o que foi dito neste capítulo, gostaríamos de encerrá-lo com um apanhado sobre o contexto de sociedade abordado aqui, sua relação com o movimento de Jesus e como essa matriz social influenciou o movimento no trato com as mulheres da época.

O apocalipsismo e o traço carismático auxiliam na compreensão da inversão de valores que esse movimento promoveu em relação às mulheres. É importante frisar que as “revelações das últimas coisas” levavam grande esperança para essas pessoas, conferiam sensação de pertencimento a um grupo e promoviam um elevado senso de união.

A influência dos essênios pode ser sentida na tendência ao isolamento de algumas comunidades de Jesus. Já os fariseus, que contavam com membros dos estratos inferiores, acrescentaram ao movimento de Jesus posturas doutrinárias como vida após a morte e ajuda aos fracos, entre estes, as mulheres.

Ainda com os essênios – e em certa medida com os saduceus -, o movimento de Jesus esboça críticas à falta de pureza do templo e à ausência da pureza sacerdotal.

Por fim, a afirmação de que Jesus fora um “*tékton*” (mestre de obras) aponta para o fato de que ele mesmo era das camadas sociais inferiores e que arregimentou seguidores e seguidoras dessas camadas, formadas sobretudo por despossuídos e despossuídas, além de outras pessoas socialmente banidas.

Realizado esse levantamento de saberes sobre o seguimento mais antigo de Jesus, será feito, no próximo capítulo, o confronto entre a situação contemporânea das mulheres na CEI/Recife e a condição que o movimento de Jesus propiciou às mulheres da Palestina do Século I. Além disso, algumas reflexões sobre alguns cânones e a práxis da CEI/Recife também serão consideradas no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 2**

### **PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES**

#### **EM COMUNIDADES DE FÉ DA CEI NA CIDADE DE RECIFE DO SÉCULO XXI**

Neste capítulo apresentamos um breve histórico do anglicanismo no Brasil e sua conexão com a CEI/ Recife e realizamos comentários sobre alguns cânones da CEI que tocam na questão de gênero. Outra feição da CEI/Recife aqui abordada é a participação de mulheres em diversos movimentos nas comunidades de fé. Parte desses relatos são oriundos da vivência pastoral na comunidade da Paróquia Ressurreição (PR), bairro de Ouro Preto, Olinda-PE e na comunidade da Catedral da Santíssima Trindade (CST), bairro do Espinheiro, Recife. Ambas as experiências ocorreram entre os anos de 2008 e 2011.

Achamos oportuno desmembrar este capítulo em três partes: a primeira é (a) “A CEI como instituição de identidade anglicana”, a fim de que se pudesse conhecer o mínimo dessa igreja e que, assim, fosse possibilitada contextualização melhor para o leitor; a segunda parte é (b) “Cânones da CEI que tocam na questão de gênero”, por meio da qual pretende-se mostrar a posição oficial escrita e assinada da CEI no que toca à gestão e à alta administração dessa igreja; a terceira trata de (c) “Considerações sobre aspectos econômico-sociais a respeito das mulheres brasileiras”, com o objetivo de situar as mulheres que militam na CEI/Recife no Brasil de hoje, com desigualdades gritantes.

#### **2.1 A CEI COMO INSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE ANGLICANA**

A importância deste subitem neste trabalho é porque existe uma ligação histórica e intrínseca entre a CEI e o anglicanismo brasileiro. Calvani (2005, p. 37) menciona a CEI, antiga IECB ou IEC, como uma suposta herdeira que reivindica herança da tradição anglicana. Além disso, Calvani (2005) relaciona diretamente a CEI à tradição anglicana: “A Igreja Episcopal Carismática é uma dissidência da Diocese Anglicana do Nordeste...” (CALVANI, 2005, p. 37).

Independente da compreensão desse autor, seu pensamento oferece sustento teórico para a ideia segundo a qual a CEI é uma instituição de identidade

anglicana. Assim, Calvani (2005) é útil para a construção deste trabalho e contribui para iluminar pontos sobre a natureza da CEI, bem como ajuda a delimitar características eclesiológicas dessa igreja.

No terreno histórico, a igreja da Inglaterra possui tanto características do protestantismo de missão como do protestantismo de imigração. Essa vem para o Brasil com forte traço de igreja de apoio de capelania. Ela vem para o Brasil, por exemplo, com intuito primordial de prestar assistência religiosa aos britânicos que estavam no Brasil por motivos os mais variados, pois

A Igreja da Inglaterra acompanhou a expansão do Império Britânico nos séculos XIX e XX estabelecendo capelanias e paróquias em todas as terras controladas pela coroa ou com as quais a Inglaterra tinha interesses comerciais (CALVANI, 2005, p.39).

Passado o afã colonialista e imperial, as igrejas de capelania já estavam bem instaladas e adaptadas ao Brasil, de maneira que essas instituições permaneceram em solo brasileiro e começaram, digamos assim, a se enraizar e nacionalizar. “Quando o poderio britânico diminuiu e a maioria das colônias se emancipou, a igreja já estava estabelecida nesses países e tentando amoldar-se às culturas locais.” (CALVANI, 2005, p. 39).

Segue abaixo uma citação um pouco longa, porém crucial para o estabelecimento da conexão histórica entre a CEI atual e o anglicanismo histórico. Trata-se de trecho sobre a gênese da atual CST no bairro do Espinheiro em Recife.

A primeira incursão do anglicanismo no Brasil deu-se sob a forma de capelania religiosa ainda no Brasil Colônia. Em 1810, Portugal e Inglaterra estabelecem um tratado comercial que incluía a permissão para o estabelecimento nos territórios do reino de Portugal de cemitérios, hospitais, clubes e igrejas, desde que essas realizassem os cultos em inglês, fossem freqüentadas apenas por britânicos e não tivessem aparência exterior de templo (4). Assim, em 1819, foi inaugurada em solo brasileiro a primeira capela não-católica romana, a Christ Church (localizada até hoje na Rua Real Grandeza, em Botafogo, RJ) e posteriormente a St. Paul’s (São Paulo), Holy Trinity (Recife)... (CALVANI, 2005, p. 40).

A *Holy Trinity* (Trindade Santa) mencionada por Calvani (2005), a capela inglesa construída no Recife no século XIX, é exatamente o gérmen espiritual e o antecedente histórico da CST atual<sup>23</sup>, sede mundial da CEI.

---

<sup>23</sup> Os motivos do desligamento da CST do anglicanismo histórico e sua conexão com a Comunhão Internacional da Igreja Episcopal Carismática (CIIEC) não podem ser abordadas aqui por absoluta falta de espaço. Pensamos que talvez seja cabível outra dissertação para tratar desse assunto.

Um detalhe que merece ser lembrado é a ênfase no governo de igreja para designar a denominação. Os anglicanos eram conhecidos por episcopais, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. O termo episcopal era de uso comum e utilizar esse nome hoje acaba fortalecendo essa igreja, ao menos no âmbito do anglicanismo.

A face missionária do anglicanismo no Brasil só aparecerá no Brasil Império. Em 1889 dois missionários norte-americanos (Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris) chegaram ao Brasil (5). Eram jovens recém-formados no Seminário Teológico de Virgínia, ligado à Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América (nome que o anglicanismo teve que adotar nos EUA após a Guerra da Independência) inflamados pelo ardor evangelístico que tomou conta das igrejas protestantes norte-americanas na segunda metade do século XIX (CALVANI, 2005, p. 40).

Em 1893 foram ordenados os quatro primeiros diáconos brasileiros. Em 1907, as comunidades passaram a ser um “distrito missionário” da Igreja Protestante Episcopal dos EUA, recebendo verbas e a visita regular de bispos para confirmação dos novos membros e ordenação do clero. Na época, a igreja era conhecida não como “anglicana”, mas como “Igreja Episcopal”, e os membros eram chamados “episcopais” ou “episcopalianos”. (CALVANI, 2005, p. 40).

Diante dessas conexões entre o anglicanismo histórico no Brasil e a CEI atual, é interessante avançar um pouco mais e adentrar especificamente na história da CEI, enfatizando aspectos descritivos da formação da CEI, como IECB ou IEC e sua filiação à CIIEC. Vale lembrar que, por ter uma ligação umbilical com o anglicanismo histórico, seja de missão, seja de imigrantes, a CEI, embora seja juvenil, não se mostra uma instituição imatura.

As ligações viscerais da CEI com a história do anglicanismo trazem uma compreensão importante sobre certas feições dessa igreja. A ideia segundo a qual os fiéis são dotados de inteligência e discernimento possui conexão com a ideia de tolerância e pluralidade hermenêutica. “Assim é o *ethos* anglicano – uma constante tentativa de acomodar diferenças em prol da preservação da comunhão.” (CALVANI, 2005, p. 39). A isso se soma o fato de que

A história da Igreja da Inglaterra (Church of England) é marcada por extremas oscilações pendulares em relação ao catolicismo romano ou ao protestantismo...Essa atitude receberá mais tarde a designação de “via média”, expressão através da qual se busca a identidade do anglicanismo num meio-termo entre o catolicismo romano e o protestantismo clássico (CALVANI, 2005, p. 38).

Dentro desse contexto dialético, em que o anglicanismo busca a síntese entre a chamada “substância católica” e o dito “princípio protestante”, a CEI, como

herdeira dessa tradição, parece nela se espelhar ao declarar a independência intelectual de sua membresia.

Formada e constituída por pessoas livres e conscientes, a IECB não negligencia a absorção da inteligência, capacidade criadora, dedicação, do amor e sacrifício dos seus membros, reconhecendo aqui e alhures, em cada um, mas de forma sempre presente, os “diferentes dons (CIIEC, 2021).

É uma Igreja para PESSOAS LIVRES, CONSCIENTES - Ela não anula a inteligência de seus membros, mas se expressa pela manifestação consciente de todos eles. Não há lugar para fanáticos. Todos levamos em nós a marca da Graça e livremente devemos expressá-la, conformando-nos, porém, com a ordem e a tradição cristãs (IECB, 2022, grifo do autor).

Feitas essas considerações sobre o *ethos* anglicano e a recepção dele pela CEI, podemos falar um pouco da história dessa igreja. A história da CEI é recentíssima. Não ultrapassa sequer duas décadas. Contudo, a adolescência da CEI não significa imaturidade institucional, a julgar pelo conteúdo dos seus cânones e pela forma como eles foram organizados. Concorre também para essa percepção de maturidade as respostas dadas pelas mulheres que colaboraram com o questionário. Histórico da CEI na rede mundial não há; existem, contudo, algumas pistas dessa história no sítio “iecb.com.br”.

De volta ao breve histórico da CEI, observa-se, curiosamente, que o sítio referido se vale de outro nome. O documento digital faz menção à Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB) e à Comunhão Internacional da Igreja Episcopal Carismática (CIIEC). Hoje, a então IECB não existe mais e nem está vinculada a nenhuma comunhão internacional.

Nos dias atuais, a IECB foi incorporada à CIIEC, que, a seu turno, tornou-se a CEI, a qual é soberana e cujo líder máximo mundial, o Arcebispo de Recife, não responde, portanto, a nenhum patriarca alienígena. Entretanto, por não haver na internet senão o sítio eletrônico da antiga IECB à disposição do pesquisador, faz-se uso dessa fonte neste trabalho como a pista indicada antes. Dessa forma, nas citações diretas, onde se lê: “IECB e CIIEC”, leia-se: “CEI”.

Outro ponto: motivos para o desligamento da IECB da CIIEC não aparecem na aludida fonte eletrônica; assim como também não aparecem as razões que a liderança encontrou para a instituição da CEI. Diante disso, o importante aqui será

apenas expor um pouco dessa história à luz dos documentos disponíveis – Cânones e o sítio “iecb.com.br”.

A autocompreensão da CEI é que ela não tem origem em separação ilícita de nenhuma religião: “Definitivamente, a IECB não é um CISMA ou um grupo DISSIDENTE de outra denominação...” (IECB, acesso em 2021, grifo do autor). Para a CEI, as pessoas que ali congregam receberam chamado divino para construir uma nova comunidade aberta, racional, tolerante e que pratique o que os documentos chamam de “convergência”, cujo significado mais enxuto é: um ponto de contato entre católicos e evangélicos.

Embora a IECB ainda seja uma denominação relativamente jovem, ela se coloca numa posição para onde convergem os anglicanos, os católicos romanos e os evangélicos de várias denominações, recebendo sua sucessão apostólica em legítima linhagem do indivisível cristianismo ortodoxo (IECB, 2021).

A base genética da CEI, segundo essa fonte, é o ano de 1977 nos Estados Unidos da América (EUA). Ali, um grupo de líderes de viés reformado iniciou orações e fez apelos para que o “mundo evangélico” olhasse para o passado da Igreja e redescobrisse seus laços com o catolicismo antigo. Diz o documento sobre a gênese da teologia da convergência:

As sementes deste movimento de convergência foram plantadas em maio de 1977, quando um grupo de líderes de tradição reformada fez um veemente apelo a todos os evangélicos para que descobrissem suas raízes junto ao Cristianismo histórico. A Conclamação de Chicago, como passou a ser conhecida, foi assinada por pessoas como Peter Gilquist, Thomas Howard, Robert Webber e John Braun (IECB, acesso em 2021).

Abaixo seguem duas informações “administrativas” sobre a CEI mas que contribuem bastante nesse esforço de entender mais da história dessa comunidade de fé:

No dia 26 de junho de 1992, o Revm<sup>o</sup> Austin Randolph Adler foi sagrado como o primeiro Bispo Primaz dos Estados Unidos e Patriarca desta Igreja. A sede patriarcal fica na Cidade de San Clemente, Califórnia, nos Estados Unidos da América do Norte, onde está a Catedral de São Miguel Arcanjo (IECB, 2021).

A IECB é parte da Comunhão Internacional da Igreja Episcopal Carismática, CIIEC, uma das denominações que mais rapidamente se expande no mundo. Conquanto tenha começado em 1992 com apenas um bispo e três paróquias, atualmente os dados estatísticos apontam para cerca de 1000 (mil) igrejas, totalizando mais de

200.000 (duzentos mil) membros confirmados, espalhados em 20 países (IECB, 2021).

Sagrado bispo, o Pastor Adler inaugura, na CIIEC, certa “sucessão apostólica”. No ano de 2003 a CST, em Recife, desliga-se do Anglicanismo de Cantuária e estabelece laços eclesiais com a CIIEC. Em 2019, contudo, a IECB resolve afastar-se em definitivo da CIIEC e passa adotar o nome de CEI.

Realizada a contextualização histórica da CEI como igreja de identidade anglicana, podemos agora, a partir da experiência pastoral vivida na CEI/Recife (PR e CST), traçar um panorama de atividades em comunidades de fé dessa instituição que exemplificam e mostram que as mulheres nessas comunidades de fé exercem protagonismo em alguma medida e de alguma forma.

Embora os cânones da CEI expressamente limitem a participação e o protagonismo das mulheres, a participação das mulheres na formação teológica delas na igreja (igual à dos homens), a elaboração do planejamento pedagógico e a ministração de aulas na Escola Bíblica Dominical (EBD), a liderança exercida por elas no Cursinho Feminino (CF) e a igualdade com varões nos Encontros de Casais com Cristo (ECC) são sinais de que a CEI/Recife apresenta boa respiração nessa corrida pelo protagonismo das mulheres.

Na CEI, como veremos, não se admitem mulheres às ordens sagradas. Todavia, o mesmo não acontece com o Seminário Teológico Episcopal Carismático (SETEC). Nele, as mulheres podem ser alunas regulares, sem distinção alguma em relação à formação dos varões. O caso específico da ascensão de mulheres ao ministério pastoral é resolvido no âmbito dos cânones da igreja.

O curso livre de formação teológica, no nível bacharel, possui três anos de duração e as mulheres podem cursá-lo sem nenhum impedimento. Isso aponta para um entendimento de abertura e amplitude no que diz respeito ao conhecimento teológico que as mulheres de comunidades de fé da CEI podem alcançar.

A experiência pastoral em comunidades da CEI mostra também que as mulheres praticamente detêm exclusividade no ensino bíblico para as crianças. Isto é, as mulheres são numerosas nas Escolas Bíblicas Dominicais (EBD). Numa frente parecida, a coordenação pedagógica das EBD também fica a cargo das mulheres, com uma ou outra exceção. Isso é um dado interessante porque elas têm o controle do ensino aos infantes, todavia não influenciam nas questões ligadas ao

protagonismo delas mesmas nas comunidades (ministério pastoral e atividades de alta gestão).

Como elemento intrínseco à CEI aparece o movimento cursilista. É uma iniciativa de forte cunho evangelístico e que, portanto, procura fazer prosélitos. É um evento que se inicia na quinta-feira à noite e só termina no domingo após o almoço. Os (as) participantes normalmente pernoitam no local e, a priori, não podem sair de lá para nada. No Cursilho, são ministradas palestras e apresentações aos expectantes, tanto pelos membros do clero, quanto por leigos<sup>24</sup>. Após cada palestra, o auditório é dividido em grupos e as pessoas debatem, formando círculos, sobre o que foi exposto nas palestras, que são chamadas de *rollos*<sup>25</sup> (rolhos).

Na CST, o Cursilho pode ser masculino ou feminino. Algumas paróquias realizam o Cursilho misto, com a presença simultânea de homens e mulheres. O Cursilho feminino é todo produzido por mulheres. Embora algumas atividades exclusivas do clero sejam dirigidas por varões, o fato é que tudo o mais é tocado por elas. As mulheres ministram inúmeros *rollos* nesses quatro dias de encontro, fato que aponta para um protagonismo delas na CEI. Protagonismo esse, repetimos, mitigado pelos cânones.

Um outro ponto que contribui para reforçar as contradições existentes na CEI/Recife quando o assunto é protagonismo das mulheres é a participação delas nos ECC. Nesse movimento voltado para casais, à semelhança dos cursilhos, muitas palestras são ministradas. Tais comunicações são realizadas pelo casal e as mulheres estão em pé de igualdade com os homens.

Porém, de modo assemelhado ao que ocorre no “Cursilho de Cristandade”, algumas atividades são privativas do clero, ou seja, são realizadas apenas por varões, o que, na nossa opinião, não retira o brilho do protagonismo delas nesses encontros de casais.

Vale dizer, entretanto, que, se não houvesse a vedação canônica à participação das mulheres no clero e à integração delas nas JE, tal protagonismo poderia ser bem mais efetivo. É o que será examinado no item a seguir.

---

<sup>24</sup> Qualquer pessoa que não faça parte do clero da CEI.

<sup>25</sup> Do espanhol, assunto que rola ou gira; espécie de debate em círculo.

## 2.2 CÂNONES DA CEI QUE TOCAM NA QUESTÃO DE GÊNERO

O primeiro cânone da CEI que merece destaque em função de recorte de gênero é o Cânon 5, cujo objeto disciplinador é a chamada JE. Tal instância administrativa destina-se à gestão paroquial; é um centro decisório no âmbito da paróquia. Ocorre que, à luz desse cânon, não cabe às mulheres participar do centro decisor das paróquias da CEI.

XI – A Junta Eclesial (JE) da Paróquia é formada pelo Reitor e demais clérigos, que são seus membros permanentes, e, facultativamente, por outros homens, que sejam membros confirmados da Paróquia, escolhidos pelo Reitor, em consenso com a Junta, e se reunirá, no mínimo, duas vezes ao ano (CEI, 2019, p. 14).

É interessante pontuar que a JE se estende também às catedrais, locais sagrados para o crence episcopal, e a partir das quais a CEI é gerida e de onde partem as diretrizes de nível estratégico na CEI. Por esses cânones, a direção política e normativa das igrejas compete aos varões; de forma parecida, a gestão financeira na CEI é exercida patriarcalmente; por fim, são os varões que exprimem “a mente, a vontade, a voz e a palavra” de Deus. Eles são os porta-vozes da divindade na CEI. Ainda o Cânon 5:

XIII – A JE é a principal casa de oração e o corpo governante da Igreja, guardiã da visão da Igreja e autoridade decisiva e final na Igreja, seja Catedral, Paróquia ou Missão, sob a liderança do Reitor, que preside as sessões, a JE deve: 1) Estabelecer políticas e normas para a Igreja; 2) Apreciar os relatórios financeiros regulares da Igreja; 3) Atuar sob as regras de governo por consenso, expressando a mente, a vontade, a voz e a palavra do Senhor (CEI, 2019, p. 15).

Por sua vez, o Cânon 6 invoca o governo por consenso...consenso dos varões. Pelo direito atual da CEI, os conselhos serão formados por líderes (varões) que escolhem outros homens (varões). “I – Em todos os níveis, a CEI é governada por líderes que escolhem outros homens para servirem em Conselhos. Os Conselhos devem funcionar de acordo com a regra do governo por consenso.” (CEI, 2019, p. 16). É de bom alvitre destacar que o termo “homem”, quando aparece nos cânones da CEI, nunca se refere à espécie humana, aponta sempre para varões. Nos cânones da CEI, homem deve ser lido sempre em sentido estrito (macho, varão).

Quanto ao tema de ordenação das mulheres, o Cânon 7, é taxativo: as “ordens sagradas” são defesas às mulheres, as quais, por isso mesmo, não podem

exercer a liderança plenas nas igrejas vinculadas à CEI. O assunto, contudo, pelas respostas dadas no questionário, parece não inflamar as mulheres da CEI, que se mostram cordatas com o fato de não poderem exercer o ministério ordenado. “Reza” assim o referido cânon:

II – As ordens da Igreja são Bispos, Presbíteros e Diáconos. III – O termo “clero” se refere aos Ministros Ordenados, que são os Bispos, os Presbíteros e os Diáconos, cujas ordens estão inseridas na linha de sucessão do Episcopado Histórico da Igreja de Cristo. V – São qualificações necessárias do Ministro Ordenado: a) Ser um homem confirmado na CEI (...) (CEI, 2019, p. 17).

Do exame superficial desses cânones, extrai-se tranquilamente que, ao menos nos códigos legais escritos da CEI, a administração eclesial dessa comunidade religiosa cristã é restrita aos varões. Todavia, como vimos, na vivência diária, a participação das mulheres alcança certa expressão. Aparentemente, em apreciação liminar, podem-se enxergar contradições entre a norma escrita regente da CEI – os cânones - e a percepção das mulheres sobre o dia-a-dia delas nessas igrejas.

Uma vez examinados o histórico da CEI e algumas práticas das mulheres nas comunidades de fé dessa igreja, abordaremos algumas questões sócio-econômicas que afligem as mulheres brasileiras. Essa associação é importante porque ajuda a situar socialmente<sup>26</sup> essas mulheres, a fim de se possa “bater um retrato” dessa condição atual e tentar fazer aproximações da realidade enfrentada por Jesus e pelas mulheres que com ele estiveram e a realidade que as mulheres brasileiras – algumas da CEI/Recife incluídas – encaram hoje.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS ECONÔMICO-SOCIAIS A RESPEITO DAS MULHERES BRASILEIRAS

Embora tenhamos conhecimento do protagonismo de mulheres brasileiras em diversas áreas (imprensa, política, forças armadas, etc), passa-se agora a relatar

---

<sup>26</sup> “ O que se dá a conhecer ao estudioso dos fenômenos religiosos não é nem uma ‘religião’ no estado puro, nem só a psique ou a cultura ou a sociedade, mas um entrelaçamento concreto, historicamente dado, entre determinadas ‘individualidades’ religiosas com sua particular lógica e estrutura e determinados contextos histórico-sociais.”

fatos desagradáveis que vêm sendo repetidamente noticiados na imprensa do Brasil sobre elas.

No Brasil de hoje, mulheres ainda sofrem discriminação salarial pelo mesmo trabalho realizado por homens e enfrentam a inglória tarefa de chefiar famílias sozinhas, o que contribui para as encurralar na pobreza. Os extratos das notícias abaixo assinalam bem isso:

Um dos grupos mais vulneráveis é composto pelas pessoas que moram em domicílios formados por arranjos cujo responsável é mulher sem cônjuge com filhos de até 14 anos de idade: 56,9% dessas pessoas vivem em situação de pobreza. Se o responsável desse tipo de domicílio (monoparental com filhos) é uma mulher preta ou parda, a incidência de pobreza sobe ainda mais, a 64,4% (OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR, 2019).

A igualdade de gênero ainda é uma realidade distante dos brasileiros. De acordo com o estudo Diferença do Rendimento do Trabalho de Mulheres e Homens nos Grupos Ocupacionais - PNAD Contínua 2018, divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nesta sexta-feira (8), mulheres ainda têm um salário menor do que os homens no mercado de trabalho (PORTAL R7, 2019).

Como se não bastasse, é de conhecimento público a violência doméstica a que estão sujeitas as mulheres brasileiras. Na cidade de Salvador, por exemplo, o Centro de Referência de Atenção à Mulher Loreta Valadares recebe muitos pedidos de acolhimento de mulheres vítimas de violência doméstica; entre elas está uma massa de mulheres evangélicas:

...outras mulheres evangélicas têm sofrido caladas. As evangélicas são as que mais buscaram ajuda no Centro de Referência de Atenção à Mulher Loreta Valadares, este ano, mas também são as que menos vão às delegacias registrar denúncia (CORREIO, 2017).

Uma das questões mais latentes da realidade brasileira, a violência doméstica segue preocupando. Para se ter uma ideia desta triste realidade, uma pesquisa realizada pela teóloga Valéria Vilhena no curso de doutorado na Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, constatou que 40% das mulheres vítimas de agressões físicas e verbais de seus companheiros se declaram evangélicas (HYPENESS, 2018).

Certa hermenêutica teológica pode estar sendo decisiva para esse estado de paralisia de algumas mulheres<sup>27</sup>. Outro aspecto importante nessa hermenêutica de supremacia do “inimigo” é o fato de serem incentivadas medidas que lancem foco

<sup>27</sup> “...ao invés de atribuir culpa às forças sociais, e também aos interesses de seu companheiro, que são claramente opostos ao dela, ela culpa o “inimigo””. (VILHENA, 2011, p.116).

apenas na questão da chamada “batalha espiritual” cujo significado mais simples é que a luta do crente não é contra a carne e o sangue mas contra as potestades espirituais, ou seja, contra Satanás e seus asseclas. Isso não raras vezes inverte a situação da mulher – ao invés de ser tomada como vítima é tida por agente causadora do problema, pois

...o que era um dever, o da denúncia para fazer valer seu direito de não sofrer violência, passa a ser entendido como uma fraqueza, ou falta de fé na provisão e promessa divina de conversão-transformação de seu cônjuge (VILHENA, 2011, p. 117).

Isso aponta para a importância de aprimoramento hermenêutico sobre a condição das mulheres no contexto da religião evangélica, a fim de que se ampliem possibilidades de diálogo para que elas exerçam sua cidadania e sua fé de maneira feliz e com liberdade.

Entretanto, um dado curioso aparece quando se trata de mulheres e movimentos evangélicos: a presença maciça delas nessas agremiações religiosas. O levantamento censitário aponta para um grande número de mulheres nessas igrejas. Elas respondem por cerca de 58% dos fieis em geral e nas denominações neopentecostais podem atingir a incrível marca de 69% (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). No que se refere ao contingente feminino brasileiro 31% delas se declaram pertencer a alguma agremiação evangélica, pois

De Edir Macedo a Silas Malafaia, os rostos mais conhecidos do movimento evangélico podem até ser masculinos, e o mais comum é encontrar um pregador homem nos cultos. Já na fila para pedir bênção e entregar o dízimo são as mulheres que prevalecem neste que é o segundo maior bloco religioso do Brasil com 31% da população (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

À luz dos dados coletados por meio do questionário, e a partir do conteúdo dos cânones examinados, emerge uma dialética interessante: em um polo, a percepção de bem estar das mulheres episcopais sobre sua condição nas comunidades de fé na CEI/Recife e sobre a proibição de ordenação de mulheres ao ministério pastoral; em outro polo, a intransigência canônica que veda expressamente às mulheres o exercício do ministério presbiteral e da alta administração das paróquias e dioceses, embora uma das respondentes ter feito referência a sua participação em Junta Eclesial (JE)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Instância de governo decisória no âmbito da CEI.

Diante dessa tensão, importa algum tipo de esclarecimento a fim de tentar deslindar essa contradição e algumas perguntas podem ajudar sobre a participação das mulheres nessas comunidades de fé. Será que elas se sentem acolhidas? Será que se incomodam com o fato de a CEI não separar mulheres para o ministério pastoral? Que tipos de atividades as mulheres desenvolvem no dia-a-dia das comunidades? Essas e outras perguntas foram abordadas no questionário que onze mulheres da CEI/Recife responderam e cuja análise das opiniões vai pormenorizada adiante.

Aparentemente, as mulheres da CEI/Recife deveriam ficar aborrecidas/incomodadas/desconfortáveis com essa desigualdade no acesso aos meios da alta gestão e de direção nas comunidades de fé, porém não é isso que salta aos olhos após exame das respostas dadas no questionário. Talvez a chave explicativa para isso esteja no tipo de interpretação bíblica que se opera no interior da CEI/Recife. Nesse sentido, uma virada hermenêutica<sup>29</sup> pode lançar alguma luz sobre o androcentrismo e o patriarcalismo presentes nos cânones e que se desdobra na prática cotidiana da CEI/Recife, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>29</sup> Tal expressão (virada hermenêutica) refere-se, no contexto deste trabalho, à leitura das Escrituras proposta por Elisabeth S. Fiorenza, segundo a qual deve-se confrontar o texto bíblico do NT com o conhecimento histórico e sociológico sobre o tempo em que Jesus viveu.

### CAPÍTULO 3

## ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO E DO PROTAGONISMO DE MULHERES NA CEI/RECIFE À LUZ DO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO

É chegado o momento de analisar a participação e o protagonismo de mulheres na CEI/Recife no século XXI à luz do movimento de Jesus do Primeiro Século. Perguntas importantes serão respondidas adiante: como essas mulheres são tratadas nessa igreja? Qual a autocompreensão delas enquanto partícipes dessas comunidades de fé? Que tipos de atividades elas exercem hoje na CEI/Recife? Que espécies de “vantagens” o movimento de Jesus conferiu às mulheres que a ele estavam ligadas? Que hermenêutica seria aplicável neste estudo, a fim de se observar com novas lentes a participação e o protagonismo das mulheres no movimento de Jesus? E, por fim, que contribuições o movimento de Jesus do Primeiro Século tem para oferecer às mulheres da CEI/Recife de hoje?

A fim de responder as perguntas acima, lançamos mão dos seguintes tópicos neste capítulo: (a) “descrição e análise do questionário aplicado sobre a participação de mulheres em comunidades de fé da CEI/Recife”, cujo escopo é expor e analisar os dados coletados dos formulários *google* mediante ferramentas simples de gráficos<sup>30</sup> de barras e de setores; (b) “a importância de uma hermenêutica antiandrocêntrica e antipatriarcal, momento no qual passa-se a trazer a contribuição da hermenêutica de Elizabeth S. Fiorenza” e (c) “contribuições possíveis do movimento de Jesus do Primeiro Século para o protagonismo de mulheres na CEI/Recife (Séc. XXI)”, por meio do qual buscamos práticas e princípios existentes no movimento de Jesus que pudessem ser transpostos para iluminar a caminhada das mulheres contemporâneas na CEI/Recife.

### 3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO

O presente trabalho solicitou participação, mediante aplicação de questionário, via *google* formulários, de mulheres em duas comunidades de fé da CEI/Recife: a

---

<sup>30</sup> Todos os gráficos apresentados são oriundos do questionário proposto pelo autor e tabulados pela ferramenta *google forms*.

Paróquia Ressurreição (PR) no bairro de Ouro Preto/Olinda-PE<sup>31</sup> e a Paróquia Deus Conosco (PDC)<sup>32</sup>, situada no bairro da Madalena/Recife-PE.

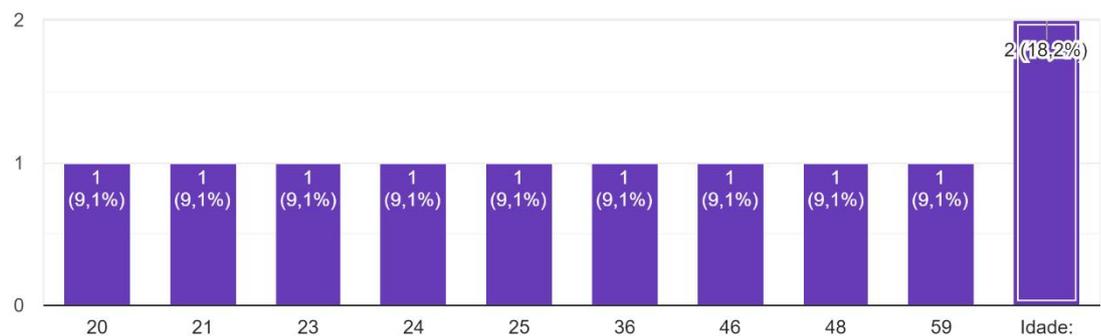
Foram também ouvidas quatro mulheres pertencentes à Catedral da Reconciliação (CR) no bairro de Boa Viagem/Recife-PE e uma da Catedral da Santíssima Trindade (CST), no bairro do Espinheiro, Recife-PE. No conjunto, participaram da pesquisa onze mulheres: três da CR, sete da PR, uma da CST e zero da PDC.

Abaixo, colocamos os resultados encontrados no questionário aplicado, bem como realizamos a análise do material coletado dividido da presente maneira: a) algumas informações pessoais das mulheres, b) perguntas relacionadas diretamente ao assunto da pesquisa e c) a análise propriamente dita.

#### a) Perfil social

Idade:

11 respostas

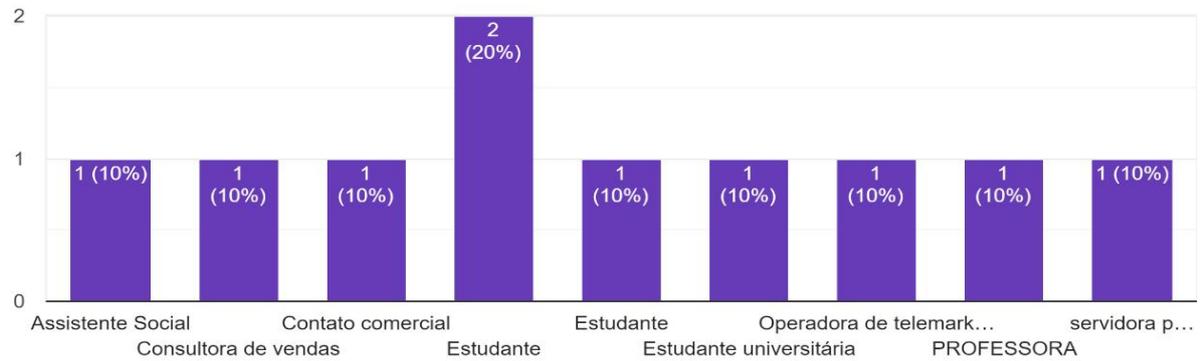


<sup>31</sup> Embora situada na cidade de Olinda-PE, a Paróquia Ressurreição está vinculada à Diocese do Recife.

<sup>32</sup> Infelizmente, as mulheres da PDC não responderam às perguntas propostas.

## 2. Ocupação principal (profissão):

10 respostas



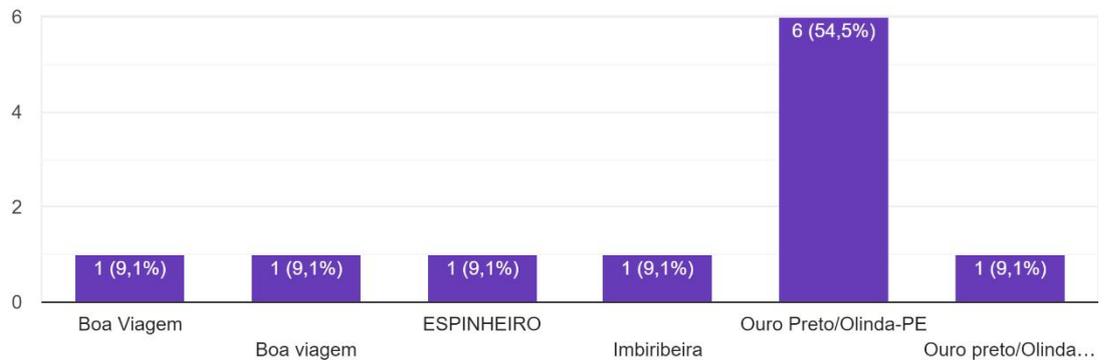
## 3. Bairro e cidade onde reside:

11 respostas



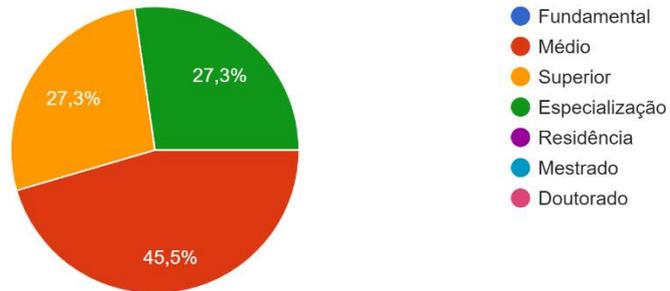
## 4. Bairro onde está sua igreja:

11 respostas



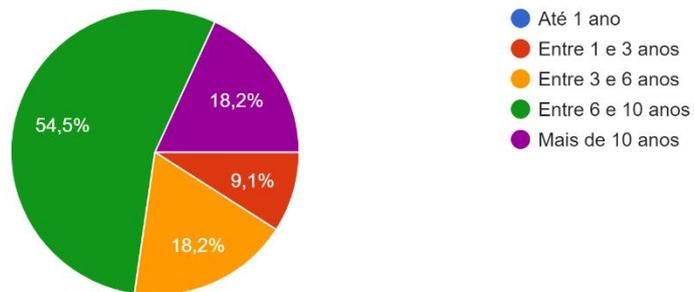
1. Que nível de escolaridade você completou até esta data?

11 respostas



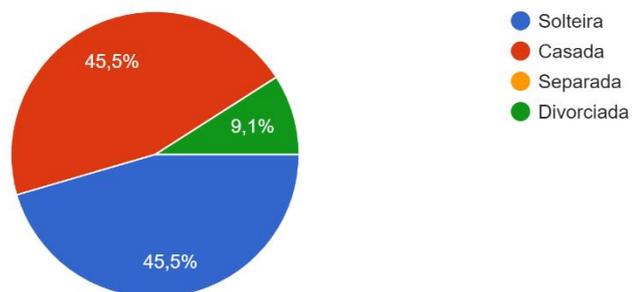
2. Há quanto tempo você congrega na Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB)?

11 respostas



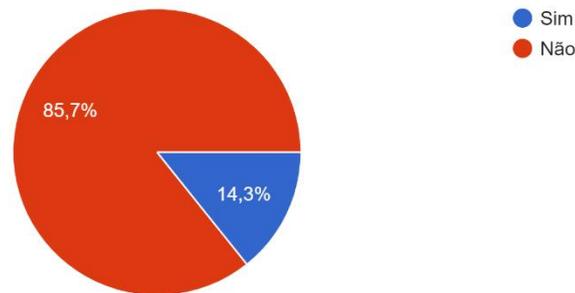
3. Qual seu estado civil?

11 respostas



4. Em caso de ser casada, seu cônjuge é pastor?

7 respostas



b) Comentários: perfil social

Das onze mulheres colaboradoras, cinco estão na casa dos 20 anos, uma, na dos 30, duas na dos 40 e três possuem mais de 50 anos. Quanto à escolaridade, a amostra ficou assim: três estudantes, uma estudante universitária, três profissionais que exercem atividade que requer nível médio, três profissionais de nível superior e uma não declarou a atividade principal que realiza.

A respeito do bairro onde moram, as mulheres responderam o seguinte: uma declarou residir em Boa Viagem, quatro, na Estância, uma em Jardim Brasil (Olinda-PE) e seis em Ouro Preto (Olinda-PE). Quanto ao local onde se situa a comunidade de fé das participantes, três congregam em Boa Viagem, uma no Espinheiro e sete no bairro de Ouro Preto (Olinda-PE).

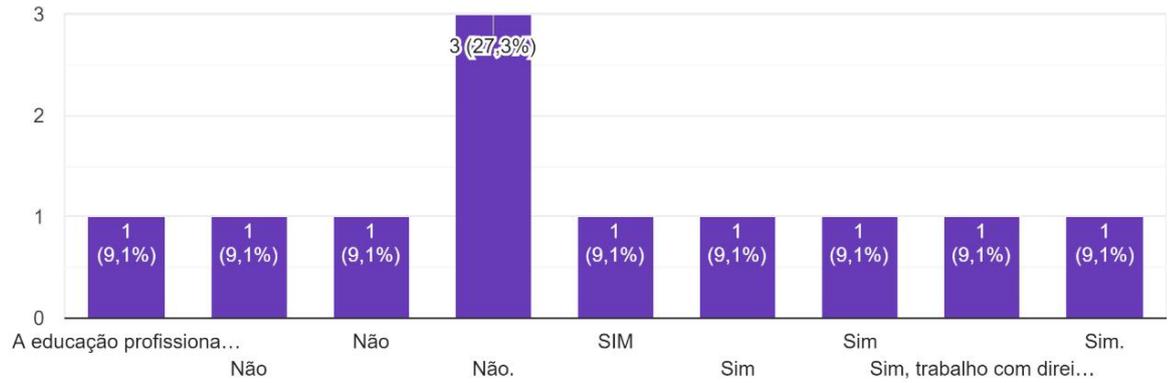
Sobre escolaridade, 46% das participantes possuem apenas ensino médio, 27% apenas o nível superior e 27% são portadoras de pós-graduação lato sensu. Das respondentes, 54,5% estão na CEI há mais de seis anos e há menos de dez; 18,2% há mais de 10 anos; 18,2% entre 3 e seis anos e 9,1% congregam na CEI entre 1 e 3 anos.

Quanto a estado civil, 45,5% são casadas, 45,5%, solteiras e 9,1% são divorciadas. Das sete casadas, apenas uma é cônjuge de pastor; no caso, pastor da CEI/Recife. Questionadas sobre se já tomaram alguma atitude para ajudar mulheres que sofrem discriminação pelo simples fato de serem mulheres (violência, diferença salarial, chefia solitária do lar), apenas seis tiveram a oportunidade de fazer algo para resolver ou mitigar a situação de mulheres nesse contexto de sujeição.

c) Perfil eclesial

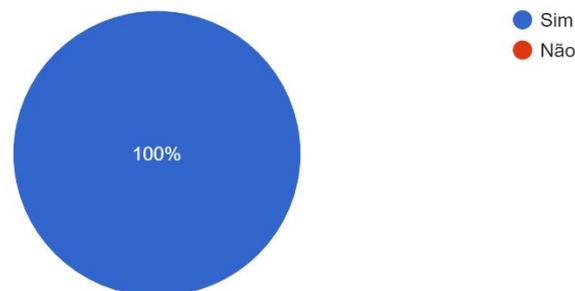
5. Diariamente, jornais estampam notícias de mulheres que sofrem injustiças sociais apenas por serem mulheres (violência, salários baixos, chefia s... de fazer algo para atenuar esse tipo de injustiça?

11 respostas



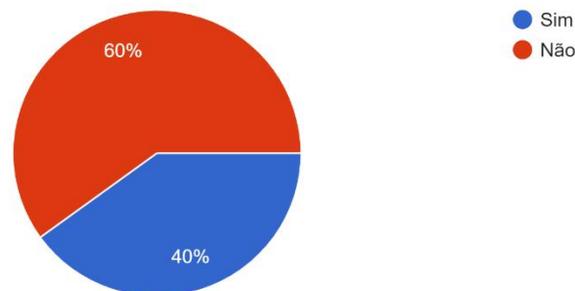
6. Você conhece alguma mulher da IECB que seja chefe de família sozinha?

11 respostas



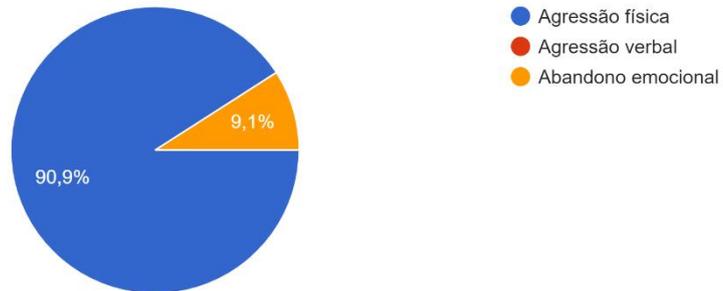
7. Você conhece alguma mulher da IECB que reclame/comente etc, o fato de ter salário menor que algum homem, apesar de ter a mesma qualificação ...exercer atividade idêntica ou equiparada a dele?

10 respostas



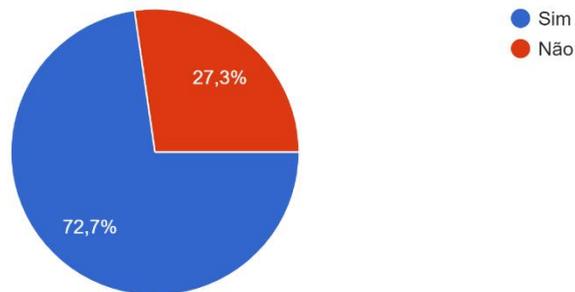
8. Dentre os termos abaixo, qual deles você considera que expressa melhor a noção de violência.

11 respostas



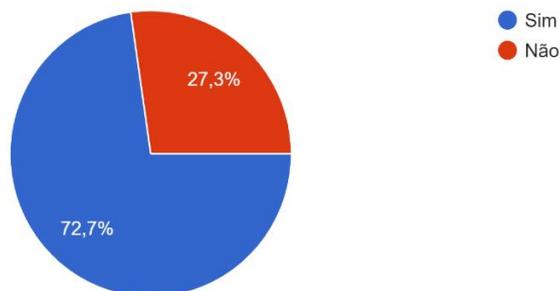
9. Você conhece alguma mulher da IECB que tenha sofrido violência doméstica?

11 respostas



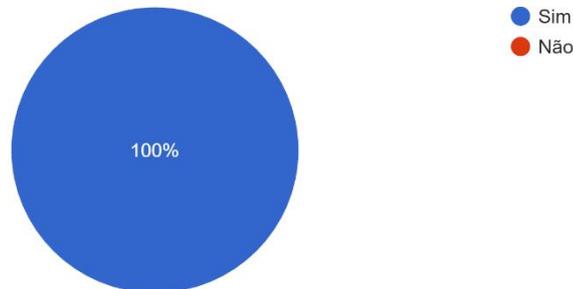
10. É muito difícil dentro de um relacionamento abusivo a mulher perceber quando o tratamento do parceiro passou do ponto. Muitas vezes as nu...ciou algo semelhante com alguma mulher da IECB?

11 respostas



11. Sei que a IECB não ordena mulheres para o ministério pastoral. Você se sente confortável/satisfeita/tranquila/em paz com essa posição?

11 respostas

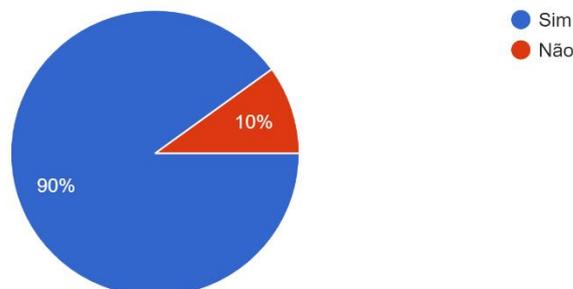


12 Resumidamente, como você justificaria sua resposta dada à pergunta anterior (nº 11)? 11 respostas

1ª) Acredito pelo homem ser o "chefe", o sacerdote da casa; 2ª) Não é minha área de interesse, então, não tenho uma opinião sobre; 3ª) A Bíblia não faz referência a cargo pastoral feminino; 4ª) Não tenho interesse nesse tipo de liderança; 5ª) Porque não é colocada de forma contundente na Bíblia; 6ª) Por estar fundamentada na Bíblia; 7ª) O papel da mulher não é esse; 8ª) A Bíblia não faz referência a cargo pastoral feminino; 9ª) Ordenação pastoral é para o homem, conforme a escritura; 10ª) Sou tranquila em aceitar a doutrina da igreja; 11ª) Baseada em estudos bíblicos e teológicos, creio que esse ministério seja para homens.

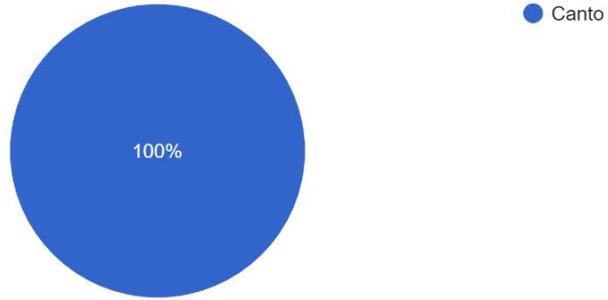
13. A IECB incentiva a participação feminina em cargos/ situações de liderança e gestão?

10 respostas



14. Em que atividade(s) da IECB você atua ou atuou? (pode ser mais de uma)

1 resposta



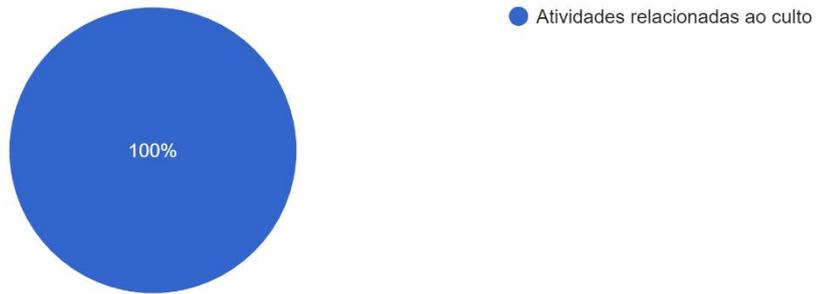
14.2

2 respostas



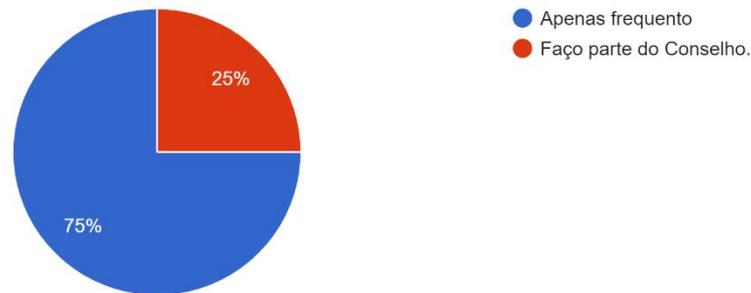
14.5

3 respostas



14.10

4 respostas



15. Conforme o Censo Religioso de 2010 do IBGE, o Brasil é um país em que a maioria das pessoas se declara cristã (entre católicos e evangélicos). Assim, na sua opinião, por que ocorrem tantas injustiças com as brasileiras (violência, salários baixos, chefias solitárias de famílias)? 10 respostas

1ª) A natureza do homem é pecaminosa. As pessoas não vivem o que prega (sic). Pois grande parte dos homens se acham superior as mulheres, independente da religião. Mas a religião cristã também influencia em parte pois colocar o homem como aquele que manda e a mulher como submissa a ele, e algumas pessoas levam isso a sério demais; 2ª) Porque a violência sofrida por muitas mulheres é velada ou está imbricada na cultura do povo brasileiro. E nós a reproduzimos como se fosse algo "natural"; 3ª) Porque somos pecadores e não persistimos na palavra de Deus; 4ª) Fator cultural; 5ª) Não se praticam os ensinamentos da Bíblia e as igrejas não falam muito a respeito; 6ª) Muita gente se diz cristã mas não é de verdade; 7ª) Apenas se dizem cristãos mas não o são; nunca nasceram de novo; 8ª) Faz parte da nossa cultura; depende do desempenho profissional; 9ª) Acredito que o cristianismo seja mal compreendido pelas pessoas que se dizem cristãs; 10ª) Elas não praticam os ensinamentos bíblicos.

16. Gostaria de acrescentar mais alguma consideração a respeito da condição da mulher na IECB? 8 respostas

Sete foram "Não".

Uma foi : "As igrejas devem incentivar os estudos das mulheres".

d) Comentários: perfil eclesial

Indagadas se conhecem alguma mulher da CEI que seja chefe de família sozinha, 100% responderam que sim; perguntadas se tem conhecimento de alguma mulher da CEI que receba pelo mesmo trabalho remuneração inferior a de varão, 40% responderam que sim.

De maneira semelhante, 72,7% conhecem mulheres da CEI que já sofreram algum tipo de violência doméstica. Sobre a não ordenação de mulheres ao ofício de pastora (presbiterato na CEI), todas responderam que se sentem confortáveis/tranquilas/em paz/satisfeitas, ou seja, não houve contestação dessas onze mulheres a essa restrição à ação feminina no âmbito eclesiástico.

Quando questionadas sobre o motivo de não se incomodarem com a não ordenação de mulheres ao presbiterato, três responderam que não possuem

interesse no assunto e oito deram justificativas teológicas para o fato, cujas nuances são exploradas no item 1.4 deste capítulo.

Ao serem indagadas sobre se a CEI incentiva as mulheres a exercerem cargos/funções/atividades de liderança, dez responderam e, dessas, nove disseram que sim e apenas uma afirmou que não. Isto significa que a visão que as mulheres possuem da CEI em relação a si mesmas é positiva.

Já no que tange às atividades de engajamento dessas mulheres, houve as seguintes respostas: uma participa de grupo de canto, uma faz parte do “Conselho Paroquial” (Junta Eclesiástica), duas pertencem a grupos de oração, três são frequentadoras apenas, ou seja, não exercem nenhuma atividade engajada na igreja e três declararam exercer atividades ligadas ao culto (arrumar a mesa da comunhão, lavar os cálices de vinho, recolher as toalhas litúrgicas, etc).

Quando confrontadas com o fato de que a maioria da população brasileira se declara cristã e com o fato de que existem tantas assimetrias em relação à mulher no Brasil (violência, salários baixos, chefias solitárias de famílias), as respostas foram as seguintes: uma respondeu que a religião cristã influencia nesse quesito, pois ensina que o homem é o que manda e a mulher tem que ser submissa a ele; três afirmaram que é fator cultural; outras três se posicionaram que é por que as pessoas no Brasil se dizem cristãs mas não o são de verdade; uma disse que é por que as pessoas são pecadoras e não persistem na Palavra de Deus e duas responderam que os ensinamentos bíblicos não são praticados pelo povo brasileiro.

Feita essa descrição sumária das respostas, é possível levantar-se uma pergunta acerca da posição oficial nos cânones da CEI sobre o engajamento e o protagonismo de mulheres no seio das comunidades de fé dessa denominação. O surpreendente neste caso não é a ordenação de mulheres ser vedada pelos cânones, mas sim a clareza com que esse documento fundante dessa igreja – um tipo de Constituição dela – afasta as mulheres da liderança e do protagonismo nas comunidades de fé.

Ao comparar os depoimentos das mulheres que responderam ao questionário com o site da CEI e sobretudo com os cânones vigentes, depara-se com uma tensão inusitada: de um lado, a clareza e a crueza com que os cânones da CEI afirmam que a direção, “o planejamento estratégico” e os destinos da igreja são conferidos aos varões.

De outro lado, as respostas dadas pelas onze mulheres que responderam ao questionário mostraram pessoas que possuem conhecimento de que as mulheres não podem ser ordenadas ao ministério pastoral, porém que não só não se interessam pelo assunto como ainda defendem que a CEI está correta nesse posicionamento, pois a ordenação de mulheres não possuiria a chamada “base bíblica”.

É interessante notar como os cânones da CEI se afastam da pesquisa histórica mais acurada acerca da participação e do protagonismo de mulheres no movimento de Jesus e, ao mesmo tempo, como a exclusividade masculina nas ordens sagradas parece estar sendo bem ensinada internamente.

A despeito de o Cânone 6 indicar expressamente que as JE são compostas apenas de homens, uma declarou participar de um tipo de Conselho Paroquial, termo inexistente nos cânones, mas aqui se tem por pressuposto tratar-se de JE. Esse fato apontaria para uma letra morta nos cânones, superada pela realidade social de que as mulheres contemporaneamente são protagonistas em algumas áreas e sob certos aspectos (presidente, almirante, médicas, jornalistas, etc). Isso também indica uma “correção social” de uma exclusividade canônica que não se sustenta mais nos dias atuais.

O fato de nove mulheres responderem que a CEI as incentiva a participar de cargos de líderes traz consigo um tipo de dissonância – ao mesmo tempo que afirmam o incentivo da CEI ao exercício de liderança por parte de mulheres, as experiências delas nas comunidades de fé não são em cargos de liderança. Elas atuam, portanto, em atividades marginais e de reduzido protagonismo.

Uma delas declarou participação em grupo de canto, uma faz parte do “Conselho Paroquial”, duas pertencem a grupos de oração, três são frequentadoras apenas, e três declararam exercer atividades ligadas ao culto. A dissonância está exatamente na percepção existente de que a CEI incentiva o protagonismo, contudo a maioria delas não participa da gestão financeira, do ensino, da administração geral da paróquia, etc.

Nunca é demais insistir, em função da clareza e da crueza dos cânones pertinentes a gênero, que a CEI afasta totalmente as mulheres da alta administração das paróquias e dioceses, definindo expressamente que essas funções de alta liderança são conferidas somente a varões. Entretanto, vale destacar que a

autocompreensão que as mulheres entrevistadas têm de si mesmas no interior da CEI e da maneira como a CEI as trata, é positiva<sup>33</sup>.

Dentro desse espírito de síntese, vale à pena regressar ao tema do movimento de Jesus e, nele, estudar que mudanças benéficas ele trouxe às mulheres que dele fizeram parte. Isso é significativo porque, ao fazer essa comparação do movimento de Jesus com o tempo dele, fica aberta um portal de possibilidades a respeito de como o movimento de Jesus pode servir de inspiração para mulheres de hoje.

O movimento de Jesus aprofundou um novo paradigma social. Igualdade de direitos, possibilidade de realização tanto do homem como da mulher, olhar efetivo sobre hipossuficientes e marginalizados socialmente da época: prostitutas, viúvas, crianças, pobres, cobradores de tributos, mulheres em geral. Como já visto, no entendimento de Theissen (2008, p. 9), o que aconteceu ali foi, na verdade, uma “revolução de valores”. Antes, porém, com intuito de marcar a diferença específica da microssociedade jesuana no trato com as mulheres, convém expor algo da situação da mulher na sociedade judaica da época.

A condição das mulheres sob o patriarcalismo judaico não era nem um pouco favorável. Mulher devia obediência irrestrita ao pai, depois ao marido, homens não poderiam dirigir-lhes a palavra em público; seu direito de propriedade era bem limitado. Em suma, a vida que lhes cabia não era nada agradável, considerados esses parâmetros sociais. Pois

A sociedade e a família eram patriarcais. Na casa, o pai era o centro de tudo. Tinha toda autoridade e todos os membros lhe deviam obediência. A mulher, enquanto estava na casa paterna, pertencia ao pai. Depois, ao marido. Em tudo era submissa...era excluída da vida pública na cidade e nas aldeias...ninguém podia cumprimentá-la ou dirigir-lhe palavras em público. Jamais poderia ser juíza e seu testemunho era colocado em dúvida. Não tinha direitos nem podia herdar propriedades. Já as mulheres ricas usufruíam de certos privilégios. É verdade também que, nas aldeias do interior, tudo isso não era levado tão a sério (GASS, 2011, p. 178).

A literatura sobre o movimento de Jesus é praticamente unânime em relação a mudanças levadas a cabo no que diz respeito ao trato com as mulheres: é que esse movimento deu oportunidade de inserção das mulheres na comunidade; elas

---

<sup>33</sup> Tais depoimentos têm de ser valorizados, pois é um aspecto importante para a construção científica no espectro das ciências das religiões, conforme nota de rodapé número oito (RIES, 2019, p. 41).

poderiam ser valorizadas de forma mais ampla do que no âmbito da sociedade palestinese em geral. “Assim, para o evangelho de Marcos, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e Joset, e Salomé são figuras importantes e de autoridade, exatamente como Pedro, Tiago e João.” (CROSSAN, 2004, p. 593).

Embora não se ache entre os pesquisadores lastro para defender o movimento de Jesus como um movimento feminista e emancipatório dos tempos modernos, verifica-se que as mulheres ali foram missionárias junto com os homens, exerceram liderança em certas ocasiões e foram, numa palavra decisiva, incluídas num grupo que lhes fazia sentirem-se dignas e honradas<sup>34</sup> para os padrões da época. Nesse sentido

Vimos que eram numerosas as mulheres que seguiam Jesus, atraídas por seu ensinamento. Uma nota explica a este propósito, na tradução ecumênica da Bíblia que ‘a presença dessas mulheres em torno de Jesus, confirmada por Mt 27,55 e Mc 15,41, era um fato excepcional no mundo palestino’ (GANGE, 2007, p. 24).

Um fato confirmado indiretamente por Nogueira (2009) é o relato que expõe a crença social generalizada que relacionava mulheres com possessão demoníaca, o que fortalecia o papel subalterno e marginal delas naquele contexto: “A relação entre mulheres e espíritos imundos, nos quais as mulheres são entendidas como potencias colaboradoras e vítimas de demônios, é bem conhecida da literatura judaica do intertestamento” (NOGUEIRA, 2009, p.81).

Essa exclusão generalizada por que passavam as mulheres fazia com que houvesse uma “demanda reprimida” entre elas. Houve, com o movimento de Jesus, a chamada “janela de oportunidades” que se abre numa sociedade em determinado contexto de vida. Como vimos, em perspectiva intrajudaica, houve várias respostas; a de Jesus de Nazaré foi mais uma, porém foi uma resposta que fez diferença no seu tempo e cujos gritos ecoam até hoje, pois

Mulheres vivenciaram gestos, palavras e ações libertadoras com Jesus. Podemos falar da construção de uma teologia relacional, visto que experiências de cura, de perdão, de ensino-aprendizagem, de restauração da dignidade de viver colocavam Jesus em relação com mulheres e outras pessoas em relação com Jesus. Na base, portanto, temos uma experiência de libertação no movimento de Jesus e nos

---

<sup>34</sup> “Na sociedade em que Jesus vivia, o dinheiro era o segundo valor mais importante. O valor predominante era o prestígio...Um constante reconhecimento do status era essencial. As pessoas viviam da honra e do respeito que os outros lhes conferiam.” (NOLAN, 1987, p. 84)

cristianismos originários que era aberta a questões de gênero, etnicidade, classe e idade (REIMER, 2013, p. 73).

Por fim, vale dizer também que havia a recuperação da saúde física de mulheres, o que, no contexto judaico em que estavam inseridas, significava muito mais do que o “simples” restabelecimento da saúde corpórea; o restabelecimento da saúde era, antes, uma restauração social segundo as leis (*halachá*) de impureza, sobretudo nas moléstias hematológicas. Dessa forma

Segundo Lc 7,36-50, Jesus permite a aproximação e beijos de uma prostituta. Ele os interpreta como expressão de seu amor e lhe garante o perdão de Deus... O reino de Deus se apresenta a estas com um poder de cura, o qual recupera a integridade corporal de mulheres e as insere na comunidade dos que foram alcançados pelo reino de Deus. O carisma milagreiro de Jesus faz que elas não sejam objeto de sua ação, mas antes as envolve em um processo no qual elas têm um papel ativo, como, por exemplo, a mulher com hemorragia (THEISSEN & MERZ, 2002, p. 245).

Abrindo outra frente, diante do arco dos benefícios que o movimento de Jesus levou a cabo para as mulheres do Primeiro Século, é chegada a hora de aprofundar um pouco mais o assunto. Tal aprofundamento vai preparando a ocasião para o uso de ferramental que facilite o manuseio do movimento de Jesus como vetor favorável a mulheres na sociedade contemporânea, especialmente na CEI/Recife. No caso específico, a ferramenta é uma hermenêutica antiandrocêntrica e antipatriarcal.

### 3.2 A IMPORTÂNCIA DE UMA HERMENÊUTICA ANTIANDROCÊNTRICA E ANTIPATRIARCAL

Um pressuposto deste trabalho é que os textos do NT pertencem a um contexto de vida em que a linguagem, embora tivesse uma função inclusiva, era androcêntrica e a cultura da época era patriarcal. O elemento androcêntrico está voltado sobretudo para uma linguagem social em que as palavras femininas somem do horizonte; já a ideia patriarcal envolve domínio e predominância masculinas em todas as áreas da sociedade<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Enquanto o androcentrismo caracteriza uma postura mental, o patriarcado representa um sistema sociocultural em que poucos homens têm poder sobre outros homens, mulheres, crianças, escravos e povos colonizados... Todos os textos cristãos primitivos estão formulados em linguagem androcêntrica e condicionados por seu meio ambiente e histórias patriarcais (FIORENZA, 1992, p. 57).

Entendendo sociedade como construção que está sujeita à mudança social e buscando um canal interpretativo da escritura que possibilite uma crítica fundante aos textos, Fiorenza (1992), em trecho fundamental para o projeto hermenêutico deste trabalho, propõe uma forma inovadora de enxergar a Bíblia, trazendo à lume duas formas de conceber as coisas humanas – como arquétipo ou como protótipo. Fiorenza (1992) traz, como chave de leitura da Bíblia, a ideia de protótipo<sup>36</sup>.

Para ela o arquétipo é uma estrutura interpretativa que congela e imobiliza; no arquétipo, está presente a noção de atemporalidade e de permanência, cujas características não se prestam para uma interpretação transformadora das escrituras. Por outro lado, a ideia de protótipo é bem aceita no caso de hermenêuticas de libertação; isso se dá porque o protótipo traz consigo desde o germen a ideia de ponto de partida que deve necessariamente passar por aperfeiçoamentos até que se alcance um nível satisfatório de construção.

Como parte da característica inclusiva do movimento de Jesus, para usar uma palavra do dia, o tratamento dispensado às mulheres também foi diferente, embora, como já se disse, não se tratasse de um moderno movimento de libertação militante como se tem já há algum tempo no Ocidente. A atividade das mulheres permanece escondida por uma linguagem androcêntrica e, quando os evangelhos canônicos fazem menção a elas, é porque estão procurando dar o destaque - possível para aquele tempo - a essas marginalizadas. Ao patriarcado judaico daquele tempo, Jesus opõe a valorização e o protagonismo – repita-se – que foram possíveis ser dados às mulheres naquele contexto social. Isso tudo porque

A inclusão do mundo feminino na linguagem do anúncio tem como causa uma sensibilidade aguçada de Jesus e dos que o seguiam para com o clamor dos marginalizados, a quem a mensagem do reino de Deus vindouro é primeiramente dirigida, e à participação ativa de mulheres no movimento de Jesus (THEISSEN & MERZ, 2002, p. 247).

A diferença feita por Jesus de Nazaré e seus seguidores imediatos diz respeito àquilo que é a própria essência (centro) da atitude diante da realidade social: a de que é possível fazer de novo e tentar fazer diferente nas questões sociais (BERGER, 1985, p. 61; BOURDIEU, 2017, p. 8).

---

<sup>36</sup> Um protótipo acha-se, pois, criticamente aberto para uma possibilidade de sua própria transformação...Uma compreensão hermenêutica da Escritura como protótipo não só dá espaço como também requer a transformação de seus próprios modelos de fé e comunidade cristã (FIORENZA, 1992, p. 61 e 62).

O que caracteriza um movimento que se tem as pessoas como prioridade é a iniciativa de, num tempo de obscuridade de comportamento e de tendências opressivas ou disfuncionais em relação ao tratamento com os sujeitos, propor algo novo para aquela determinada época. Nesses termos, o movimento de Jesus conseguiu equacionar bem essa tensão que existia na sociedade da época – androcentrismo e patriarcalismo “naturais” versus a ação conjunta de tentar modificar para melhor a sociedade. Tal dialética pode ser expressa assim

Por um lado, a tradição de Jesus é dominada por uma linguagem androcêntrica e por um patriarcalismo inabalável; por outro, pode-se reconhecer, tanto na tradição dos ditos como na tradição narrativa, uma surpreendente e múltipla participação de mulheres e relações com o mundo feminino (THEISSEN & MERZ, 2002, p. 243).

Ou seja, não adianta realizar exegese sobre o texto bíblico a partir do que Fiorenza (1997) chama de paradigma androcêntrico<sup>37</sup>. A chave hermenêutica tem que ser diversa da que vem sendo utilizada (FIORENZA, 1992, p. 17). Prossegue Fiorenza (1992, p. 18): “A mudança de uma interpretação androcêntrica do mundo, para uma interpretação feminista, implica uma mudança revolucionária de paradigma científico.”

Para se conseguir, entretanto, levar a termo a construção dessa nova hermenêutica, é preciso ir além do texto da Bíblia e procurar o apoio na matriz histórico-social dos dias do movimento de Jesus, pois, para ela “uma hermenêutica crítica feminista deve ir além dos textos androcêntricos aos seus contextos sócio-históricos” (FIORENZA, 1992, p.56). Indo ao encontro da perspectiva fiorenzana, Gebara (2017, p. 10) esclarece que “a linguagem sobre Deus nas culturas monoteístas é prioritariamente masculina, ou seja, a cultura expressa Deus partindo do gênero masculino.”

Nesse sentido, Souza (2014) expõe justamente a dialética presente no NT segundo a qual a linguagem do texto é androcêntrica, porém naquelas páginas também se encontram valores como a ideia subjacente a muitas narrativas de que a pessoa humana é singular e importante, pois

A Bíblia revela, nas suas narrativas e discursos, muitos padrões de relações de gênero. Uma parte se insere em modelos sexistas de relações assimétricas, mas outros testemunham um enorme potencial libertador ao trazer

---

<sup>37</sup> “...refere-se sobretudo à esfera linguística, a uma linguagem que expressa valores humanos gerais em palavras masculinas ou construções gramaticais masculinas.” (FIORENZA, 1997, p. 86).

experiências boas e criativas de formas de ser homem e mulher (SOUZA, 2014, p. 137).

Em diálogo com Fiorenza (1992), Reimer (2013, p. 50) se coloca expondo a invisibilidade das mulheres em alguns textos neotestamentários, em cujas páginas elas só aparecem quando realizam algo grandioso ou quando são uma espécie de estorvo. Nesse sentido, os textos androcêntricos e a cultura patriarcal se unem como siameses e produzem muita incompreensão para leitores e leitoras atuais porque, se não houver uma hermenêutica desveladora aplicada sobre os textos, aquilo que foi socialmente construído torna-se algo naturalmente dado. Isto é

Reconhecendo-se que a linguagem ocidental androcêntrica e a religião patriarcal ‘apagaram’ as mulheres da história, fazendo delas ‘não seres’, essas feministas argumentaram que a religião bíblica (e a teologia) é sexista no seu cerne...em consequência, as feministas precisariam ultrapassar as fronteiras da religião bíblica e rejeitar a autoridade patriarcal da revelação bíblica (FIORENZA, 1992, p. 15).

O desafio a que se propôs Fiorenza (1992, p. 17), e que acaba sendo o desafio deste pesquisador, é exatamente empreender a releitura dos evangelhos em “chave diferente”, se se quiser depurar o conhecimento acerca da participação e do protagonismo das mulheres no movimento de Jesus. Importa, segundo ela, que seja forjada<sup>38</sup> - por mãos humanas - uma nova chave hermenêutica.

Ou seja, de início salta aos olhos que essa atividade interpretativa é humana e, portanto, não é revelatória; em segundo lugar, a ideia do perigo pode envolver a incompreensão daqueles que optam por realizar uma hermenêutica a-histórica das escrituras e dos evangelhos em particular.

Assim, tal chave implica o exercício da imaginação histórica. Imaginação não em sentido pejorativo de se escrever sobre qualquer elemento que vier à cabeça de quem pesquisa, mas imaginação em sentido benéfico, de se explorar inferências plausíveis a partir dos dados históricos à disposição sobre a sociedade em que Jesus viveu e sobre o entorno dela (VERMES, 2015, p. 7). Nesse contexto, “Esta seção levanta também o problema teórico, do mover-se, de textos bíblicos androcêntricos para seus contextos sócio-históricos e tenta traçar o caminho para a passagem de uma reconstrução histórico-feminista.” (FIORENZA, 1992, p. 21).

---

<sup>38</sup> A forja, cujo significado principal remete a esforço em condições adversas, traz consigo a ideia de trabalho humano intenso e de acentuado grau de perigo.

Um elemento de grande valor que Fiorenza (1992) evidencia é sobre em que consiste o que ela chama de “despatriarcalização do texto.” Essa forja é, antes de trabalho exegético, um trabalho interpretativo a partir das pistas deixadas por uma reconstrução histórica possível. Por isso, “A despatriarcalização não é uma operação que o exegeta perfaz no texto. Ela é uma hermenêutica operando dentro da própria Escritura.” (FIORENZA, 1992, p. 45).

Nessa labuta de escritura como protótipo e não como arquétipo, nessa busca de desvelar o sentido discreto do texto que não aparece sem a forja, cresce de importância em Fiorenza (1992) o seguinte aspecto hermenêutico fundamental – não separar o texto do contexto histórico e cultural que o gerou, pois

...um método que separe a linguagem e o texto da Bíblia de suas condições socioculturais patriarcais não pode fornecer um modelo para a reconstrução da história das mulheres como membros da religião bíblica (FIORENZA, 1992, p. 47).

Textos androcêntricos e construções linguísticas da realidade não se devem tomar erroneamente como documento fidedigno de história, cultura e religião humanas...Por isso, uma hermenêutica crítica feminista deve ir dos textos androcêntricos aos seus contextos sócio-históricos (FIORENZA, 1992, p. 56).

No caso da CEI/Recife, em vista das respostas das mulheres aos questionários aplicados (segundo a qual elas se sentem acolhidas e incentivadas à liderança nas comunidades de fé que frequentam), o nível de desconformidade com o movimento de Jesus e que pode ser modificado se assim julgarem as autoridades eclesiais competentes, está no direito positivo presente nos cânones, nos quais as mulheres estão apartadas da alta direção das igrejas. Nesse sentido, Fiorenza (1992) radicaliza afirmando que

Essa reconstrução histórica e revisão teológica, é inspirada não somente por objetivos teóricos acadêmicos, mas também por interesses práticos na libertação de mulheres das estruturas e doutrinas bíblico-patriarcais internalizadas. Interessa-lhe não apenas analisar a opressão histórica das mulheres na religião bíblica, mas também mudar a realidade social das igrejas cristãs onde a opressão religiosa e a erradicação das mulheres assumem suas formas históricas patriarcais específicas (FIORENZA, 1992, p. 58).

Reafirma-se que, a partir dos dados coletados, as mulheres que responderam aos questionários não apresentam traços de opressão por parte das comunidades da CEI/Recife onde congregam. O que se observou foram normas canônicas que excluem as mulheres da gestão estratégica das comunidades da CEI, embora uma

delas declare que participa de um conselho cuja presença de mulheres é defesa nos cânones.

Em alguns pontos de seu estudo, Fiorenza (1992) exagera a nosso ver, quase que confundindo o movimento de Jesus com um movimento feminista moderno. Noutros locais ela não deixa dúvida ou ambiguidades acerca dessa perspectiva. Inclusive, isso fica claro, pois ela nomina Jesus expressamente de feminista em três vezes num trecho bem curto, enfatizando o que ela pensa sobre ele.

Redescobrir 'Jesus, o feminista', acima e contra essas raízes judaicas do movimento cristão primitivo só pode levar a um ulterior aprofundamento do antijudaísmo. Igualmente, redescobrir Jesus, o feminista, acima e contra o patriarcado judaico mas não acima e contra o patriarcado cristão só significaria ulterior fortalecimento do patriarcado religioso ocidental. Redescobrir Jesus, o feminista, acima e contra a vida e as crenças judaicas envolveria abandonar a história das irmãs antepassadas judias que entraram na visão e no movimento de Jesus. O discipulado de iguais suscitado por Jesus era um discipulado *judaico* (FIORENZA, 1992, p. 135).

Isso é rechaçado por muitos estudiosos entre os quais, como já visto, Flusser (2010, p. 69) e Stegemann & Stegemann (2004, p. 431). Além desses, Theissen & Mertz (2002) ponderam que não se pode exagerar no suposto aspecto libertador, feminista, ou qualquer outro nome que se lhe queira chamar, do movimento de Jesus, sob pena de afronta ao que se pode inferir das fontes.

Não é razoável supor que o movimento de Jesus propunha total libertação das mulheres da lei judaica; como dizem esses autores, isso seria mero triunfalismo. Dessa feita, a polarização tensionadora que havia entre Jesus e a religião estabelecida se reporta mais, como já exposto, às sutilezas interpretativas presentes no movimento de Jesus do que de um antijudaísmo da parte dele, até porque o movimento de Jesus é bem compreendido quando tomado como movimento intrajudaico.

Um modelo de explicação amplamente adotado na pesquisa, segundo o qual Jesus era uma exceção na postura favorável às mulheres, entre seus contemporâneos judaicos e que as mulheres ao aderirem ao anúncio eram libertadas da lei judaica que degradava as mulheres, é alimentado mais por triunfalismo e por motivos antijudaicos do que pelas fontes. É melhor ater-se ao fato de que o movimento de Jesus era um movimento intrajudaico. A tensão detectada em sua postura para com as mulheres entre um patriarcalismo inabalável e tendências emancipatórias reflete um crescente processo de discussão influenciado pelo helenismo dentro da sociedade palestina. Deve-se ter cuidado para não chegar à conclusão rápida de que mulheres teriam sempre compreendido e

avaliado o anúncio de Jesus apenas em referência a sua identidade de gênero (THEISSEN & MERZ, 2002, p. 244).

Por tudo isso, entende-se que classificá-lo como feminista é uma postura anacrônica por mais que as práticas dele em relação às mulheres o aproximem do movimento feminista moderno (MCCANN, 2019, p. 14). No entanto, isso não invalida a obra dela. Nos trechos abaixo de Fiorenza (1992), encontram-se tanto o extremismo feminista mencionado quanto a importante afirmação segundo a qual o cânon preserva partes do evangelho libertador de Jesus de Nazaré e que, *ipso facto*, as mulheres possuíam autoridade e respeito naquele movimento:

Se bem que o cânon preserve somente restos do *ethos* cristão primitivo não patriarcal, estes restos ainda nos permitem reconhecer que o processo de patriarcalização não é inerente à revelação e comunidade cristãs, mas progrediu devagar e com dificuldade. Por isso, uma hermenêutica bíblica feminista pode reclamar a teologia e a histórias cristãs primitivas, como teologia e história própria de mulheres. Mulheres tinham o poder e a autoridade do evangelho. Elas foram pessoas centrais e líderes no movimento cristão primitivo (FIORENZA, 1992, p. 64).

Mulheres como igreja têm uma história e tradição contínuas que pode reclamar Jesus e a práxis da igreja mais antiga como o seu modelo-raiz ou protótipo que se acha aberto à transformação feminista (FIORENZA, 1992, p. 64).

Uma afirmação interessante de Fiorenza (1992) é que, para ela, o local privilegiado da revelação não é o texto androcêntrico e com traços inegavelmente patriarcais mas sim o contexto sócio-histórico vivido por aquelas pessoas. “A maioria da herança cristã primitiva de mulheres provavelmente se perdeu e precisa ser extraída dos relatos androcêntricos cristãos primitivos<sup>39</sup>.” (FIORENZA, 1992, p. 79)

Diante do conhecimento levantado e trazido por esta pesquisa, diante da hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Fiorenza (1992), a pergunta que

---

<sup>39</sup> Essa postura fiorenzana reedita o clássico debate entre católicos e protestantes sobre qual seria a primazia na revelação: a tradição ou a Bíblia? A esse respeito a pergunta emblemática sobre essa pauta cuja resposta torna-se decisiva é: a Igreja criou o NT ou o NT criou a Igreja? O caminho de Fiorenza é claramente o primeiro, uma vez que

Se o *locus* da revelação não é o texto androcêntrico, mas a vida e a atividade de Jesus e o movimento de mulheres e varões suscitados por ele, devemos desenvolver métodos histórico-críticos para a leitura feminista dos textos bíblicos (FIORENZA, 1992, p. 65).

...a seleção e a transmissão androcêntrica de tradições primitivas cristãs, produziu a marginalidade histórica das mulheres, mas não são reflexos da realidade histórica de liderança e participação de mulheres no movimento cristão primitivo (FIORENZA, 1992, p. 78).

pode vir à mente é a seguinte: em que o movimento de Jesus e sua práxis ética podem contribuir para o protagonismo das mulheres contemporâneas da CEI/Recife?

### 3.3 CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS DO MOVIMENTO DE JESUS DO PRIMEIRO SÉCULO PARA O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CEI/RECIFE DO SÉCULO XXI

Diante do que foi visto nos cânones da CEI/Recife, pode-se bem suscitar, a partir de inspiração suscitada pelo movimento de Jesus nos moldes aqui estudados, uma reflexão sobre os cânones relativos à alta gestão da CEI e a sua direção espiritual. Se de um lado os Cânones da CEI alijam as mulheres da gestão estratégica das comunidades, por outro lado, no movimento de Jesus elas são incorporadas, dentro do que era possível fazer naqueles idos do Século I, em participações ligadas ao que se chama hoje de gestão e liderança.

O Cânon 5 trata da JE, instância administrativa elevada das paróquias e das dioceses; o normativo referido, estabelece o componente exclusivamente masculino dessas juntas. Da leitura ainda que superficial dos incisos XI e XIII do referido cânon, fica patente a posição da CEI em não considerar as mulheres para funções de liderança material e espiritual das comunidades, o que entra em colisão com os dados históricos disponíveis sobre a participação e o protagonismo das mulheres no movimento de Jesus. Como já visto e explorado à exaustão, o primeiro seguimento de Jesus abre espaços inovadores de protagonismo às mulheres, dada a época em que o movimento floresceu. Elas eram missionárias e exerciam administração de bens, por exemplo (GASS, 2011, p. 180). Os cânones da CEI, a seu turno, explicitam que

XI – A Junta Eclesial (JE) da Paróquia é formada pelo Reitor e demais clérigos, que são seus membros permanentes, e, facultativamente, por outros homens, que sejam membros confirmados da Paróquia, escolhidos pelo Reitor, em consenso com a Junta, e se reunirá, no mínimo, duas vezes ao ano (CEI, 2019, p. 14).

XIII – A JE é a principal casa de oração e o corpo governante da Igreja, guardiã da visão da Igreja e autoridade decisiva e final na Igreja, seja Catedral, Paróquia ou Missão, sob a liderança do Reitor, que preside as sessões, a JE deve: 1) Estabelecer políticas e normas para a Igreja; 2) Apreciar os relatórios financeiros regulares da Igreja;

3) Atuar sob as regras de governo por consenso, expressando a mente, a vontade, a voz e a palavra do Senhor (CEI, 2019, p. 15).

Desses incisos, vê-se a exclusão das mulheres do exercício da liderança institucional das paróquias e das dioceses. As mulheres ficam de fora do papel legiferante interno, são alijadas das decisões sobre recursos pecuniários e também, do ponto vista oficial canônico, não governam e não representam a “vontade, a voz e a palavra do Senhor.” Decisões normativas que, claramente, contrastam com o papel exercido pelas mulheres no movimento de Jesus e que poderiam ser removidas dos cânones por não possuírem sustentação no ambiente sócio-histórico do movimento de Jesus.

Nesse sentido, a hermenêutica proposta por Fiorenza (1992) é indispensável. O que caracteriza a cultura humana é o que exprime sinteticamente o jargão “dá para fazer de outra forma”. E com o direito é assim também; direito não é natureza. Dessa forma, não se deveriam estabelecer cânones de comunidades de fé inspiradas em textos androcêntricos frutos de uma sociedade patriarcal.

O Cânone número 6, por sua vez, traz à tona o tema do tipo de governo existente na CEI, o chamado “governo por consenso”. Contudo, esse governo não conta com a participação de mulheres e, em função disso, não confere a oportunidade de protagonismo a elas. O referido cânon, no inciso I, estabelece que “I – Em todos os níveis, a CEI é governada por líderes que escolhem outros homens para servirem em Conselhos.” (CEI, 2019, p. 16). Repita-se que a expressão “homem”, quando aparece nos cânones da CEI, não se reporta senão a varões.

Um elemento importante também detectado na pesquisa é aquele que se refere aos três aspectos sociais abordados aqui – violência doméstica, salários mais baixos que os dos homens e chefias monoparentais de famílias – no interior da CEI/Recife. Saltam aos olhos os seguintes fatos: das onze que responderam ao questionário, cinco afirmaram que já ajudaram mulheres nas três situações consideradas aqui; onze disseram que conhecem mulheres da CEI/Recife que são chefes de família sozinhas; oito afirmaram que possuem notícia de mulheres da CEI/Recife que já foram vítimas de violência doméstica.

Obviamente não se pode mensurar o *quantum* de mulheres da CEI/Recife que padecem desses males, contudo as respostas ao questionário apontam para o fato que as mulheres da CEI/Recife fazem parte da sociedade brasileira e recifense

e que elas não estão infensas às vicissitudes sociomorais pelas quais passam as demais mulheres brasileiras.

Outro cânone sobre o qual incide nossa reflexão, tendo em vista as características inclusivas no movimento de Jesus em relação às mulheres, é o Cânon número 7. Este versa sobre a questão da ordenação de mulheres às chamadas ordens sagradas. Em outras palavras, este cânone trata da consagração ao ministério pastoral. Tal cânon, no inciso II, normatiza que

II – As ordens da Igreja são Bispos, Presbíteros e Diáconos. III – O termo “clero” se refere aos Ministros Ordenados, que são os Bispos, os Presbíteros e os Diáconos, cujas ordens estão inseridas na linha de sucessão do Episcopado Histórico da Igreja de Cristo. V – São qualificações necessárias do Ministro Ordenado: a) Ser um homem confirmado na CEI (...) (CEI, 2019, p. 17).

Na estrutura atual da CEI/Recife, centrada na figura do pastor e do bispo – do diácono nem tanto – como as mulheres exercerão um protagonismo de fato? Por mais que se queira “passar o pano” na questão, opinamos que, embora as mulheres executem diversos ministérios e atividades no âmbito das comunidades de fé da CEI/Recife, sem o efetivo exercício legal (isto é, canônico) das ordens sagradas, as mulheres nunca serão protagonistas de fato nessas comunidades, o que traz à lume a questão das oportunidades para o efetivo exercício do protagonismo delas.

Diante das reflexões propostas para os cânones que versam sobre exercício de liderança e, portanto, de protagonismo, é oportuno tratar agora de possibilidades de mais chances para o exercício de atividades de liderança por parte de mulheres da CEI/Recife.

O pensamento crítico sobre tais cânones abriria caminho largo para o protagonismo<sup>40</sup> das mulheres na CEI/Recife. Considera-se que, no modelo atual de governança da CEI/ Recife, à luz dos cânones estudados e da prática vivenciada, sem a abertura canônica da participação das mulheres nas ordens sagradas e nas JE, o protagonismo delas será apenas circunstancial e ficará sempre na dependência de algum ato de “boa vontade” de varões governantes da CEI/Recife.

É de se considerar a autocompreensão da CEI/ Recife sobre os tipos de pessoas que dela fazem parte, ou seja, a CEI/Recife é feita por pessoas livres e conscientes. O tipo de declaração é avançado e atual, pois

---

<sup>40</sup> Não se entende por protagonismo das mulheres apenas o exercício do ministério pastoral mas também o acesso canônico delas às JE.

Formada e constituída por pessoas livres e conscientes, a IECB não negligencia a absorção da inteligência, capacidade criadora, dedicação, do amor e sacrifício dos seus membros, reconhecendo aqui e alhures, em cada um, mas de forma sempre presente, os 'diferentes dons' (CIIEC, 2021).

Enxergamos nestes trechos uma semente de transformação já existente na CEI. Transformação cujo vetor seriam as modificações nos cânones no que tange às mulheres e a conseqüente cessão de plena cidadania a elas no âmbito interno da CEI/Recife. Isso porque, com a manutenção dos cânones sobre gênero, no patamar em que estão, toda a "inteligência, capacidade criadora e dedicação" das mulheres estão subaproveitadas e poderiam ser multiplicadas e gerar frutos a muitos por cento.

Uma outra janela de mudança aberta na CEI e que já aparece como gérmen é seu caráter de tolerância expresso também em termos de autoanálise quando ela se vê como um ajuntamento de pessoas livres e conscientes.

Ou seja, a CEI/Recife já possui em si a semente da mudança para melhor, tanto pela autocompreensão que possui de si mesma como pela inspiração histórica deixada pelo movimento de Jesus e que pode dar suporte a um novo clima de ares mais democráticos em relação à participação das mulheres na alta direção da igreja. Novos ventos podem impulsionar o melhor aproveitamento do talento, da força e da sensibilidade das mulheres nos ministérios da CEI/Recife.

A esse respeito importa tratar de um dado interessante. Das onze mulheres pesquisadas, apenas uma não se pronunciou a respeito da questão se "A IECB incentiva a participação feminina em cargos/situações de liderança e gestão?". Das dez que responderam, nove o fizeram afirmativamente e uma entendeu que a IECB não incentiva as mulheres para assumirem cargos/situações de gestão e liderança. O fato insólito é essa percepção das "nativas" da fé terem uma percepção favorável do protagonismo das mulheres na CEI/Recife em franco contraste com as vedações existentes às mulheres para exercício da gestão e da liderança presentes nos cânones.

Outro lado importante dessa questão, foi a resposta entregue à pergunta: "Em que atividade da IECB você atua ou atuou (pode ser mais de uma)? Uma delas respondeu que atua no grupo de canto, duas afirmaram atuação em grupos de oração, três se fazem presentes nas atividades relacionadas ao culto (limpeza dos cálices, retirada da toalha da mesa após o culto, etc), uma não respondeu, três

apenas frequentam e uma declarou participação no “Conselho Paroquial”, que deve ser a JE.

Das dez respondentes, apenas uma exerce um cargo típico de gestão e liderança na comunidade de fé – contrariando francamente os cânones da CEI -, por um lado. Ou seja, na compreensão que as respondentes possuem da CEI/Recife, esta denominação religiosa incentiva as mulheres a exercício de cargo de liderança, porém, a prática efetiva dessas mesmas mulheres no cotidiano da CEI/Recife aponta para a negação dessa forma de se autoperceberem. Por outro lado, como já indicado, embora a CEI proíba as mulheres de serem partícipes de suas ordens sagradas, as mulheres que responderam o questionário não se declararam desconfortáveis, insatisfeitas, intranquilas nem com sua paz perturbada.

Diante disso, no estreito limite daquilo que foi possível investigar neste trabalho, “ouvidas” essas onze mulheres, está-se diante de uma tensão: de um lado, mulheres que se autodeclaram satisfeitas com o dia-a-dia de suas comunidades de fé; de outro, mulheres cujas regras básicas de organização dessas mesmas comunidades apartam-nas da liderança e da gestão.

Além disso, essas são também as mesmas mulheres que efetivamente não exercem atividades de liderança e gestão nas comunidades as quais responderam que a CEI/Recife as incentiva a esse tipo de função organizacional.

Uma forma de se tentar distensionar a situação pesquisada seria examinando criticamente os dispositivos canônicos que vedam o exercício do ministério pastoral e da composição delas nas JE. Dessa forma, os cânones da CEI passariam a tornar possível a inclusão de mulheres nas ordens sagradas e na participação das JE, pois considera-se que essa medida estaria harmonizada com a realidade histórica vivida pelas mulheres que se incorporaram ao movimento de Jesus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência só pode ser chamada assim se o conhecimento que ela fez nascer não for considerado verdade definitiva. Esse é meu principal desejo sobre esta pesquisa: que ela possa ser complementada e refutada e que, assim, o conhecimento sobre o movimento de Jesus e sobre a participação e o protagonismo das mulheres na CEI/Recife possa avançar. O que vem a seguir é um resumo da pesquisa, a justificativa para o trabalho, a importância dele para a sociedade e para o meio acadêmico, os objetivos geral e específicos, os resultados alcançados, as dificuldades e limitações, bem como as oportunidades de melhoria.

As mulheres brasileiras passam por muitas vicissitudes. Infortúnios, aliás, que se estendem às mulheres em várias partes do mundo. Violência doméstica, salários menores que os dos homens em condições profissionalmente semelhantes e chefia de lares sozinhas, são desafios que as mulheres brasileiras enfrentam e que este trabalho citou.

Ao partir desses dados empíricos sobre as mulheres brasileiras, bem como da realidade das mulheres na CEI/Recife, demonstramos nossa opção metodológica no escopo das Ciências das Religiões (assim mesmo, tudo no plural): a diversidade de métodos abordados e de objetos possíveis. A pesquisa na nossa área de estudo, a nosso ver, deve sempre olhar para circunstâncias concretas e aspectos sociais existentes no espaço e no tempo.

Partindo dessa experiência real delas, questionamos se as mulheres de algumas comunidades de fé da CEI/Recife (Deus Conosco, Reconciliação, Ressurreição e Santíssima Trindade) poderiam eventualmente estar sofrendo desses males citados e se elas exerceriam algum tipo de protagonismo nessas comunidades. A fim de se responder a essa questão, foram escritos três capítulos.

No primeiro, estudamos o movimento de Jesus e esmiuçamos suas principais características: a descrição sociorreligiosa de seus antecedentes, os principais traços do movimento de Jesus e a descrição da presença e do protagonismo das mulheres nesse movimento.

No segundo capítulo, foi a vez de compreendermos como o anglicanismo penetrou no Brasil e a ligação dele com a CEI; além disso, realizamos um breve histórico da CEI, a fim de se contextualizar a CEI/Recife no tempo e no espaço e

também tecemos considerações sobre aspectos econômico-sociais das mulheres brasileiras.

O terceiro capítulo, por sua vez, materializou a investigação sobre o protagonismo das mulheres na CEI/Recife à luz do movimento de Jesus. Nele, analisamos minuciosamente os achados de um questionário aplicado a onze mulheres das comunidades de fé indicadas anteriormente, procuramos estabelecer a diferença que o movimento de Jesus fez no seu tempo em relação às mulheres que dele participaram, pontuamos sobre a importância da hermenêutica antiandrocêntrica e antipatriarcal de Elisabeth S. Fiorenza e fizemos reflexões sobre contribuições possíveis do movimento de Jesus (Séc. I) para o protagonismo das mulheres na CEI/Recife (Séc. XXI).

Como já é de amplo conhecimento, as mulheres são vítimas de várias formas de opressão na sociedade brasileira atual. Aqui foram selecionadas três chagas sociais importantes nesse contexto de estudos sobre as mulheres – violência doméstica, salário mais baixo do que homens com a mesma qualificação e experiência, e chefia sozinha de lares. Diante disso, esta pesquisa se qualifica como importante porque se inspira na forma como o movimento de Jesus recebeu e deu “voz e vez” às mulheres – dentro das possibilidades históricas de seu tempo – e procurou aplicar essa forma, no que lhe coube, às mulheres dos dias de hoje da CEI/Recife.

A importância desta pesquisa fica centrada em dois aspectos: por um lado, reacende o assunto “Movimento de Jesus”, pois isto contribui para desmistificar muito do que está por aí se dizendo legítimo herdeiro de Jesus de Nazaré. A questão mais importante aqui é pôr esse movimento no seu “devido lugar”; é ter contribuído para uma aproximação acadêmica sobre o que foi o movimento histórico de Jesus, cujo cerne é ter sido um movimento de renovação nos limites do judaísmo do Primeiro Século. Parece óbvio, mas é preciso reafirmar que Jesus de Nazaré não era cristão, que ele não fundou uma nova religião, que seu movimento possuía traços apocalípticos e que, portanto, não fazia o menor sentido ele estabelecer instituição alguma. Jesus de Nazaré, a partir de releitura da Torá judaica, inspirou um movimento inovador e desviante (sociologicamente falando).

Por outro lado, o estudo da participação e do protagonismo das mulheres no movimento de Jesus pode trazer muita luz sobre as igrejas de hoje que se interessarem em se apropriar do material e das reflexões apontadas nesta pesquisa.

No caso específico, o estudo voltou-se para as mulheres que frequentam comunidades de fé da CEI/Recife. A maneira como as mulheres foram tratadas, a oportunidade que elas possuíam de exercer liderança, enfim, o protagonismo delas no movimento de Jesus pode ser fator de inspiração e de mudança para melhor no quesito protagonismo e liderança efetiva das mulheres na CEI/Recife<sup>41</sup>.

O objetivo geral do estudo foi analisar a participação e o protagonismo das mulheres na CEI/Recife, no início do século XXI, à luz de estudos sobre o Movimento histórico de Jesus do Primeiro Século. Já os objetivos específicos foram os seguintes: 1) apresentar historicamente estudos sobre a valorização e o protagonismo de mulheres no movimento de Jesus, demonstrando sua perspectiva acolhedora face à condição de desvantagem em que viviam as mulheres no judaísmo majoritário do Primeiro Século; 2) investigar a atuação da mulher na CEI/Recife, apresentando aspectos relevantes que demonstrem a real situação e condição da mulher nessa comunidade cristã; e 3) identificar e aprofundar elementos que contribuam para o protagonismo das mulheres na CEI/Recife, à luz da compreensão do movimento de Jesus.

Considera-se que o objetivo geral foi alcançado. Os objetivos específicos, entretanto, foram atingidos parcialmente. Apenas onze mulheres aceitaram responder ao questionário proposto, o que limitou bastante o escopo da pesquisa. Tal fato tornou inviável o alcance do primeiro objetivo específico. Sobre os demais objetivos específicos, entendemos que foram plenamente conquistados.

Embora o primeiro objetivo específico tenha tido alcance parcial, os resultados da pesquisa foram muito satisfatórios. Em primeiro lugar, o questionário aplicado às onze voluntárias trouxe à luz fatos importantes. Com auxílio desse instrumento pôde ser verificado que o depoimento delas contrasta fortemente com a exclusão das mulheres efetuada pelos cânones da CEI.

Apesar dessa realidade canônica, a fala delas é de pessoas que estão bem encaixadas nas comunidades e que não acham equivocada a ordenação ao ministério pastoral ser restrito aos varões. Em suma, elas dizem que não há “base bíblica” para a ordenação de mulheres. Muito embora, repita-se, uma das mulheres

---

<sup>41</sup> No dia 6/02/2022, a PDC anunciou, em suas redes sociais ([https://www.instagram.com/p/CZpCbDrcLC/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/p/CZpCbDrcLC/?utm_medium=share_sheet)), o Culto “Elas”. Previsto para ocorrer na terceira quarta-feira de cada mês, o culto confere todo o protagonismo às mulheres, inclusive a pregação pública da Palavra de Deus. Essa iniciativa da PDC não guarda relação alguma com esta dissertação e parece apontar para um vento novo na CEI/Recife. Quem sabe?

questionadas respondeu que a religião cristã influencia nesse quesito, pois ensina que o homem é o que manda e a mulher tem que ser submissa a ele; três outras afirmaram que a não ordenação de mulheres para o ministério pastoral é fator trazido pela cultura da época.

Vale dizer que os cânones da CEI se afastam da pesquisa histórica mais aprofundada sobre o protagonismo das mulheres no movimento de Jesus e como a exclusividade masculina nas ordens sagradas parece estar sendo bem ensinada nas comunidades das mulheres voluntárias. Embora o Cânone nº 6 indique com todas as letras que as JE são compostas apenas de homens, uma das respondentes declarou fazer parte de uma dessas juntas. Isso pode apontar para uma superação da legislação pela dinâmica social.

Outro achado interessante é que nove mulheres enxergaram a CEI/Recife como instituição incentivadora de cargos de liderança por parte delas<sup>42</sup>. Contudo, elas mesmas também responderam que suas experiências nas comunidades de fé não são em cargos de liderança. Elas executam, portanto, atividades secundárias e de pequeno relevo nas comunidades.

É de importância capital para esta pesquisa, já que os cânones relacionados a gênero são muito claros sobre o *status* das mulheres, repetir que, ao menos canonicamente, a CEI afasta totalmente as mulheres da alta gestão das paróquias e das dioceses. Nesse sentido, causa espanto um fato cujo teor surpreende: não é tanto a vedação de ascenso de mulheres ao ministério pastoral mas sobretudo a limpidez com que isto é declarado nos cânones da CEI, afastando, assim, as mulheres da liderança e do protagonismo nas comunidades de fé. O tema, porém, a julgar pelas respostas dadas ao questionário, parece não incomodar as mulheres da CEI.

De forma semelhante, por esses cânones, a gestão política e normativa das comunidades fica adstrita aos varões; também a administração financeira na CEI é

---

<sup>42</sup> De fato, como dito no Capítulo Dois, elas exercem algum protagonismo, pois possuem formação teológica idêntica à dos homens, exercem coordenação pedagógica e ensino na EBD, Lideram efetivamente no Cursinho Feminino e ficam em paridade com varões nos ECC.

executada patriarcalmente; por fim, repita-se, são os varões que exprimem “a mente, a vontade, a voz e a palavra” de Deus. Não é demais repetir que a expressão “homem”, nos cânones da CEI, nunca se refere à espécie humana, mas sempre a varão. Entretanto, a percepção das mulheres cujas opiniões foram colhidas é favorável a respeito da situação delas no cotidiano da CEI/Recife. De início, em exame liminar, é possível apontar contradições entre os cânones e a autocompreensão das mulheres sobre a vida “vegetativa” delas nessas igrejas.

De um lado, a limpidez e a naturalidade com que os cânones expõem o fato segundo o qual a direção, o planejamento estratégico e os destinos da igreja são administrados por homens (varões). De outro lado, as respostas delas ao questionário evidenciaram pessoas que têm perfeita ciência de que as mulheres não podem alcançar o ministério pastoral, mas que opinam que a CEI está acertando nesse posicionamento, uma vez que “ordenar” mulheres não seria “ordenado” pela Bíblia. Nesse ponto, vale à pena repisar um outro aspecto: a distância que os cânones da CEI mantêm da pesquisa histórica acerca da participação e do protagonismo das mulheres no movimento de Jesus.

Embora os cânones sejam taxativos sobre a não participação de mulheres nas JE, uma delas respondeu que participa de uma dessas juntas. Isso indica, ao menos nesse caso pesquisado, a existência de uma letra morta nos cânones, suplantada pela realidade social de hoje segundo a qual mulheres exercem protagonismo em diversas áreas.

Nove mulheres responderam que a CEI as incentiva a participar de cargos de liderança nas comunidades. Contudo, essa sinalização, como já apontado, carrega consigo uma dissonância – ao mesmo tempo que respondem que a CEI as incentiva à liderança, suas experiências não são em funções de liderança. Elas atuam, portanto, em palcos marginais e se apresentam como atrizes coadjuvantes nas comunidades.

Contudo, é de igual importância, frisar com todas as letras que a autocompreensão que as mulheres entrevistadas têm de si mesmas como participantes das comunidades de fé da CEI/Recife é favorável, uma vez que esta pesquisa leva em conta a opinião dos “nativos” da fé estudada.

Em contraste com os resultados conseguidos, estão as dificuldades enfrentadas e as limitações reconhecidas. A principal dificuldade enfrentada na pesquisa foi o fato de eu ter contraído uma forma grave de COVID-19 (Síndrome

Respiratória Aguda Grave - SRAG), que praticamente obstou o andamento da pesquisa no primeiro semestre de 2021 (2021.1).

Além disso, no Mestrado é preciso muito foco, pois o prazo é curto para as atividades que tem de ser desenvolvidas – disciplinas, publicações e estágio-docência. Outra dificuldade foi a falta de apoio institucional para publicação em revistas científicas. Poucas são as revistas que aceitam submissões de mestrando sozinho, o que dificulta bastante a caminhada do estudante de Mestrado.

Quanto às limitações, a que mais me impactou foi a coleta de dados insuficiente. Poucas mulheres quiseram participar da pesquisa respondendo o questionário, apesar de meu esforço nesse sentido. É muito provável que a Pandemia de COVID-19 tenha sido um fator decisivo para essa ausência sentida. Outro aspecto limitante é a disponibilidade de pouco material de pesquisa sobre a CEI/IECB no âmbito da rede mundial de computadores.

No que diz respeito às melhorias, alguns aspectos da dissertação poderiam ser aprofundados, como detalhes acerca do movimento de Jesus. Os antecedentes sociorreligiosos poderão ser mais esmiuçados em pesquisas posteriores, uma vez que ajudam a compreender melhor o movimento de Jesus. Como exemplo, trago os temas do apocalipsismo e o traço carismático do movimento. Esses aspectos, contribuem para se entender por que os integrantes do movimento propunham a inversão de valores que lhes foi característica. Ou seja, isso permite entender, por exemplo, porque o movimento de Jesus se voltou com tanta propriedade para os desvalidos daquela sociedade, inclusive para as mulheres.

Se houvesse mais prazo para a pesquisa, talvez fosse possível aguardar mais tempo e insistir para que mais mulheres participassem da resposta ao questionário, de forma a ampliar a base de dados do estudo. Essa ampliação poderia trazer, quem sabe, outras informações importantes para o tema do protagonismo das mulheres na CEI/Recife.

Por último, uma associação plausível que pode ser levada a efeito é entre Canudos e as Comunidades de Jesus; isto é, entre Antônio Conselheiro e Jesus de Nazaré e os movimentos que eles lideraram. Guardadas as devidas proporções, a distância no tempo e no espaço, enxergamos no carisma de ambos os líderes muitas aproximações que talvez façam valer à pena empreender estudos nessa direção. Jesus de Nazaré, um carismático profeta judeu do Século I e sua comunidade de marginais numa região desértica; Conselheiro, um carismático

profeta cearense e sua comunidade de marginais no Sertão brasileiro. Indicamos essa pista de pesquisa para o futuro.

## REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOCK, Darrell L.; KOMOSZEWSKI, J. Ed (org.). **O Jesus histórico**: critérios e contextos no estudo das origens cristãs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. **Anglicanismo no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 36-47, setembro/novembro 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/article/download>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- CAMURÇA, Marcelo A. **O Brasil religioso que emerge do censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades** In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.) Religiões em movimento: o censo de 2010. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- COMUNHÃO EPISCOPAL INTERNACIONAL (CEI). **Cânones**. Recife: 2019.
- COMUNHÃO INTERNACIONAL DA IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA (CIIEC). Disponível em: <https://www.iccec.org/pt/>. Acesso em: 14 jan.2021.
- CORREIO. **Sofrendo em silêncio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sofrendo-em-silencio-evangelicas-sao-as-que-mais-buscam-o-loreto-valadares-por-violencia-domestica/>. Notícia de 10 jul. 2017. Acesso em: 05 jan.2020.
- COSTA, Marcos P. F. **A hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Elisabeth Schüssler Fiorenza**. VI Simpósio do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações [A mulher no contexto do Novo Testamento]. 2020. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/simpocris/simpocrisxx/paper/viewPaper/1606>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do Cristianismo**: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus? São Paulo: Paulinas, 2004.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.
- FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FIORENZA, Elisabeth S. **Sexismo como pecado estrutural e o discipulado feminino e masculino de iguais como lugar da experiência de Deus**. In: SCHERZBERG, Lucia. Pecado e graça na teologia feminista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FLUSSER, David. **Jesus**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha.** Matéria de 13 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FREYNE, Sean. **A Galileia, Jesus e os evangelhos:** enfoques literários e investigações históricas. São Paulo: Loyola, 1996.

GANGE, Françoise. **Jesus e as mulheres.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia:** período grego e vida de Jesus. 2ª Edição. São Paulo: Paulus; São Leopoldo-RS: CEB, 2011.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista.** 1 ed. eBook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HYPENESS. **40% das mulheres vítimas de agressões físicas e verbais são evangélicas.** Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/03/40-das-mulheres-vitimas-de-agressoes-fisicas-e-verbais-sao-evangelicas/>. Acesso em: 05 jan.2020.

IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA DO BRASIL (IECB). Disponível em: <http://novo.iecbrasil.com.br/>. Acesso em: 16 jan. 2021.

IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA DO BRASIL (IECB). Disponível em: <http://catedralsstrindade.blogspot.com/search/label/hist%C3%B3ria%20da%20igreja>. Acesso em 30 abr. 2022.

MCCANN, Hannah et al. **O livro do feminismo.** Rio de Janeiro: Globo, 2019.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **O Jesus histórico a partir de memórias fantásticas.** In: CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele (org.). A descoberta do Jesus histórico. São Paulo: Paulinas, 2009.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 1987.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. **57% das mães que criam filhos sozinhas vivem na pobreza.** 2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-57-das-maes-que-criam-filhos-sozinhas-vivem-na-pobreza/10/05/2019/>. Acesso em: 13 jun.2020.

PERRONI, Marinella. **As mulheres da Galileia:** presenças femininas na primeira comunidade cristã. São Paulo: Loyola, 2017.

PORTAL R7. **Mulheres ainda ganham 20,5% a menos do que homens, diz IBGE.** 2019. <https://noticias.r7.com/economia/mulheres-ainda-ganham-205-a-menos-do-que-homens-diz-ibge08032019>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PIRES, Álvaro P. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais.** In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

REIMER, Ivone Richter. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres:** textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

RIES, Julien. **A ciência das religiões:** história, historiografia, problemas e método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SOUZA, Carolina Bezerra de. **Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos: paradigmas de relação de gênero**. Dissertação (mestrado) – PUC/GO, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/872/1/CAROLINA%20BEZERRA%20DE%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo**: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. São Leopoldo-RS: Sinodal/EST, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.) **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de cultura teológica** (PUC-SP). v. 18- n. 72. Out-Dez 2010.

THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus**: história social de uma revolução de valores. São Paulo: Loyola, 2008.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: um manual. São Paulo: Loyola, 2002.

VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

VILHENA, Valéria Cristina. **Uma igreja sem voz**: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

WEA. **World Evangelical Alliance**. Disponível em: <https://worldea.org/en/who-we-are/who-are-evangelicals>. Acesso em: 2 jun. 2020.

WIKIPÉDIA. **Cursilho**. 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cursilho>. Acesso em: 30 abr. 2022.

**ANEXO I**  
**QUESTIONÁRIO APLICADO**

| <b>IDENTIFICAÇÃO DA MULHER</b>   |
|--|
| Idade:   |
| Ocupação principal (profissão):  |
| CPF (não será utilizado para nenhum fim; é apenas para ser arquivado em garantia de que as voluntárias foram mulheres reais e que, portanto, houve idoneidade da pesquisa):  |
| Bairro e cidade onde reside:   |
| Bairro onde está sua igreja:   |
| <b>ORIENTAÇÃO PARA PREENCHIMENTO</b>   |
| A maioria das perguntas requer apenas uma resposta; entretanto, se você achar que deve, pode marcar mais de uma alternativa e ainda fazer algum acréscimo breve sobre o aspecto abordado.  |
| <b>PERGUNTAS</b>   |
| <p><b>1.</b> Que nível de escolaridade você completou até esta data?</p> <p>( ) Fundamental      ( ) Médio      ( ) Superior</p> <p>( ) Especialização / Residência      ( ) Mestrado      ( ) Doutorado</p> <p>( ) Nenhum      ( ) Outro: _____</p>   |
| <p><b>2.</b> Há quanto tempo você congrega na Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB)?</p> <p>( ) Menos de 6 meses      ( ) Entre 6 meses e 1 ano      ( ) Entre 1 e 3 anos</p> <p>( ) entre 3 e 5 anos      ( ) Entre 5 e 8 anos</p> <p>( ) Entre 8 e 10 anos      ( ) Outro: _____</p> |
| <p><b>3.</b> Qual seu estado civil?</p> <p>( ) Solteira      ( ) Casada      ( ) Divorciada</p> <p>( ) Outro: _____</p>  |
| <p><b>4.</b> Em caso de ser casada, seu cônjuge é pastor?</p> <p>( ) sim      ( ) não</p>  |
| <p><b>5.</b> Diariamente, jornais estampam notícias de mulheres que sofrem injustiças sociais apenas por serem mulheres (violência, salários baixos, chefia solitária de famílias, etc). Você, como mulher cristã, já teve oportunidade de fazer algo para atenuar esse tipo de injustiça?</p> |

|  |
|--|
| <hr/> <hr/>  |
| <p><b>6.</b> Você conhece alguma mulher que seja chefe de família sozinha?</p> <p>( ) Sim, quantas: _____ ( ) Não</p>  |
| <p><b>7.</b> Você conhece alguma mulher que reclame/comente etc, o fato de ter salário menor que algum homem, apesar de ter a mesma qualificação que ele e exercer atividade idêntica ou equiparada a dele?</p> <p>( ) Sim, quantas: _____ ( ) Não</p>   |
| <p><b>8.</b> A violência é um comportamento presente na sociedade. Assinale o que para você seria violência (pode ser mais de uma).</p> <p>( ) Agressão física ( ) Abandono emocional</p> <p>( ) Agressão verbal ( ) Grito</p> <p>( ) Ser rude ( ) Assédio moral ( ) Insinuação maldosa</p> <p>( ) Outro: _____</p>  |
| <p><b>9.</b> Você conhece alguma mulher que tenha sofrido violência doméstica?</p> <p>( ) Sim, quantas: _____ ( ) Não</p>  |
| <p><b>10.</b> É muito difícil dentro de um relacionamento abusivo a mulher perceber quando o tratamento do parceiro passou do ponto. Muitas vezes as nuances são tão sutis que só são percebidas quando outro nos fala, seja no trabalho, no grupo de amigos, na família. Você já presenciou algo semelhante?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>Você fez algo para ajudar essa mulher?</p> <hr/> <hr/> <hr/> |
| <p><b>11.</b> Sei que a IECB não ordena mulheres para o ministério pastoral. Você se sente confortável/satisfeita/tranquila/em paz com essa posição?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p>  |
| <p><b>12.</b> Resumidamente, como você justificaria sua resposta dada à pergunta anterior (nº 11)?</p>   |

|   |
|---|
| <p><b>13.</b> A IECB incentiva a participação feminina em cargos/ situações de liderança e gestão?</p> <p>( ) Sim                    ( ) Não</p>  |
| <p><b>14.</b> Em que atividade(s) da IECB você atua ou atuou? (pode ser mais de uma)</p> <p>( ) Canto</p> <p>( ) Baterista</p> <p>( ) Grupo de oração</p> <p>( ) Grupo de visitação</p> <p>( ) Gestão de finanças da igreja</p> <p>( ) Atividades relacionadas ao culto</p> <p>( ) Pregação no culto dominical</p> <p>( ) Limpeza e conservação</p> <p>( ) Obras de construção</p> <p>( ) Bazares</p> <p>( ) Participação e decisão na alocação de recursos financeiros</p> <p>( ) Apenas frequente</p> <p>( ) Outro: _____</p> |
| <p><b>15.</b> Conforme o Censo Religioso de 2010 do IBGE, o Brasil é um país em que a maioria das pessoas se declara cristã (entre católicos e evangélicos). Assim, na sua opinião, por que ocorrem tantas injustiças com as brasileiras (violência, salários baixos, chefias solitárias de famílias)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>   |
| <p><b>16.</b> Gostaria de acrescentar mais alguma consideração?</p> <p>( ) Sim, qual: _____</p> <p>( ) Não</p>  |

**ANEXO II**  
**CÂNONES 5, 6 e 7 DA CEI**

COMUNHÃO EPISCOPAL INTERNACIONAL  
CÂNONES

Recife, Pernambuco — 14 de setembro de 2019.

**Capítulo I – Da Estrutura e da Administração**

(...)

Cânon Cinco: Das Igrejas

página 13

**Capítulo II – Do Governo**

(...)

Cânon Seis: Do Governo por Consenso

página 16

**Capítulo III – Dos Ministérios**

(...)

Cânon Sete: Das Ordens da Igreja

página 17

**PREÂMBULO:**

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil – IECB, Igreja mãe da Comunhão Episcopal Internacional (CEI), faz parte do chamado Movimento de Convergência.

Não somos uma dissidência, não nascemos de uma ruptura, mas de um retorno às raízes de um cristianismo plantado por Cristo. Nossa Igreja busca encontrar-se com os tesouros da tradição cristã, num mundo cada vez mais apático a eles, e ao mesmo tempo responder ao homem moderno com sua linguagem e aos seus dilemas.

O Movimento de Convergência, no qual estamos inseridos, é assim o retorno à fonte de água viva, na busca de matar a sede de um homem que vive de dilemas. É o

sopro do Espírito Santo na história da Igreja Cristã, que sempre caminhou numa estrada de rupturas e isolamentos; é o retorno à unidade primeira.

Uma igreja convergente não é uma igreja apenas sacramental, nem uma igreja apenas evangélica e nem tampouco uma igreja apenas carismática. Somos um movimento que busca retornar a essas três tradições bíblicas que permearam o início da Igreja, de uma forma relacional. Queremos integrar em nossas vidas o ser sacramental, evangélico e carismático.

**Há uma nova reforma acontecendo**, por meio do Movimento de Convergência, essa agora de retorno a uma vida de plenitude desta Igreja Cristã, antes das rupturas, a restauração de uma Igreja Apostólica, Santa, Católica e que vive toda a plenitude do Reino de Deus.

Assim o Movimento de Convergência é uma busca pelo renascimento de uma **espiritualidade integral** na vida da Igreja.

Por meio de **uma vida sacramental**, que se relaciona com um Deus presente na história e que nos deixou elementos e ritos que são expressões visíveis de sua presença invisível.

De **uma vida evangélica**, que compreende a necessidade do homem converter-se a Deus, por meio de Cristo, e viver uma vida de relação com Ele através

de sua palavra escrita, as Sagradas Escrituras.

De **uma vida carismática**, que se situa na compreensão de que a presença pessoal de Deus em nossas vidas, através do Espírito Santo, é real e quer nos mover a uma vida de intimidade com o Pai, por meio do Filho. O Espírito Santo não é uma fonte de poder, mas de relação. Ser carismático é relacionar-se com a Trindade pelo Espírito Santo, aquele que distribui os dons e carismas ao corpo de Cristo, sempre na busca de edificar o corpo.

Essas três tradições andam juntas, tendo como centro de convergência uma vida litúrgica, pois é nela que se celebra o Deus Trino. Assim, o evangelical, o Sacramental e o carismático querem nos levar a uma vida de intimidade e transformação em nossa relação litúrgica com o Deus Pai, criador; Filho, redentor; e o Espírito Santo, consolador, formando uma comunidade entre nós, seu corpo e Ele.

O Movimento de Convergência é uma convocação a um reavivamento de Deus em nossa Igreja, e nós da Igreja Episcopal Carismática do Brasil – IECB saudamos esse reavivamento com júbilo.

**† Arcebispo Primaz Paulo Garcia**

## **CÂNON CINCO: DAS IGREJAS.**

I – A Igreja não tem limites geográficos e pode ser uma Catedral, uma Paróquia ou uma Missão, consistindo em todas as pessoas nela registradas como membros confirmados e tendo como Pastor-Chefe o Bispo Diocesano, que é representado nas Paróquias e Missões, respectivamente, pelo Reitor e pelo Ministro Encarregado, trabalhando todos em unidade com o povo para estabelecer e fazer prosperar a Igreja de Deus no mundo.

II – A Catedral é a Igreja mãe e permanente da Diocese, tendo como Reitor o Bispo Diocesano.

III – A Paróquia é uma Igreja autossuficiente, capaz de se sustentar por meio dos dízimos e ofertas de seus membros, formada pelo menos por dez famílias e tendo como Reitor um Presbítero.

IV – A Missão é uma Igreja não autossuficiente, que depende de apoio diocesano e de outras fontes ou estratégias para economizar gastos, como a utilização de um clero bivocacionado, tendo como Ministro Encarregado um Presbítero, um Diácono ou, excepcionalmente, um Ministro Comissionado.

V – O Pároco ou Reitor da Paróquia, como representante do Bispo Diocesano, é a autoridade efetiva para todos os assuntos sobre questões de culto, ordem e disciplina no âmbito da Paróquia. Os deveres do Pároco incluem:

- a) Divulgar a Palavra de Deus à Igreja e ao mundo no âmbito da Paróquia;
- b) Conduzir a Paróquia na elaboração e implementação da visão e estratégia da CEI;
- c) Servir como guardião principal da fé e da liturgia da Igreja no espaço da Paróquia;
- d) Realizar consultas pastorais com o clero e os membros leigos de sua Paróquia;
- e) Pregar a Palavra de Deus;
- f) Celebrar os Sacramentos, com exceção da confirmação e da sagrada ordem, que são Sacramentos ministrados exclusivamente por um Bispo.
- g) Os Ministros Comissionados Encarregados da Missão poderão concelebrar o Sacramento da Eucaristia, ministrando os elementos previamente consagrados por um Bispo ou Presbítero, observadas as devidas restrições.

VI – O Ministro Encarregado da Missão, como representante do Bispo Diocesano, é a autoridade efetiva para todos os assuntos sobre questões de culto, ordem e disciplina no âmbito da Missão. Os deveres do Ministro Encarregado incluem:

- a) Divulgar a Palavra de Deus à Igreja e ao mundo no âmbito da Missão;

- b) Conduzir a Missão na elaboração e implementação da visão e estratégia da CEI;
- c) Servir como guardião principal da fé e da liturgia da Igreja no espaço da Missão;
- d) Realizar consultas pastorais com o clero e os membros leigos de sua Missão;
- e) Pregar a Palavra de Deus;
- f) Celebrar os Sacramentos, caso seja ministro ordenado (observadas as restrições do diaconato), com exceção da confirmação e da sagrada ordem, que são Sacramentos ministrados exclusivamente por um Bispo.

VII – O Reitor e o Ministro Encarregado, como representantes do Bispo Diocesano, terão autoridade em assuntos de administração, orientação pastoral e disciplina no âmbito da Paróquia ou Missão, em conformidade com as Escrituras Sagradas, a tradição apostólica e estes Cânones.

VIII – Todos os funcionários da Igreja, seja Catedral, Paróquia ou Missão, são contratados pelo respectivo Reitor ou Ministro Encarregado; ele é o empregador oficial da Igreja;

IX – O Reitor ou o Ministro Encarregado tem a responsabilidade e autoridade no desembolso de todos os fundos da Igreja e administra sua arrecadação, devendo manter um registro financeiro preciso dessas operações.

X – A Junta Eclesial (JE) da Catedral é formada pelo Bispo Diocesano (Reitor) e pelos Bispos Auxiliares e Coadjutor, que são seus membros permanentes, e, facultativamente, por outros membros confirmados da Catedral, escolhidos pelo Bispo Diocesano, em consenso com a Junta, e se reunirá, no mínimo, duas vezes por ano.

XI – A Junta Eclesial (JE) da Paróquia é formada pelo Reitor e demais clérigos, que são seus membros permanentes, e, facultativamente, por outros homens, que sejam membros confirmados da Paróquia, escolhidos pelo Reitor, em consenso com a Junta, e se reunirá, no mínimo, duas vezes ao ano.

XII – O Conselho Diocesano (CD) funcionará como Junta Eclesial (JE) da Missão e se reunirá sob a presidência do membro sênior do Conselho, por solicitação do Ministro Encarregado e com a participação obrigatória deste.

XIII – A JE é a principal casa de oração e o corpo governante da Igreja, guardiã da visão da Igreja e autoridade decisiva e final na Igreja, seja Catedral, Paróquia ou Missão, sob a liderança do Reitor, que preside as sessões.

a) A JE deve:

- 1) Estabelecer políticas e normas para a Igreja;
- 2) Apreciar os relatórios financeiros regulares da Igreja;

3) Atuar sob as regras de governo por consenso, expressando a mente, a vontade, a voz e a palavra do Senhor.

b) A JE é dissolvida, salvo no caso das Missões, quando um novo Reitor é instalado, cabendo ao Bispo Diocesano formar uma JE provisória, com a participação dos eventuais membros permanentes, que, por sua vez, será dissolvida em seis meses e substituída por uma nova JE escolhida pelo Reitor, em consenso com os membros permanentes.

c) Nos períodos entre as reuniões da JE, o Reitor é a autoridade delegada pelo Bispo Diocesano responsável por tomar decisões executivas e agir em nome da Igreja.

XIV – A Paróquia e a Missão serão providas por:

a) Dízimos dos seus membros;

b) Ofertas especiais, doações ou legados;

c) Ofertas designadas desde que autorizadas pela JE.

XV – A Igreja deve manter um registro preciso dos batismos, confirmações, casamentos, funerais e outras informações relevantes, como dízimos e ofertas recebidas e despesas efetuadas, a critério do Bispo Diocesano.

a) A Igreja deve apresentar, anualmente, relatório ao Gabinete do Bispo Diocesano, contendo todas as informações acima indicadas e outras eventualmente solicitadas pelo Bispo Diocesano.

XVI – Os bens imóveis próprios destinados ao culto público e a outros usos pelas Igrejas devem ser escriturados e registrados, na forma da legislação civil, em nome da Diocese que detenha a jurisdição eclesiástica, somente podendo ser alienados ou gravados por decisão da Câmara dos Bispos ou Conselho hierarquicamente superior a esse.

XVII – Qualquer Igreja que deseje ser recepcionada pela CEI deverá formular essa pretensão em carta de intenção e se desligar de sua antiga denominação, sendo admitida como uma Igreja em trânsito pelo período estabelecido pelo Bispo Diocesano, que instruirá sua liderança em relação às três correntes da fé cristã (“adoração convergente”), dízimos, governo por consenso, cânones e organização estrutural da CEI.

## **CAPÍTULO II – DO GOVERNO**

### **CÂNON SEIS: DO GOVERNO POR CONSENSO**

I – Em todos os níveis, a CEI é governada por líderes que escolhem outros homens para servirem em Conselhos. Os Conselhos devem funcionar de acordo com a regra

do governo por consenso.

II – O consenso é uma ordem de governo baseada numa aliança, uma submissão da vontade de cada líder à vontade do Espírito Santo, uma submissão aberta e honesta àquele separado por Deus como o Líder dos líderes.

III – O consenso consiste em ouvir a voz de Deus; discernir a direção dada pelo Espírito Santo. É o modelo bíblico de governo (At 15.22-28), em que se ouve a voz de Deus para a sua Igreja.

IV – O consenso não requer um voto majoritário; não requer unanimidade; não é ditado por uma única pessoa. O consenso é a determinação de homens que, de boa vontade, aceitam abrir mão de suas próprias ideias, a fim de descobrir qual é a vontade de Deus.

V – O processo do governo por consenso funciona assim: os membros de um Conselho, de maneira livre, compartilham suas ideias a respeito de um assunto e, no contexto de oração dessa discussão, a orientação do Espírito Santo é discernida, podendo vir pela uniformidade de todos ou apontar para uma única posição divergente. É como o vento. Não podemos vê-lo, mas podemos perceber para onde está soprando.

VI – Governar por consenso não significa que a Igreja não confia em seus líderes, mas sim que seus líderes não confiam em si mesmos, ou seja, em suas limitações, e, assim, desejam ouvir, em conjunto com outros, o que Deus está falando para a Igreja.

VII – Os membros de um Conselho, para estabelecer o verdadeiro governo por consenso, devem ser honestos, ter amor suficiente para dizer a verdade, ser sinceros e desejarem dizer exclusivamente o que Deus está falando para a Igreja.

VIII – Os Conselhos, além de servirem para ouvir a Palavra de Deus para a Igreja, servem também para discernir a vontade de Deus para as vidas e ministérios de seus integrantes.

16IX – Nos Conselhos, os mais novos falam primeiro, de modo a evitar que sejam influenciados pelos mais antigos e experientes. A ordem não é ditada pela idade cronológica, devendo respeitar a data de sagração, ordenação ou de entrada no Conselho, salvo quando essas datas coincidirem.

X – Os assuntos tratados nos Conselhos não devem ser discutidos fora deles, inclusive no âmbito familiar dos membros, especialmente quanto às questões de natureza confidencial.

XI – A oração é o fundamento do governo por consenso, permitindo que Cristo fale e seja verdadeiramente o cabeça da Igreja.

## **CAPÍTULO III – DOS MINISTÉRIOS**

### **CÂNON SETE: DAS ORDENS DA IGREJA**

I – A CEI afirma o sacerdócio de todos os crentes e que todos os cristãos batizados são ministros da Igreja.

II – As ordens da Igreja são Bispos, Presbíteros e Diáconos.

III – O termo “clero” se refere aos Ministros Ordenados, que são os Bispos, os Presbíteros e os Diáconos, cujas ordens estão inseridas na linha de sucessão do Episcopado Histórico da Igreja de Cristo.

IV – O Ministro Ordenado é chamado para equipar e liderar a Igreja, administrar os sacramentos, proclamar as boas novas da salvação para todas as pessoas e oferecer a Deus os sacrifícios de louvor e ações de graças por meio da mordomia do tempo, da energia, das finanças e dos dons espirituais.

V – São qualificações necessárias do Ministro Ordenado:

- a) Ser um homem confirmado na CEI;
- b) Ter o chamado ministerial de Deus afirmado pela Igreja e por seu Bispo;
- c) Aderir aos Cânones, doutrina e autoridade da CEI;
- d) Ser fiel no serviço, no dízimo e na doação de seu tempo e talento;
- e) Defender e acreditar na forma bíblica de família e na santidade da vida humana desde a concepção até a morte natural;
- f) Não ser membro de sociedades secretas, por serem contrárias ao testemunho das Sagradas Escrituras e da Igreja.

17VI – Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos, sagrados em linha de sucessão apostólica, e são os pastores principais do rebanho de Cristo e ícones do governo da Igreja, exercendo o sacerdócio em sua plenitude. Os Bispos detêm a autoridade e a plena graça sacramental da Igreja.

VII – Os Presbíteros são sacerdotes ordenados por um Bispo em sucessão apostólica e são ícones da vida sacrificial e obediente de Cristo. O Presbítero serve debaixo da autoridade do Bispo, tendo por principais responsabilidades celebrar a Eucaristia, batizar, servir como pastor e mestre e administrar os assuntos da Igreja como representante do Bispo.

VIII – Os Diáconos são ordenados por um Bispo em sucessão apostólica e são ícones do Cristo-Servo, não exercendo função sacerdotal. O Diácono serve diretamente debaixo da autoridade do Bispo, podendo ser supervisionado pelo Reitor da Paróquia em que servir, nos termos estabelecidos pelo Bispo.

IX – O Bispo, além de ter as qualificações gerais indicadas no item V do presente Cânon, deve:

- a) Ter no mínimo trinta anos de idade;
- b) Caso seja casado, estar em primeiras núpcias, ressalvados os casos pretéritos já consolidados na data de publicação destes Cânones;
- c) Ter sido ordenado Presbítero anteriormente;
- d) Estar apto a pregar a Palavra de Deus para a Igreja e para o mundo e celebrar os sacramentos para o povo de Deus;
- e) Celebrar com exclusividade os sacramentos da sagrada ordem e da confirmação, bem como consagrar o óleo da unção e instituir Ministros Comissionados e Acólitos;
- f) Promover o ecumenismo entre as diversas denominações da Igreja de Cristo;
- g) Atender os Presbíteros e escutá-los como assistentes e conselheiros, protegendo seus direitos e cuidando para que cumpram suas obrigações;
- h) Promover vocações para os diferentes ministérios da Igreja e para a vida consagrada, especialmente no tocante às vocações pastorais e missionárias;
- i) Explicar aos membros da Igreja as verdades da fé que devem ser cridas e aplicadas à moral;
- j) Promover a unidade da Igreja e ser guardião de sua liturgia;
- k) Proteger a integridade e a unidade da fé no âmbito de sua jurisdição;
- l) Ser o principal distribuidor dos mistérios de Deus, especialmente do mistério pascal, esforçando-se para que a fé cristã confiada aos seus cuidados cresça em graça por meio da celebração dos sacramentos;
- m) Promover a disciplina eclesiástica, estimulando o cumprimento dos preceitos canônicos e exercitando a vigilância para que não ocorram abusos em relação ao ministério da pregação da Palavra, celebração dos sacramentos, adoração e administração dos bens da Igreja.

X – O Bispo Auxiliar serve debaixo da liderança do Bispo Diocesano e não tem direito à sua sucessão imediata em caso de vacância, enquanto que o Bispo Coadjutor é um Bispo Auxiliar que tem direito à sucessão imediata do Bispo Diocesano.

XI – O Presbítero, além de ter as qualificações gerais indicadas no item V do presente Cânon, deve:

- a) Ter no mínimo vinte e quatro anos de idade;

- b) Caso seja casado, estar no máximo em segundas núpcias (interpretação sistemática de Mt 19.9, 1Co 7.15 e 1Tm 3.4,5);
- c) Completar as fases postulatória e preparatória para o presbiterato, atendendo às suas exigências, tudo conforme estabelecido nos presentes Cânones;
- d) Ser responsável pelo discipulado e edificação na fé do povo de Deus confiado aos seus cuidados pelo Bispo Diocesano;
- e) Como representante do Bispo Diocesano na Paróquia ou Missão, estimular a família de Deus a viver em um só Espírito;
- f) Celebrar os sacramentos, salvo os sacramentos da sagrada ordem e da confirmação;
- g) Ensinar e pregar a Palavra de Deus;
- h) Exercer a supervisão pastoral e administrativa da Paróquia ou Missão que lhe foi confiada pelo Bispo Diocesano.

XII – O Diácono, além de ter as qualificações gerais indicadas no item V do presente Cânon, deve:

- a) Ter no mínimo vinte e um anos de idade;
- b) Caso seja casado, estar no máximo em segundas núpcias (interpretação sistemática de Mt 19.9, 1Co 7.15 e 1Tm 3.4,5,12);
- c) Completar as fases postulatória e preparatória para o diaconato, atendendo às suas exigências, tudo conforme estabelecido nos presentes Cânones;
- d) Cuidar dos doentes, pobres e necessitados;
- e) Dar assistência aos Bispos e aos Presbíteros na administração dos sacramentos na realização da liturgia do culto público;
- f) Celebrar os sacramentos do batismo, confissão (salvo a absolvição) e matrimônio, bem como realizar a visitação aos enfermos e ofícios fúnebres, tudo sob a orientação do Bispo Diocesano;
- g) Ensinar e pregar a Palavra de Deus;
- h) Dar assistência na administração da Igreja.